



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MIRIAN JOSSETTE DE SOUSA OLIVEIRA**

**“LIDAR COM O BARRO É QUE NEM LIDAR COM GENTE”: HISTÓRIA LOCAL  
E O MANEJO DO TEMPO PELAS MÃOS DAS LOICEIRAS DO BAIRRO SÃO  
JOSÉ NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2020**

**MIRIAN JOSSETTE DE SOUSA OLIVEIRA**

**“LIDAR COM O BARRO É QUE NEM LIDAR COM GENTE”: HISTÓRIA LOCAL  
E O MANEJO DO TEMPO PELAS MÃOS DAS LOICEIRAS DO BAIRRO SÃO  
JOSÉ NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras-PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

**Orientadora:** Dra. Viviane Gomes de Ceballos.

**CAJAZEIRAS - PB**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

- O4281 Oliveira, Mirian Jossette de Sousa.  
“Lidar com o barro é que nem lidar com gente”: história local e o manejo do tempo pelas mãos das loiceiras do bairro São José na cidade de Cajazeiras - PB / Mirian Jossette de Sousa Oliveira. - Cajazeiras, 2020.  
97f.  
Bibliografia.
- Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.  
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2020.
1. História local. 2. Cajazeiras-PB. 3. Loiceiras. 4. Cultura do barro. 5. Artesanato. I. Ceballos, Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

**MIRIAN JOSSETTE DE SOUSA OLIVEIRA**

**“LIDAR COM O BARRO É QUE NEM LIDAR COM GENTE”: HISTÓRIA LOCAL  
E O MANEJO DO TEMPO PELAS MÃOS DAS LOICEIRAS DO BAIRRO SÃO  
JOSÉ NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras-PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos (UACS/CFP/UFCG)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Ana Rita Uhle (ILAACH/UNILA)  
Examinadora externa

---

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo (UACS/CFP/UFCG)  
Examinadora interna

---

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (UACS/CFP/UFCG)  
Suplente

*À Eudetrude Maria e Maria Lourdes, dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata à minha mama Eudetrude Maria, que fez tudo que pôde para que eu tivesse acesso à educação e pudesse ingressar em uma graduação, com quem aprendi a importância de manejar a terra e as palavras. Por seus ouvidos atenciosos e braços abertos, por me apoiar e não ferir a minha autonomia mesmo quando não compreendia tão bem as minhas escolhas. Honro a você e todas as outras agricultoras que tiveram os estudos interrompidos pelas imposições patriarcais.

À dona Lourdes e sua família por ter possibilitado esta pesquisa, me acolhido em sua casa, na feira e pela breve formação como loiceira, foi uma experiência incrível “mexer com o barro” e aprender tanto com vocês! Obrigada pela abertura e a confiança com a qual construímos relações que excederam os sentidos deste trabalho.

Esses encontros e as discussões desta pesquisa foram viabilizados pelo projeto de extensão “Produzindo história(s) local(is): Cultura material e memória na perspectiva dos moradores da cidade de Cajazeiras - PB”. Por isso, agradeço aos integrantes pelas trocas de saberes e resalto a importância do diálogo entre a universidade e a comunidade.

Agradeço muito à minha orientadora Viviane Ceballos, que me fez acreditar na relevância desta pesquisa, por ter me ajudado a caminhar sempre que estive desestimulada, e, principalmente, por todo apoio, compreensão e estímulo para concluir esse ciclo diante de uma conjuntura tão difícil.

À Ana Rita Uhle pela afetividade na relação, pelas primeiras orientações, discussões dentro e fora da sala de aula e o incentivo a todas as pesquisas e atividades políticas que me propus a desenvolver na universidade. Por quem sinto um carinho e uma saudade imensa.

À Rosilene Melo pelas melhores aulas de Teoria da História e por ter me auxiliado com as leituras que eu necessitava para melhorar a elaboração das problemáticas e as questões presentes neste trabalho.

Aos professores... Rodrigo Ceballos, pelas conversas (vulgo embates) e o entusiasmo no acolhimento das propostas do CA sob a construção coletiva. À Neto pelos direcionamentos nas aulas de projeto de pesquisa e a Israel pelas contribuições acerca da história local e pelos livros que nunca irei devolver (brincadeira, rs).

Aos meus amigos Chico e Inácio, pelas relações que construímos e por tantas coisas bonitas que vivemos em “Cajá City”. À Tatiana, pelas parcerias e por termos nos apoiados tanto em trajetórias tão parecidas. À Isabelle, por se fazer presente nesse processo.

Aos vínculos afetivos que construí no Centro Acadêmico de História, dentro da proposta de construção coletiva, em especial à Karolaine, Pamela, Tainara, Raquel, Kelly, Antônio e Japhet, por todas as discussões que fizemos e atividades que propomos. Vocês foram fundamentais à minha formação acadêmica e política.

Aos servidores e, em especial, aos trabalhadores e trabalhadoras do serviço terceirizado que mantêm a universidade limpa, verde e funcionando.

## RESUMO

Partindo da crítica à história local oficial através do projeto de extensão “Produzindo história(s) local(is): Cultura material e memória na perspectiva dos moradores da cidade de Cajazeiras -PB”, a presente pesquisa tem como objetivo a discussão da historiografia local em multiplicidade, tomando como base as narrativas das loiceiras do bairro São José, atravessando a cidade mediante a cultura do barro. Nesse sentido, problematizamos os “mitos de origem” por trás de algumas comunicações simbólicas presentes em Cajazeiras e os interesses que circundam essa alegoria. Em contrapartida, dentro do cotidiano, recorrendo a Certeau (2007), pensamos sobre as táticas que possibilitam outras existências neste lugar. A partir dos diários etnográficos sobre a produção das louças de barro e entrevistas aos passantes da feira livre aos sábados, aliamos a criação e as interações na comercialização das peças para perceber as mudanças e permanências no local e no ofício de loiceira caracterizando esses processos, através de Canclini (2019), como “híbridos”. Ao compreender essas questões e as disparidades de vivências narradas nesse espaço, tratamos sobre o “tempo do barro”, uma temporalidade que corre à contramão da “reprodutibilidade técnica da arte”, conceituada por Benjamin (2019), na qual as concepções artísticas são maquinadas e normatizadas a outro ritmo, o imediato. Para tanto, discutimos as técnicas, heranças e reinvenções dentro da prática desse grupo.

**Palavras-chave:** História local. Cultura do barro. Artesanato.



## RESUMEN

Partiendo de la crítica a la historia local oficial a través del proyecto de extensión “Produzindo história(s) local(is): Cultura material e memória na perspectiva dos moradores da cidade de Cajazeiras -PB”, la presente pesquisa tiene como objetivo la discusión de la historiografía local en multiplicidad, tomando como base las narrativas de las artesanías del barrio São José, cruzando la ciudad mediante la cultura con el barro. En ese sentido, problematizamos los “mitos de origen” por detrás de algunas comunicaciones simbólicas presentes en Cajazeiras y los intereses que rodean esa alegoría. En contrapartida, adentro del cotidiano, recorriendo a Certeau (2007), pensamos sobre las tácticas que posibilitan otras existencias en ese lugar. A partir de los diarios etnográficos a cerca de la producción de las lozas de barro y entrevistas a los pasantes de la feria libre a los sábados, aliamos la creación y las interacciones en la comercialización de las piezas para percibir los cambios y permanencias en el local y en el oficio de lozera caracterizando esos procesos, a través de Canclini (2019), como “híbridos”. Comprendiendo esas cuestiones y las disparidades de vivencias narradas en ese espacio, tratamos a cerca del “tiempo del barro”, una temporalidad que corre en contra de la “reproducibilidad técnica del arte”, conceptuada por Benjamin (2019), en la cual las concepciones artísticas son maquinadas y normatizadas a otro ritmo, el inmediato. Para tanto, discutimos las técnicas, herencias y reinenciones dentro de la práctica de ese grupo.

**Palabras-clave:** Historia local. Cultura del barro. Artesanía.

## ABSTRACT

Starting from the criticism of the official local history through the extension project “Producing local history(s): Material culture and memory from the perspective of residents of the city of Cajazeiras -PB”, this research aims to discuss local historiography in multiplicity, based on the narratives of the potteries artists of the São José neighborhood, crossing the city through the culture of clay. In this sense, we problematize the “myths of origin” behind some symbolic communications present in Cajazeiras and the interests surrounding this allegory. On the other day, within daily life, using Certeau (2007), we think about the tactics that enable other existences in this place. From the ethnographic diaries about the production of clay crockeries and interviews with passers-by of the free fair on Saturdays, we combine the creation and interactions in the commercialization of the parts to perceive the changes and permanence in the place and in the office of potteries artists characterizing these processes, through Canclini (2019), as “hybrids”. By understanding these issues and the disparities of experiences narrated in this space, we deal with the “time of clay”, a temporality that runs against the “technical reproducibility of art”, conceptualized by Benjamin (2019), in which artistic conceptions are machined and standardized at another rate, the immediate. In order that, we discuss the techniques inheritances and reinventions within the practice of this group.

**Keywords:** Local history. Clay culture. Crafts.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os pontos vermelhos marcam a localização dos monumentos .....	20
Figura 2 – Quartinha.....	34
Figura 3 – Moringa.....	35
Figura 4 – Pote.....	35
Figura 5 – Panela redonda .....	37
Figura 6 – Panela "aberta" .....	37
Figura 7 – Boleira de caco.....	38
Figura 8 – Prato para torrar café e farinhas .....	38
Figura 9 – Cuscuzeira.....	38
Figura 10 – Identificação do barro de louça .....	47
Figura 11 – Barro cavado .....	48
Figura 12 – Pisando o barro.....	49
Figura 13 – Peneirando o barro .....	50
Figura 14 – Molhando o barro.....	51
Figura 15 – Acabamento nas bordas das bacias .....	52
Figura 16 – Sabugo e cabaça, instrumentos de trabalho.....	53
Figura 17 – Faca e pente, instrumentos de trabalho .....	54
Figura 18 – "Dando o brilho" .....	55
Figura 19 – A queima.....	56
Figura 20 – Percurso do bairro São José ao centro.....	57
Figura 21 – Exposição das peças na feira.....	58
Figura 22 – Clientes observando as peças na feira.....	59

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1: O LOCAL EM SINGULARIDADE HISTÓRICA: A CONSTRUÇÃO DOS MITOS DE ORIGEM</b> .....	16
<b>“Caminhadas pela cidade”: habitar e construir histórias locais</b> .....	23
<b>CAPÍTULO 2: CULTURA DO BARRO: AS LOUÇAS COMO RECIPIENTES DE MEMÓRIAS</b> .....	26
<b>Transições urbanas: Migração, trabalho manual e subsistência</b> .....	27
<b>Quando aqui tudo era mato</b> .....	31
<b>As “coisas de hoje” e as “coisas de antigamente”</b> .....	33
<b>CAPÍTULO 3: “O TEMPO DO BARRO”: HERANÇAS E REINVENÇÕES NA TRANSFORMAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA</b> .....	42
<b>“Lidar com o barro é que nem lidar com gente”: A gestação das louças do bairro São José</b> .....	45
<b>Das ladeiras do alto ao centro da cidade</b> .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>APÊNDICE A – Diários de acompanhamento da criação das louças do bairro São José</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se constituiu através do projeto de extensão “Produzindo história(s) local(is): Cultura material e memória na perspectiva dos moradores da cidade de Cajazeiras - PB”<sup>1</sup>, realizado em 2017. Partindo da crítica à história local oficial, discutíamos as possibilidades para a construção de uma pluralidade de narrativas que seriam viabilizadas pelos próprios habitantes. Mapeamos possíveis colaboradores, fomos até suas casas para consolidar a proposta e no caminho refletíamos sobre os aparatos que conservavam as “personalidades” oficiais e as manifestações que traziam um contraponto a esses discursos.

O corpo da rua e suas linguagens se uniam aos relatos dos moradores, apresentando outras ocorrências em Cajazeiras. Lemos isso nas andanças de encontro às fotografias da banda cabaçal e o sopro do pífano pelo contador de histórias seu Patrício, os sons do atabaque e agogô compondo as festas dos orixás e entidades nos terreiros de Pai Jackson e Mãe Lurdes e o tempo do barro que corre pelas mãos das loiceiras do bairro São José. Mas, o Projeto foi concluído no mesmo ano e deixou em aberto uma diversidade de questões para se pensar os espaços da cidade pelo interior das suas ocupações e aporte para questionar os sentidos de uma história única.

Após explorar outras inquietações e compreender esses pontos com maior propriedade, principalmente no que se baseiam os “mitos de origem” construídos pelas delimitações municipais, em 2019 os caminhos se voltaram novamente para os estudos sobre história local. Esses escritos acolheram as colaborações das loiceiras do bairro São José, adentrando a criação e preparo das peças de barro e a relação de memória e tempo concebidos por esse ofício. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa consiste em traçar as percepções e vivências desse grupo como uma das narrativas possíveis para Cajazeiras.

A retomada pela temática não foi motivada pela ausência de produções sobre a história local, mas pelas ideias que elas veiculam. Encontramos trabalhos que seguem desde a titulação “*Antônio Joaquim do Couto Cartaxo e a formação de Cajazeiras*”, no qual Rolim (2019) reivindica e reforça o lugar das oligarquias da cidade, até a pesquisa intitulada “*Negociação, resistência e liberdade: Relações entre senhores e escravos na vila de Cajazeiras dos anos de 1864-1871*”, em que Sousa (2014) confronta essas atuações e discute sujeitos que tiveram suas histórias inviabilizadas pela primeira. Porém, os escritos com

---

<sup>1</sup> Participação como bolsista do PROBEX, sob a coordenação do professor Dr. Israel Soares de Sousa e das professoras Dra. Viviane Gomes de Ceballos e Dra. Ana Rita Uhle, em conjunto com os estudantes Lucas Japhet, Dalua Oliveira, Antônio Neto, Walter Nunes, Laís Tavares e Felipe Josué.

perspectivas que reafirmam a história oficial ainda se sobressaem e são reforçados por outros aparatos de comunicação simbólica pela cidade.

Quanto ao grupo de loiceiras, encontramos a dissertação “*Memória: Práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras em Cajazeiras – Paraíba*”. Mas Silva (2010) propõe uma discussão sobre questões de gênero dentro do âmbito educacional, enquanto este trabalho trata-se da articulação da vivência das artesãs como contraponto aos mecanismos que sustentam um resgate constante da história oficial de Cajazeiras. Contudo, a intenção dessa narrativa não é substituir esse lugar de autoridade, mas rompê-lo.

As loiceiras do bairro São José formam um grupo familiar de artesãs cuja ascendência integra a cidade desde 1964. Trazendo a herança do manejo com o barro por meio da migração do Ceará para a Paraíba, a produção das louças se movimentou do autoconsumo para a subsistência através das vendas na feira livre aos sábados desde 1975. Esse percurso foi relatado por Maria Lourdes de Sousa Mariano (62 anos), principal componente para o sustento da prática no grupo. Partimos dessas experiências para construir as narrativas que sua arte comunica sobre o lugar.

Embora a trajetória da extensão tenha sido desenvolvida por meio da história oral, essas fontes se mostraram insuficientes na construção deste trabalho. Ao entrevistar dona Lourdes, com posse de gravador em horários específicos ao contraturno da sua produção, a fala era inibida pela metodologia que se construía em torno disso. Por esse motivo, no percurso de elaboração da proposta houve a necessidade de explorar alternativas, já que seus silêncios e expressões corporais dentro da criação também eram formas de dizê-la. Essa maneira se apresentou para nós através dos diários etnográficos e aliamos à escrita historiográfica com as fontes da antropologia, conciliando duas áreas de interesse da autora.

Dona Lourdes enfatizava que as pessoas viam a poética de sua arte sem enxergar as durezas por trás dela. Pois a romantização da prática, o esvaziamento dos sentidos de “cultura” e “artesanato”, além da desigualdade sistêmica do acúmulo do capital, colocam seu trabalho em um lugar de precarização. Com o intuito de compreender essas problemáticas, propomos acompanhar a produção das loiceiras do bairro São José desde a busca do barro até as vendas na feira, e as questões que foram se apresentando nesse caminho definiram os recortes e, conseqüentemente, as discussões trazidas.

Neste período ensinaram-nos outra relação de tempo descendo a ladeira do bairro São José, na zona norte de Cajazeiras. Um dia que às vezes se inicia às 3h e se encerra às 19h, regido pelo cheiro de café e dos cigarros, o som do rádio e trabalho pesado. As mãos ligeiras de dona Lourdes se movimentam em torno dos primeiros acabamentos das peças e os últimos,

por sua vez, ficam para suas filhas em folgas de expedientes dos seus empregos ou dependem da saúde do seu companheiro, Luiz Gonzaga Mariano (63 anos). Assim, a criação é uma relação intensa que se dá entre as dicotomias de satisfação em modelar um sopro de vida no barro e as dores do barro modelando vários aspectos da vida.

Às sextas as peças saem do forno e aos sábados ocorre o traslado de carroça para a feira, daí o barro atravessa a natureza do tempo e se concretiza em memória e encanto. Esse espaço que une centro, periferias, zonas rurais e cidades circunvizinhas em torno de vendas e trocas, construiu suas próprias linguagens e expressões. Essas gentes que transitam por lá também nos deram contribuições acerca das associações que suas lembranças faziam às louças de barro, motivando a continuidade do uso das peças, mesmo com a substituição massiva destas por produtos industrializados; enquanto o acompanhamento ao lado da feirante nos mostrou as dificuldades e as astúcias desenvolvidas para a sobrevivência do artesanato e a subsistência através dele.

Nesse sentido, para viabilizar o que propomos, este trabalho divide-se em três partes. O primeiro capítulo, *O local em singularidade histórica: a construção dos mitos de origem*, trata sobre a construção da história local oficial pela figura de Inácio de Sousa Rolim (Padre Rolim), sacerdote reconhecido como fundador da cidade. Através das comunicações simbólicas que resgatam constantemente e sustentam essa narrativa como hegemônica, tentamos perceber os interesses que circundam essa alegoria no local. Mas também compreendemos que essa concepção está vinculada a um contexto maior e que foi se legitimando através dos Institutos Históricos Geográficos, juntamente aos memorialistas locais na constituição da história pela função do resgate atribuída à formação histórica do Brasil. (CEBALLOS, 2011). Em contrapartida, se ao restante da população foi negado o direito de compor essas narrativas, ao caminhar pela cidade estabelecemos um contraponto ao ver as astúcias que são construídas ao desobedecer a estratégias que uniformizam as experiências dentro dela. (CERTEAU, 2007).

Exploramos no segundo capítulo, *Cultura do barro: As louças como recipientes de memórias*, a possibilidade de entender a história local a partir de outros processos. Aliamos a produção das louças de barro com alguns espaços para perceber as mudanças e permanências narradas nesse percurso entre a ocupação em Cajazeiras, a criação das peças e as interações na feira. A questão: “Qual o propósito da escolha dessa peça?” foi lançada aos consumidores com o intuito compreender as motivações atuais na aquisição das louças. Os relatos de memória afetiva no habitar, na alimentação e afeição materna, se uniram ao encanto pela arte manual e foram associados à história de alguns dos utensílios. Dentro da passagem do tempo,

o artesanato nos foi colocado como representante de uma tradição cultural como “coisas de antigamente” e as movimentações na cidade, principalmente de cunho econômico, foram tidas como uma consequência das modernizações na modernidade pelas “coisas de hoje”. Pelas significações desses termos, questionamos as relações dicotômicas que outrora simbolizaram para trazê-las a uma convivência no presente em desigualdade, contradições e conflitos que as caracterizam como híbridas. (CANCLINI, 2019).

Por fim, no terceiro capítulo, “*O tempo do barro*”: *Heranças e reinvenções na transformação da matéria-prima*, questionou-se o lugar do artesanato como um saber primitivo e ingênuo que se constrói espontaneamente e pelas disparidades aos conceitos das “belas artes” tem seus processos criativos marginalizados. (GEERTZ, 1997). A partir disso, é construído o percurso da relação de tempo que se estabelece no processo de criação das louças do bairro São José, discutindo suas heranças, técnicas e reinvenções na prática de “mexer com o barro”. Essa temporalidade corre à contramão da “reprodutibilidade técnica da arte” (BENJAMIN, 2019), na qual as concepções artísticas são maquinadas e normatizadas a outro ritmo, o tempo do imediato.



## **CAPÍTULO 1: O LOCAL EM SINGULARIDADE HISTÓRICA: A CONSTRUÇÃO DOS MITOS DE ORIGEM**

A produção de uma história local em singularidade envolve algumas estratégias para a sustentação da “descoberta” ou “ascendência” de um lugar, a partir de uma narrativa forte que justifica e mantém os privilégios de determinados grupos sociais. Um mito de origem constrói os limites imaginários que marcam as fronteiras políticas desde a escala municipal e rege o sentido de unidade entre os moradores que vivenciam experiências diversas. Estes devem compartilhar dos mesmos símbolos e linguagens contidas dentro dessa narrativa sem margem para questioná-la. A intencionalidade está diretamente ligada à colonização desses lugares pelas elites oligárquicas e/ou cristãs que foram ganhando espaço de legitimidade, geralmente através de personalidades conhecidas como “memorialistas locais” no trato de fontes documentais e articuladas a instituições que compreendiam a história como um “resgate”:

No período Imperial, o IHGB tomou para si a responsabilidade pela produção de uma história do Brasil, uma produção de identidades e territorialidades baseada na busca incessante, compilação, organização e acondicionamento de vasta pesquisa documental. Numa estreita relação com o Estado, visando a manutenção da ordem e da integridade territorial, o IHGB intentava construir uma idéia de nação. (...) Vale lembrar que, nesse período, escrever a história do Brasil era sinônimo de exaltá-la (CEBALLOS, 2011, p. 1).

Essas pesquisas buscavam construir grandes sínteses provinciais e regionais que unidas formassem uma história totalizante do Brasil enquanto território definido geopoliticamente com uma identidade coesa e forte, abrindo espaço para a construção dos institutos provinciais e municipais, como o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e o Instituto Histórico de Cajazeiras (IHC). Isso não indica que a historiografia nacional é uma soma da historiografia local, mas que ambas se articulam para a sustentação desses sentidos. Nesse contexto de produção, não havia o discernimento sobre a história como uma abordagem relacionada à discussão e análise de problemáticas. Enquanto isso, a própria ação histórica e a dinâmica dos espaços são excluídas e passamos a conceber narrativas locais como construções oligárquicas, político-partidárias, administrativas e econômicas, complementares à “história nacional”, ou “geral”. Portanto, ao analisar a sacralização dessas histórias nos institutos, “torna-se imperioso pensar e problematizar a importância da elaboração destas memórias para a cristalização de monumentos” (CEBALLOS, 2011, p. 3).

Estes personagens outrora contribuíram para a construção de arquivos nas cidades, mas nos parece que suas concepções foram muito caras à história não só pela omissão a determinadas questões, mas por contribuírem de forma assídua na manutenção de privilégios. Entendemos que a historiografia é um espaço de disputas que assume a memória e o esquecimento. Inevitavelmente ao selecionar seus fatos, estabelecer recortes e problematizá-los, exerce a autoridade de conservar os acontecimentos de maior relevância social através dos tempos. Mas essa construção também se faz ao revê-la, sobretudo quando lembrar e esquecer estão a serviço desses interesses.

Ao discutir a modernidade como um mito que ascendeu através da colonização europeia, Dussel (1993) contesta o “descobrimento” ao reconhecê-lo como um “encobrimento” ao outro, ressignificando as nossas percepções sobre as narrativas de ocupação que mais parecem reconfigurações de lugares em que se fazem através da imposição precedida de uma tentativa de centralidade e apagamento. Embora sua análise seja abrangente e relativa às práticas coloniais pela América, as estratégias que observamos nos pequenos espaços são consequências diretas dessas experiências pelo continente.

É neste contexto que adentramos, literalmente, na cidade de Cajazeiras no alto sertão paraibano, localizada na região Nordeste do Brasil. A placa que nos recebe com boas-vindas avisa que chegamos à “Cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Metros depois, um monumento turístico é incisivo ao dizer que estamos na “terra do saber” e se perguntarmos a alguns cidadãos em que lugar nós chegamos, certamente, eles dirão “na terra de Padre Rolim”. Essa alegoria coloca em destaque o papel da educação na construção da cidade pelas mãos do sacerdote Inácio de Sousa Rolim (Padre Rolim), reconhecido pelo título de “fundador”.

Quanto à ascendência dos Rolim, relatos memorialistas contam que “A família cajazeirense provém do sangue pernambucano e do sangue cearense, com uma ligeira dose de sangue francês.” (PIRES *apud* NASCIMENTO, 2018, p. 14). A fixação nas terras se deu por meio de doações de sesmarias aos ascendentes de Padre Rolim, mas a memória dele e da sua mãe ocupam a centralidade desse discurso que é veiculado à cidade. Ana Francisca de Albuquerque ou “mãe Aninha”, como é conhecida, se cristalizou à figura da Virgem Maria e assume, além da santidade, a maternidade dos cajazeirenses. Ao parir seu filho, originou o próprio lugar que se reflete quando a data de nascimento de Padre Rolim é atrelada às próprias comemorações de emancipação política da cidade.

Nesse sentido, Cajazeiras se torna palco da atuação dos Rolim e das demais famílias que a eles se aliaram, formando uma rede de poder que constituiu as primeiras oligarquias no local. Um exemplo disso consiste na reivindicação da importância da família Cartaxo junto

aos Rolim por Francisco Sales Cartaxo Rolim nos escritos “Antônio Joaquim do Couto Cartaxo e a formação de Cajazeiras”, no qual profere um discurso de cerimônia à ACAL (Academia de Artes e Letras de Cajazeiras): “Não podemos mudar os fatos históricos. Nem devemos alterá-los para ajustar aos olhares e saberes de hoje. Padre Rolim e seus discípulos ajudaram a formar significativa parcela das elites sertanejas” (ROLIM, 2019, p. 11). Reafirmando que o sacerdote trouxe a marca da educação para Cajazeiras quando está era, em suas palavras, apenas um “arruado insignificante”. Posteriormente, atribui aos Cartaxo descendência portuguesa e um lugar privilegiado na constituição da cidade, depois do “inigualável” Padre Rolim. Mas esse contexto é bem mais extenso, visto que esses arranjos foram decisivos na estruturação do domínio político nos Sertões da Paraíba:

Na conquista do sertão, o distanciamento e isolamento geográfico, em relação ao poder metropolitano, concorreu para uma maior autonomia das famílias mais ricas, garantindo o monopólio político local. Era um sistema que tinha, no recebimento de sesmarias, uma prática de fortalecimento das relações de poder, ou seja, “era a posse da terra, combinada com uma linhagem de prestígio, o que conferia o direito ao domínio local.” (MARIANO, 2011, p. 12).

Para manter a legitimidade de suas posições, as famílias oligárquicas formaram alianças e se apropriaram de diversos mecanismos políticos e simbólicos que pudessem justificá-los, utilizando os espaços da cidade para montar o cenário de suas atuações. Aires (2012) nos lembra que as comemorações cívicas são um dos maiores alvos dessa teatralização do poder. Como foi dito anteriormente, os festejos são de Cajazeiras e as honras são de Padre Rolim.

Tratando sobre as questões simbólicas, três elementos atribuem à cidade um território politicamente delimitado e são rememorados nessas comemorações: o brasão, a bandeira e o hino<sup>2</sup>. Essas expressões reproduzem ideias muito próximas à representação do nacionalismo para a unificação local. Carvalho (1990) nos convoca em “A formação das almas” para a compreensão da construção do território brasileiro e destaca a imagem e os símbolos, como a bandeira e o hino, componentes extremamente importantes para essa representação de “nação”, aliada às disputas pela memória e o mito de origem republicano. Como já foi dito, a história local, por vezes, tende a reproduzir o formato das narrativas da história nacional; porém, através de um fragmento dela, compondo personagens de importância no âmbito local. Dentre estas simbologias descritas, analisamos partes do hino, pois nele encontram-se indícios

---

<sup>2</sup> Esses símbolos encontram-se no site da Prefeitura Municipal de Cajazeiras-PB. Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/simbolos.php>.

de uma letra que compõe a narrativa oficial da qual estamos tratando. Em meio aos versos, existem duas estrofes importantes que determinam o contexto da escrita:

Porque mais resplandeça e se veja  
Teu roteiro entre as coisas da terra,  
Esta fonte brotou junto à Igreja,  
Que teus feitos maiores encerra.

E, posteriormente, ao encerrar o hino,

Praza aos céus que essa chama bendita,  
Hoje acesa, se alteie sempre assim,  
Crepitando como ora crepita  
Em memória do Padre Rolim.

Na primeira estrofe apresentada, a letra refere-se as “coisas da terra” como parte da riqueza do território. Mas lembra de que a protagonista, a própria fonte daquele espaço, brotou junto à igreja fazendo uma alusão aos meios naturais e a religião cristã. Na segunda estrofe citada, é de desejo que essa “chama bendita”, ou seja, a trajetória descrita como se refere o hino, “hoje acesa”, permaneça reluzente. Assim, sendo sempre exaltada pela memória de Padre Rolim.

Mas essas comemorações, apesar de fortes, têm um caráter efêmero e não conseguem abarcar sozinhas as amplitudes dessas redes de poder. Entretanto, em “O sonho de Inacim”<sup>3</sup>, José Wilker incorpora Padre Rolim e torna possível sua aparição também pela televisão. Com direção de Eliézer Rolim (2009), o longa-metragem conta a trajetória do sacerdote, seus desejos para o futuro da vila Cajazeiras e sua expansão através da educação, romantizando as renúncias, esforços e a devoção do personagem em prol do ensino na região. O cinema é uma linguagem que se apropria da imagem, das falas e compõe suas narrativas com grande teor político. Neste caso, a história oficial foi apresentada de forma didática e os elementos escolhidos para compor o filme reforçaram as produções anteriores a ele. Entendemos que:

Muito da imagem que se tem sobre o passado é devido mais ao cinema/TV do que à escola e, muito menos, à historiografia. A criação de mitos e heróis tem, geralmente, essa fonte. E é, muitas vezes, a imagem formada por esses meios que orienta as ações populares. (NEVES, 1997, p. 22).

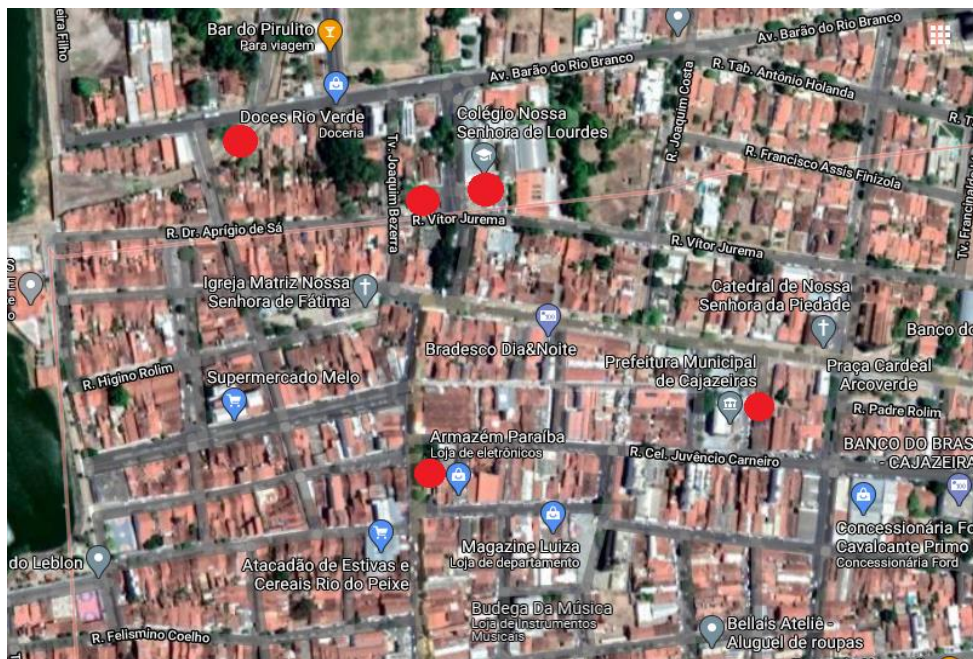
---

<sup>3</sup> O filme é dividido em três partes e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7cziftDiGg&t=320s>.

Além disso, quando o material audiovisual retrata um roteiro baseado em fatos, ele assume uma autoridade ao retratar a “vida real” mesmo quando não há a intenção de fazê-lo.

Há uma estrutura que sustenta esses interesses e está a serviço das oligarquias: a administração pública. Além de promover uma sustentação às questões simbólicas colocadas acima, ela reverbera essas questões nos espaços físicos e no chão virtual. Chegando ao centro da cidade de Cajazeiras, a Praça da Prefeitura abriga um monumento fálico com uma cruz em mármore e venera a memória de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique, pois seus “auspícios” constituíram a Diocese de Cajazeiras. Mais à frente, na Rua das Oiticicas, em frente a um tradicional colégio católico está Padre Rolim, altivo em uma grande estrutura que se ergue sob as cinzas de mãe Aninha e inclina ligeiramente a cabeça para baixo. Ao lado, em uma pequena praça em formato estrelar, um falo de concreto comunica uma homenagem do “povo de Cajazeiras” ao seu benfeitor, Galdino Pires Ferreira.

Figura 1 – Os pontos vermelhos marcam a localização dos monumentos



Fonte: Google Maps (2020).

Andando alguns passos e dobrando à esquerda, estamos na Avenida Barão do Rio Branco com a “praça da cabeça”, conhecida dessa forma pela icônica cabeça de Cristiano Cartaxo pendurada ao lado de um dos seus escritos em pedra de concreto. Dando a volta e indo à principal rua do centro comercial na Praça Coração de Jesus, abaixo de Jesus e Maria encontramos uma placa que avisa “registros da história constam nesse local”.

O monumento conta que no século XIX ali foi construído o primeiro cemitério da vila com uma igrejainha, onde posteriormente foi velado o corpo de mãe Aninha. Consta que anos depois Padre Rolim havia fechado o cemitério, mas a igreja permaneceu e funcionou como

uma escola de catecismo ministrado por duas beatas da ordem de São Francisco e pertencentes à família Leitão. O lugar também havia sido palco da “invasão” de um grupo de cangaceiros na década de 20 e usado como trincheira entre tiroteios contra os “defensores da cidade”. Mármore, cimento e bronze tentam nos comunicar o passado, nos justificar que ele pertence ao presente e deve reverberar. Atemporais e inquestionáveis quanto a sua atuação e protagonismo:

No caso dos monumentos intencionais, ou celebrativos, há uma especificidade importante, pois a intenção de memória da obra define-se antes mesmo de ser construída. Assim, ela carrega uma narrativa projetada por idealizadores e escultores, aspirando à eternidade em um espaço dinâmico como a cidade. (UHLE, 2013, p. 3).

Esses monumentos contornam o centro em conversação demarcando a imponência religiosa e política de algumas famílias presentes neste lugar, visto que estes sobrenomes também se repetem nos nomes das ruas, avenidas, prédios públicos e, sobretudo, na política partidária. Embora algumas pessoas não façam ideia do que os monumentos significam, demonstrando um pouco da decadência dessas celebrações, as discussões sobre patrimônio estão bastante questionadoras sobre a validade desses personagens tomando como base suas trajetórias, práticas políticas e a relevância de suas permanências nesses espaços. Na verdade, essas ressignificações ocorrem sempre que o passado é revisitado aliado às questões do presente e demonstram quantas atrocidades podem ser autorizadas dentro dessa linguagem:

Destaca-se assim, a consideração, por parte de elementos do governo, que repassam a ideia de que, ao povo, quase sempre iletrado, foi reservado o papel de observador na seleção daqueles fatos ou grandes personagens que devem, ou não, serem homenageados pela historiografia oficial. Entendemos que este procedimento cristaliza uma visão de heróis que ora estão demarcando a história local através dos monumentos, nomes de praças e ruas, publicações, entre outros. (MELO, 2015, p. 46).

Ainda assim não é necessário sair às ruas ou acompanhar os festejos para acessar essas informações, já que, dentre tantos outros meios, o próprio site da prefeitura de Cajazeiras também as veicula. No site<sup>4</sup> consta, quanto à origem de Cajazeiras, a união de Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque como um marco para a fundação da vila e a demarcação política do território, além da nomenclatura. A história segue como um complemento à origem, indicando uma cronologia de desenvolvimento da vila através da fazenda da família com uma casa grande, o açude grande e a Igreja Nossa Senhora da Piedade

---

<sup>4</sup> Prefeitura Municipal de Cajazeiras. Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>.

“construída” por mãe Aninha. Posteriormente, nos conta que o casal teve alguns filhos, mas apenas Padre Rolim merece ser citado e reverenciado por causa do título de fundador, reforçando a expressão sobre Cajazeiras ter sido protagonista quanto ao ensino paraibano e legitimando essas ações com a fundação do município.

Diante dessa conjuntura, os estudos acadêmicos são cooptados a enfatizar essa história local de origem como pedido de autorização para que outras ações históricas possam coexistir em Cajazeiras. Contudo, sabemos que, paralelamente à educação e aos feitos cristãos, outros personagens circulavam por aqueles espaços, bem como ainda circulam, construindo a cidade. Nesse sentido, Sousa (2014) nos lembra que para cada “Casa Grande” existe uma senzala e a vila Cajazeiras foi crescendo a partir de uma sociedade escravocrata. A autora constrói uma discussão em torno da invisibilidade de pessoas escravizadas, seus protagonismos em torno da expansão do território através da consolidação de obras, criação de animais, plantio, serviços domésticos, dentre muitos outros trabalhos forçados e as lutas consequentes de várias formas de resistência quase que totalmente afogadas por uma escrita dominante.

Diante disso, Padre Rolim não é visto só como uma figura religiosa e política que trouxe contribuições para a educação de Cajazeiras e que, por isso, precisa ter sua memória constantemente resgatada; ele tornou-se uma comunicação simbólica para veicular a legitimidade dos seus descendentes que constituem as oligarquias da cidade e, nesse cenário, podem impor suas condições à população:

É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (ADICHIE, 2019, p. 22-23).

Essa análise compreende que os registros lineares e as inúmeras formas de contar uma história única encobrem as disputas, repressões e os conflitos de interesses que marcam a historiografia. Nesse sentido, não podemos propor uma substituição dessa história por outra de maior relevância, isso seria trai-la a partir dos mesmos interesses já discutidos. Mas se a cidade é feita, sobretudo, de gente, ela deve ser vista como um horizonte para as narrativas, mesmo que nem todas sejam apreendidas metodologicamente pela escrita historiográfica. Em torno dessas considerações, ver a cidade também como um espaço/território dos habitantes.

### **“Caminhadas pela cidade”: habitar e construir histórias locais**

Cajazeiras é uma cidade média, comparada às suas circunvizinhanças pelo alto sertão. Projetos de urbanização que impermeabilizam o solo se misturam com a terra batida pelas andanças dos habitantes, e a poeira fina levada pelo vento ainda forma pequenos redemoinhos. A vida percorre sem as grandes turbulências dos centros metropolitanos, e alguns costumes dizem que ainda é possível caminhar pelas ruas, cumprimentar os desconhecidos, sentar-se na calçada de tardezinha ao “sol frio” e vê-lo encarnar a cidade em muitos tons até a “boca da noite”. Mas isso é relativo, pois alguns bairros cortam a zona sul da zona norte e outros extremos estabelecendo que, apesar das pequenas diferenciações de classe, as soberbas estão alimentadas. Estabelecer muros entre a vida pública e privada reduzindo as interações às janelas dos carros também são características desse lugar. Contudo, em algumas situações, essas e outras vivências também se confundem e dividem espaços comuns.

As pessoas vivem em um perímetro cercado por placas e prédios que indicam um território urbano e que carregam os nomes de sua constituição, mas ao se apropriarem da cidade desobedecem a essas normas em virtude da complexidade de suas culturas. Não há uma fronteira que indique limites concisos entre a cidade e o campo, contrariando as concepções de linearidade e “progresso” aliadas ao ideal de urbanização que os políticos vendem em tempos de campanha eleitoral. Essas experiências que são tidas como dicotômicas ainda atravessam uma parcela dos moradores que mantêm aspectos da vida rural, principalmente na relação com o tempo, com a agricultura semeando a terra dentro e aos arredores da cidade e com a pecuária. Ademais, existe uma diversidade de movimentos e grupos sociais que constroem outros sentidos para Cajazeiras.

Esses habitantes burlam as estratégias que uniformizam as experiências dentro da cidade à medida que estão constantemente construindo táticas em desobediência a esses códigos. Eles produzem seus próprios sentidos de habitar. Vê-la como um horizonte indica que: “A linguagem do poder se ‘urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”. Essas “astúcias” compõem o habitante designado comum que, a partir de um não-lugar, se apodera da “bricolagem” como uma resposta às repressões. (CERTEAU, 2007). São essas movimentações e disparidades que marcam as relações de conflito e interesses que outrora citamos.



Por isso, o projeto de extensão “Produzindo história(s) local(is): Cultura material e memória na perspectiva dos moradores da cidade de Cajazeiras-PB” buscava esses habitantes em sua dimensão espacial. Nesse contexto, enquanto conversávamos sobre as possibilidades para as histórias locais, saímos da universidade no sentido contrário à “estrada do amor”, dobramos na capela São José Operário, descemos uma ladeira extremamente íngreme acompanhada por casinhas que seguem juntas à descida. Chegando ao “Duda Bar”, entrando à primeira esquina, vamos de encontro a uma rua estreita e muito arborizada. Habitações sem muros ou grades e com muitas plantas no entorno das portas, em contrapartida, a população é muito ativa em relação à ocupação do espaço comunitário e utiliza disso como forma de proteção. Avistamos calçadas cheias de cadeiras de balanço, crianças correndo pela rua inteira e homens jogando sinuca no bar. Enquanto isso uma mulher costura na sala, de portas abertas, aproveitando a luz. Logo após uma bodega<sup>5</sup>, em mais uns passos, estamos na casa de Maria Lourdes de Sousa Mariano e Luiz Gonzaga Mariano, artesãos do bairro São José.

Dona Lourdes puxou as cadeiras, nos ofereceu café e disse que não sabia falar sobre a história da cidade de Cajazeiras. Mas já estava calejada de ouvir que sua arte constituía a cultura local e precisava ser valorizada, enquanto trabalha em condições insalubres há muitos anos e sua fala expressava a preocupação com outros artesãos na cidade que vivem de forma autônoma em condições muito similares. Isso, porque é impossível ignorar a expressiva quantidade de trabalhadores do artesanato existentes em Cajazeiras. Loiceiras, bonequeiras, rendeiras, tapeceiros, entalhadores, coureiros, pirogravuristas, dentre tantos outros, projetam o local através de suas criações. Segundo o site da prefeitura do município, em sua aba denominada “cultura”, “O artesanato é uma das formas mais espontâneas da expressão cultural cajazeirense”. Nesta colocação, a “cultura” se vê desarticulada da história e aos demais aspectos que se associam a ela, bem como os trabalhos manuais caracterizados pela “espontaneidade”.

Esses termos comunicam, pelo menos, duas questões: a cultura isolada das problemáticas sociais e o artesanato como prática desprovida de intenções, técnicas e conhecimentos. Sobre os interesses em perceber e preservar o caráter “primitivo” desses artefatos, Canclini (2019, p.160) explica que: “Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo.” Por consequência, a história hegemônica se apropria da existência das culturas, tornando-as

---

<sup>5</sup> Anteriores às conveniências, as bodegas eram pequenas vendas sertanejas que ofereciam produtos de primeira necessidade.

figurativas para reforçar longevidade e o legado. Ou como costumam dizer, em extensão à significação dessa frase: “O artesanato da terra de Padre Rolim”.

Levando em consideração as problemáticas que foram postas, acompanhamos a criação das louças de barro da loiceira Maria Lourdes (Dona Lourdes) junto ao seu companheiro Luiz Gonzaga (Seu Zaga) e suas filhas Francisca (Neném), Fransueide (Sueide), Fransuênia (Suênia), Cícera (Novinha) e Carla. O percurso nos mostrou a trajetória de quase meio século reinventando o ofício na cidade e as astúcias na história que corre pelo tempo do barro e avulta muitas discussões acerca de Cajazeiras.

## **CAPÍTULO 2:**

### **CULTURA DO BARRO: AS LOUÇAS COMO RECIPIENTES DE MEMÓRIAS**

As culturas desenvolvidas a partir do manejo com o barro transmitem, através de suas práticas, usos e expressões que nos possibilitam observar percursos de memórias, leituras históricas sobre suas trajetórias em interação com o local que ocupam. Em outras palavras, esses grupos também são agentes de suas comunidades e revelam diversas problemáticas de cunho político, econômico, histórico ou cosmológico, setores indissociáveis ao termo cultura. Um exemplo disso é a cerâmica marajoara<sup>6</sup>, que enche os arqueólogos de narrativas sobre rituais, costumes e crenças através da produção artesanal a partir do barro, em uma sociedade de tradições orais e visuais:

Estudando a cerâmica marajoara como uma forma de comunicação visual de significados socialmente compartilhados, deparamo-nos com a representação recorrente de cobras (em vários estilos) sobre todos os objetos. Elas são representadas, como outros animais, de maneira naturalista e também de maneira gráfica, pictórica, metonímica, por meio da reprodução de suas partes: corpo, rabo, cabeça, pele. Essa ubiquidade da representação de cobras nos indica que esse ser era muito importante para aquelas populações, provavelmente uma personagem relacionada à história cultural do grupo, à sua formação, surgimento, ao início dos tempos. Investigando mitos e cosmologias de populações ameríndias da Amazônia, constatamos realmente que a cobra grande, a anaconda, em suas diversas formas, desempenha um papel fundamental para a criação física do grupo e obtenção de conhecimentos. (SCHAAN, 2007, p. 105).

A autora faz um paralelo entre a comunicação visual das peças de barro encontradas em escavações com uma cosmologia do povo Tukano, que conta que seus antepassados chegaram dentro de uma canoa-cobra com a função de povoar o mundo. A canoa os deixou ao longo das margens do rio onde até hoje vivem, e essa narrativa sustenta sua posição geográfica e sua subsistência baseada na pesca, já que eles acreditam que a cobra é a mãe de todos os peixes. Posteriormente, são ressaltadas as continuidades e rupturas da cerâmica marajoara pela existência das peças no presente, principalmente como uma atividade econômica, mostrando que as lógicas sociais e culturais sofrem deslocamentos e a produção artesanal acompanha essas questões resignificando suas expressões. Essa perspectiva abre a discussão sobre a vinculação da produção das louças de barro à ocupação dos espaços e, portanto, como um registro sobre as transformações e permanências dentro das comunidades associadas a um contexto maior.

---

<sup>6</sup> Cerâmica indígena desenvolvida na Ilha de Marajó desde as antigas sociedades amazônicas.

É possível perceber essas modificações dos lugares porque o barro confecciona memórias tão vivas quanto as nossas e as mudanças que as loiceiras enfrentam na concepção das louças são os fatores que movem essas narrativas, bem como os sentidos de suas próprias continuidades. Entendemos que as memórias que o barro empresta para suas artesãs funcionam como um vetor que nos aproxima de personagens e histórias que as fontes documentais escritas não conseguem, por vezes, acessar. Trazem-nos diferentes perspectivas de um mesmo espaço, construindo a dinâmica sobre os modos de fazer história, mas funcionam por seleção de fatos que passam por critérios de esquecimento ou maior importância daquelas que se dispõem a narrar suas histórias:

Por conseguinte, ela não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero *registro*; mas é retenção afectiva e “quente” do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo. E os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar partes do que já passou. (CATROGA, 2001, p. 20-21, grifo do autor).

Contudo, como já mencionamos, a historiografia é uma escrita que desenvolve suas questões a partir de escolhas dentre inúmeros acontecimentos, pela inviabilidade de abarcar vários espaços ou diversas histórias de um mesmo lugar e essas questões também sofrem influências diretas de suas fontes. No entanto, sua relevância não se dá pelo resgate das verdades, mas pela análise dessa multiplicidade. Existe entre história, memória e o barro, uma conexão muito íntima por estes tratarem sobre tempo. Essa interligação nos permitirá compreender o contexto histórico do grupo familiar de loiceiras do bairro São José, bem como seus próprios mecanismos de resistência, pelos saberes e fazeres como práticas associadas à ocupação e relação construída com alguns espaços da cidade de Cajazeiras.

### **Transições urbanas: Migração, trabalho manual e subsistência**

Em 1960, o cineasta Linduarte Noronha lançou “Aruanda”, documentário que retratou a migração de uma família que “fugia da servidão” em meio às dificuldades da época. Essas pessoas se fixam em um terreno árido, com pouca água, infértil para a agricultura, mas propício para outra atividade, a produção de louças de barro. Através desse processo migratório, a população se amplia no local e constrói a comunidade da Serra do Talhado, no município de Santa Luzia-PB. Dessa forma, o povo “inexistente no âmbito das instituições” passa a sobreviver através das barganhas, trocas e vendas de suas produções na feira livre.

Em 1964, num contexto próximo, Maria Lourdes de Sousa Mariano migra de uma zona rural de Mauriti-CE, junto de seus pais e irmãos, e atravessa a fronteira em direção à Paraíba em cima de um caminhão com mais seis famílias. A princípio, ocuparam um pedaço de chão no sítio “Terra Molhada” aos arredores de Cajazeiras, mas logo vieram morar no bairro São José que já estava demarcado dentro da cidade, no entanto, era pouco habitado e sem resquícios de urbanização. Foi quando Marculina Isabel de Sousa (sua mãe), ela e seus irmãos, até então agricultores, iniciaram em paralelo o trabalho com as louças como uma atividade para a subsistência e seus olhares sobre espaço e tempo se voltaram ao barro.

Dona Lourdes recorda que inicialmente a produção era realizada para o autoconsumo, mas um artesão que já vendia as peças na feira aconselhou Marculina a expor sua produção. Portanto, em 1975, sua mãe ocupou um espaço na feira livre de Cajazeiras e embora a ajudasse no artesanato desde pequena, só aos 17 anos começou a acompanhá-la para comercializar as louças que se tornaram o principal sustento da família. Portanto, há 45 anos, a artesã faz esse percurso dando continuidade ao ofício e vivenciou junto de sua arte inúmeras mudanças nessa forma de comércio.

É necessário ressaltar que a feira livre está entre as atividades que contribuíram de forma assídua na expansão da cidade e na circulação do trabalho artesanal, bem como na sobrevivência de parte da população:

A feira livre da cidade de Cajazeiras por um significativo período desde o seu surgimento no ano de 1848 se configurou como um dos primeiros espaços comerciais desta cidade, assim como se tornou um espaço propício para o surgimento de manifestações culturais como os violeiros e cordelistas, como também manifestações sociais com os saques e as sociabilidades. Atualmente quando chegamos à feira de Cajazeiras encontramos um espaço que uma vez por semana se modifica e modifica a cidade. (SANTANA, 2017, p. 21).

Esse aglomerado comercial se tornou uma importante estratégia em diferentes localidades como ponto de trocas, vendas, compartilhamento de inúmeras manifestações e um meio de sobrevivência em tempos difíceis. Em Cajazeiras, a feira presenciou a chegada da luz elétrica, o caminho de ferro e outras lógicas de comércio que lhe marcariam concorrência. Uniu o campo, diferentes partes da cidade e regiões circunvizinhas na construção de um espaço que até hoje alimenta a cultura e economia local.

Partimos da feira como um espaço expressivo na historicidade de Cajazeiras, observando seus deslocamentos e demandas que configuram direcionamentos e escolhas sociais das “coisas de hoje”, que trataremos como a vida moderna dentro da modernidade. A partir disso, compreendemos algumas movimentações que estão refletidas dentro da própria

construção histórica da cidade e, conseqüentemente, no bairro São José. Percebemos como esses fluxos atingem diretamente a produção desse trabalho artesanal considerado uma das “coisas de antigamente”, que traremos como tradição. É quando o barro, em contato com essas mudanças, vai comunicando suas memórias e construindo as possibilidades para o agora.

Dona Lourdes nos indicou algumas mudanças significativas e sistêmicas através da experiência de comercialização do seu trabalho: a evasão no ofício de loiceira; a substituição massiva das louças de barro por peças industrializadas; e as modificações espaciais promovidas pela urbanização. Na época em que ela começou a comercializar na feira, relata que havia em torno de 23 loiceiras ocupando a rua onde vende até hoje. Ela gesticula mostrando a quantidade de peças de barro que abarrotavam as calçadas de um lado e de outro. Aos poucos algumas artesãs foram morrendo, dentre outras questões se destacaram o vício no álcool ou a mudança por diferentes profissões como a costura. Até que restaram apenas ela e a irmã Lúcia produzindo louça na cidade, mas Lúcia também pensa em parar sua produção e realizar o desejo de voltar à zona rural, “lá é mais frio, tem mais espaço pra criar bicho, cuidar de planta, viver sossegada”, diz ela.

Essa evasão no trabalho com o barro foi ocorrendo por alguns fatores, um deles se deu pela acessibilidade a utensílios industrializados produzidos com materiais de baixo custo e mão de obra barata. Um exemplo disso são as lojas que vendem diversos produtos de alumínio e plástico ao lado da exposição das louças de dona Lourdes e Lúcia na feira livre. Nessa lógica, as panelas e outros utensílios, principalmente de uso doméstico, muitas vezes, custam metade do preço em relação às peças de barro. Essa relação de valores está diretamente marcada pelas condições nos processos de produção.

As práticas artesanais trazem concepções históricas anteriores à estruturação do capitalismo no mundo do trabalho. Portanto, os artesãos têm sido classificados como “informais” pela ausência de renda fixa, a autonomia na busca da própria matéria-prima, o tempo “livre” e tantas outras convenções, e têm sofrido grandes dificuldades para se alinhar às demandas que são impostas pelo mercado. Entretanto, as produções autônomas não são inerentes à precariedade. Dentro do sistema capitalista, suas normas de alienação, acumulação e concentração de recursos convertem facilmente os trabalhadores dessa categoria a uma situação de instabilidade:

É no mundo moderno, com a produção e o consumo de produtos industrializados, com uma produção em larga escala de produtos padronizados que supre o mercado com produtos mais baratos, que vai ocorrer o declínio das oficinas artesanais.

Assim, na sociedade contemporânea a produção artesanal adquire uma natureza precária. As diversas formas de produção social de artesanato caracterizam tanto formas de subsistência social quanto formas de resistência cultural. (KELLER, 2014, p. 2).

Cajazeiras não é uma cidade que conta com intensa atividade industrial, mas, pelas influências de consumo em escalas maiores, é um espaço que busca comercializar produtos que seguem essa linha de produção, acompanhando as referências de consumo moderno em lojas e supermercados. Essa lógica foi construindo ao longo do tempo uma concorrência cada vez mais intensa com as feiras, pois as respectivas formas de comercialização seguem dinâmicas totalmente diferentes. Por consequência, essa confluência trouxe inúmeras demandas para os feirantes artesãos e pequenos produtores agrícolas.

Para compreender a dimensão dessa questão dentro de uma relação temporal, em alguns dias de acompanhamento, contabilizamos as horas de trabalho de dona Lourdes. Dependendo da temperatura, ela chega a produzir por pelo menos 19 horas por dia, iniciando as atividades às 3h da madrugada, intercalando suas pausas com o serviço doméstico, enquanto espera as peças secarem para o próximo acabamento para que a queima seja realizada às quintas e possam estar prontas para a venda na feira aos sábados. O tempo dessa produção quem diz não é o relógio, mas o barro que é totalmente influenciado pelos fatores naturais. Por isso, enquanto um empregado de carteira assinada, apesar de todas as precariedades, trabalha no máximo 8 horas por dia e tem um salário fixo ao final do mês, uma artesã pode dobrar a carga horária para acompanhar o ritmo de vendas, as novas necessidades desse comércio e, mesmo assim, não há segurança quanto aos lucros adquiridos semanalmente.

Diante dessa conjuntura, apesar de dona Lourdes ter feito a transmissão do trabalho com as louças de barro para as filhas, ela também as influenciou a seguir os estudos para a inserção em empregos formais, seguindo profissões que lhes garantissem melhores condições de trabalho e renda. Por isso, atualmente, elas trabalham com a mãe apenas dando um suporte em alguns processos entre suas folgas. Seu Zaga está com a saúde debilitada, mas, mesmo assim, contribui em algumas etapas do serviço, principalmente na busca pelo barro e pela lenha e no traslado das peças para a feira. Portanto, dona Lourdes tornou-se a principal artesã da produção, resultando em uma sobrecarga na sua jornada de trabalho por manejar quase todas as etapas do serviço:

O trabalho por conta própria tem uma relação direta com o desemprego na sociedade capitalista. Na medida em que despossuído de meios de produção só resta ao

trabalhador vender sua força de trabalho, este, quando não consegue vender essa sua única “mercadoria”, acaba praticando a auto-exploração como forma de garantir seu sustento e de sua família. (LEIBANTE, 2009, p. 6).

As tensões que se mostram, neste caso, entre os trabalhos manuais e industriais são que a indústria contém uma grande estrutura e as tecnologias ajudam a acelerar a fabricação das suas peças e métodos de exploração para extração de suas matérias-primas com menores custos, terceirizando todas as etapas e também se apropriando da informalidade para isso. Essa lógica barateia o preço dos produtos que serão vendidos nas lojas, tornando as peças mais acessíveis ao orçamento do trabalhador assalariado. Enquanto isso, o trabalho manual, muitas vezes, depende totalmente do artesão em todas as suas etapas, desde a extração da matéria-prima até a comercialização do produto. Inclusive, uma das maiores dificuldades para as loiceiras tem sido a escassez do barro de louça. Não é que ele esteja deixando de existir, mas essas lógicas também se modificaram em outras dimensões e com elas os barreiros expostos não são mais convenientes.

### **Quando aqui tudo era mato**

A artesã dona Lourdes conta “quando cheguei aqui, isso tudo era mato”, referindo-se aos arredores do bairro São José. Essa expressão muito utilizada no Sertão remete ao início do povoamento de algum espaço que, ao longo do tempo, foi crescendo em número de habitantes até ser desmatado completamente pela construção de habitações e estruturas básicas de serviços diversos. Quando ela veio morar no “Alto”, que configura o conjunto de bairros na zona norte da cidade, se deparou com algumas casinhas de taipa em meio a um perímetro muito grande de mata e barro de louça em abundância. O acesso aos meios naturais próximos a sua casa facilitava a produção, como nos disse, “antigamente nós não pagava nada, tinha barreiro e lenha perto de casa. Hoje tem que pagar tudo, gasta pra ir atrás do barro e paga a lenha da queima.” Portanto, todas essas condições de trabalho foram influenciando no custo de sua produção e, conseqüentemente, nas peças.

A urbanização, os discursos de modernização e algumas circunstâncias foram modificando os parâmetros e expandindo as construções na cidade, e alguns modos de vida foram sendo alterados conforme escolhas foram sendo construídas pela sociedade, embora isso não seja uniforme. Os espaços urbanos estão permeados por linguagens que tendem a ser modificadas a partir daqueles que os produzem e essas atitudes são sinalizadas pelos códigos



que atravessam esses lugares demarcando conflitos, diferenças culturais e sociais, e a passagem do próprio tempo:

Estudar o espaço como página onde se emite e se recebe um texto não-verbal supõe estudá-lo como extensão daquela mesma prática representativa, ou seja, nele se escreve a história sucessiva de um modo de pensar, desejar, desprezar, escolher, relacionar e sentir. (FERRARA, 1988, p. 11).

Concordamos com a autora na compreensão da cidade como um texto não-verbal, que insere em seu próprio espaço uma linguagem que possibilita a leitura dos processos e ações cotidianas que ocorrem dentro dele. Sabemos que os valores urbanos estipulam um significado diferente em que a ocupação de uma terra está medida pelo valor de sua extensão e localidade ou, como canta Glorinha Gadelha (1981), “os homens daqui compram terra pra plantar arquitetura” e isso ocorre em Cajazeiras à medida que alguns lugares tornam-se convenientes.

Explorando a cidade, notamos que, assim como em tantos outros meios urbanos, a concentração de recursos para estrutura básica está ligada à sua parte central. Suas beiradas foram se expandindo de forma irregular formando conjuntos de bairros periféricos, como é o caso da zona norte. Mas, há alguns anos, justamente essa parte da cidade vem se expandindo em habitações e valor imobiliário. Uma pesquisa, realizada por Sousa (2016), analisou os fatores da expansão urbana de Cajazeiras entre 2009 e 2015, período em que as mudanças se tornaram consideráveis em sua dimensão socioespacial, e buscou identificar os principais agentes envolvidos nessas modificações. Inicialmente, constatou-se que, em termos de crescimento populacional, foi registrado que entre 1960 e 1970 o número de pessoas praticamente dobrou no município. O principal fator deve-se a imigração tanto da zona rural, quanto de outras localidades para Cajazeiras, como ocorreu à dona Lourdes e sua família. Porém, não foi essa situação que resultou em uma mudança significativa no planejamento estrutural do espaço urbano, na verdade consta que essas ocupações aumentaram significativamente a quantidade de bairros pobres. O autor atribui termos como “crescimento” e “progresso” da cidade pela elite que foi se formando na parte central desde a constituição da vila, por meio de suas atividades econômicas, principalmente ligadas ao plantio do algodão, conhecido como “ouro branco”, e a expansão da pecuária, assim como destaca a educação advinda da igreja católica. A partir disso, traça um paralelo principalmente entre as instituições educacionais “descendentes” desse processo e a expansão registrada nos últimos anos no espaço urbano.

Na análise do crescimento do território urbano entre esses anos da pesquisa foi ressaltada uma atenção à zona norte, pela sua expansão basicamente pautada na construção de loteamentos. Essa questão ocorre principalmente pela localização junto ao *campus* da UFCG/CFP, sob o contingente de estudantes que necessitam de moradia durante o período de estudos e, aos poucos, bairros predominantemente periféricos e moradias construídas pelo governo se aproximam de grandes loteamentos pela especulação imobiliária que se cria em torno dessa parte da cidade:

Desse modo, é possível constatar que a expansão urbana da cidade de Cajazeiras decorre principalmente da iniciativa privada através da instalação de loteamentos em diferentes pontos da cidade, sobretudo, em locais estratégicos que possam facilitar venda do empreendimento. (SOUSA, 2016, p. 51).

Um dos loteamentos mencionados pelo autor envolve justamente a área onde antes era extraída a matéria-prima para as louças e a lenha, na qual se realizava a queima das peças. Em um processo cada vez mais acelerado, os barreiros são aterrados pelas novas casas construídas no entorno do bairro São José. Certa vez, uma professora da universidade que reside nesse loteamento foi à feira e fez uma encomenda em grande quantidade. Dona Lourdes lhe contou que demoraria a finalizar os pedidos, pois estava enfrentando dificuldades para encontrar matéria-prima, porém com muito humor lhe disse: “se a senhora tiver com pressa é só quebrar o piso da sua casa que num instante a gente acha barro de louça”. Mas, as ampliações do espaço urbano são apenas um elemento dentro desse conjunto de modificações comunicadas por esses recipientes. Elas foram ocorrendo articuladas com outros âmbitos de nossas vivências e o barro também presenciou o deslocamento do ponto de vista da estrutura das moradias, consumo de utensílios e bens materiais e na alimentação. Portanto, todas essas ações são sistêmicas e interligadas.

### **As “coisas de hoje” e as “coisas de antigamente”**

Antes de sermos tomadas pelas construções de alvenaria, sobretudo as casas da população mais pobre tinham como principal elemento de sua estrutura o barro envolto em troncos de árvores, trazendo a sustentação para as habitações conhecidas como casas de taipa. O teto geralmente era construído com telhas, mas também era comum a utilização de palhas de coqueiro. O piso consistia na terra batida e algumas comunidades resguardavam uma

tradição<sup>7</sup> acerca da compactação do chão. Inclusive, antes da construção do galpão de alvenaria pelo Governo do Estado em que produzem até hoje, dona Lourdes e sua família trabalhavam em uma estrutura de taipa. Ela nos contou sobre os sufocos que sofriam principalmente em épocas de chuva, em que muitas vezes chegavam a ter um prejuízo total na produção, porque o espaço era permeável e não protegia as peças no momento da queima, disse que “ia tudo por água abaixo”, literalmente.

As antigas habitações acolhiam moradores e visitantes mais íntimos pela cozinha, sendo muitas vezes o cômodo mais amplo da casa. Nisso, criou-se o costume de adentrar as moradias pela porta dos fundos no Sertão. Consequentemente, o acolhimento se condensava aos gostos, cheiros e objetos que faziam parte dela. Dona Lourdes conta que há 45 anos, quando iniciou as vendas, o consumo das louças era bem maior porque quase todos os utensílios domésticos eram produzidos através do barro. As especificidades das peças construíram um registro que revela um pouco da cultura alimentar da época. Portanto, o barro acumulou memórias e também se tornou um elo que possibilita a algumas pessoas o acesso de suas memórias afetivas:

Aquilo que comemos e bebemos e a forma como fazemos isso, os protocolos que envolvem o ato de se alimentar, dizem muito sobre quem somos e como nos tornamos indivíduos integrados a um contexto mais amplo decorrente, sobretudo, das escolhas de nossos antepassados dentro das possibilidades que a eles se apresentaram. (RAMOS, 2015, p. 100).

Também consideramos esses pontos a partir de algumas partilhas de experiências dos consumidores que acenderam suas memórias na feira e da própria artesã, cujo trabalho nos traz reflexões nessa pesquisa, de modo que esse espaço nos mostra também os meios de resistência das peças de barro. Dona Lourdes nos contou que antes não tinha esse “negócio” de geladeira, as conservas eram feitas com sal e a água era armazenada no pote.

Figura 2 – Quartinha



Fonte: Acervo pessoal (2020).

<sup>7</sup> “O Trupé, que é o coco que a gente faz, foi criado por Lula Calixto e tem uma pisada forte e ligeira. Isso vem muito da tradição que a gente tinha de pisar o chão das casas de taipa para que o piso ficasse mais liso.” (CARVALHO, 2016, s/p.).

Figura 3 – Moringa



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Figura 4 – Pote



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Nas figuras acima (2, 3 e 4), trouxemos três dos recipientes para o armazenamento da água. A quartinha era usada entre o traslado, a moringa era manuseada para servir, enquanto os potes pequenos eram manejados na cabeça para a busca da água nas cacimbas e os potes grandes para guardá-la.

Na primeira ida à feira, um transeunte idoso, trajado com calças de linho cinza, uma camisa branca de botão e o chapéu preto, aproximou-se e olhou para a louça por um bom tempo sem emitir qualquer fala, mas sua expressão corporal pulsava. Foi quando nos disse: “quero encomendar dois potes grandes, mas antes vou fazer minha cantareira.” Respondemos com olhos de interrogação e ele retrucou “ah, vocês não sabem o que é cantareira?”, foi então que nos explicou que era um suporte de madeira para colocar os potes, utilizado muito antes dos apoios de ferro. Também nos contou que nas casas humildes de antigamente existiam pouquíssimos móveis: “Uma cama, a mesa de madeira, os potes na cantareira, o fogão a lenha e as coisas tudo de barro”, descrevendo o interior das habitações.

Em outro dia, entrevistamos Fátima (65 anos), ela parou para ver a exposição e falou sobre sua admiração pelas peças e as lembranças que lhe sucederam através delas, pois sua

mãe era descendente de indígenas e loiceira. Residia num sítio próximo a Cajazeiras, com a família, e ajudava a mãe a fazer louças por encomenda, pois “naquele tempo só se usava coisas de barro”. A louça também foi descrita como um bálsamo pelo seu poder medicinal, tanto pela purificação quanto pela influência no sabor da comida. Fátima nos contou sobre sua preocupação com a saúde e o uso dos utensílios de alumínio que transferem resíduos para o alimento e fez uma associação dessa colocação a doenças, como câncer. Complementamos com um relato de Dona Lourdes sobre o manejo da medicina popular usada na prevenção das doenças: “Olhe, antigamente o povo se tratava tudo com remédio de mato, tinha uma planta que tinha uma raiz preta, o povo colocava essa raiz dentro do pote pra beber a água dela e não adoecer.”

A artesã articulou sua vivência como agricultora para fazer uma associação entre as doenças mais comuns que desenvolvemos e o uso de agrotóxicos nos alimentos, usando como exemplo sua plantação de feijão que morreu completamente no ano passado por causa de uma praga. Ela nos transmitiu que o uso desenfreado de veneno é justificado nas mudanças que estão ocorrendo nos ciclos naturais, justamente pelas alterações das práticas humanas. Mas antes esses produtos eram manejados de forma mais consciente, pois a cura estava no próprio alimento.

Cultivamos o uso desmedido de remédios da indústria farmacêutica, de agrotóxicos nas plantações que posteriormente estarão em nossa alimentação, cozidas muitas vezes em contato com o resíduo do alumínio. Dona Lourdes finaliza sua fala contando que: “Hoje quando uma pessoa tem câncer se descobre no início é fácil de tratar e vive muito ainda, antes quando tinha morria, mas era difícil ter porque o povo não comia tanta comida com veneno e cozinhava tudo na panela de barro”. Antes o acesso à medicina científica era quase inexistente para a camada pobre da sociedade e, por isso, as práticas medicinais populares e preventivas eram as possibilidades recorrentes.

A saúde também era uma preocupação de Seu Francisco José (59 anos), um residente do sítio Poços que entrevistamos na feira. Ele nos disse: “Eu comecei a vir pra feira com minha mãe quando tinha 8 anos de idade. A gente vinha por dentro a pé comendo juá, naquele tempo só gente rica tinha transporte”. Quando questionado sobre a escolha da panela, ele explicou que ia dar de presente para sua esposa: “Pra ela cozinhar feijão, alimento saudável, livre dessas coisas de hoje”. Neste caso, duas questões são levadas em consideração, a medicina e o sabor que o barro induz ao cozimento.

Figura 5 – Panela redonda



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Figura 6 – Panela "aberta"



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

A panela usada para o cozimento do feijão é arredondada (figura 5) e para o arroz é “aberta” (figura 6). Elas são produzidas para a junção do cereal e a leguminosa que formam uma das bases da nossa alimentação, mas o uso é um critério dos consumidores; assim nos disse Cícero Jamacaru (45 anos), um feirante cearense que também trouxe esse anseio no paladar. No seu caso, a compra da panela era especificamente para “cozinhar fava e comer como tira gosto tomando cana”. Quando indagado sobre essa preferência, ele contou: “Ahhh, porque fica mais gostoso, né? Lembra também nossos pais, minha mãe ainda cozinha na panela de barro e lá no sítio as pessoas usam muito”. Pedimos para que ele explicasse com que finalidade as pessoas utilizam a panela de barro na sua localidade e ele disse que especialmente nessa época para fazer óleo de pequi, pois está na safra do fruto e o óleo faz parte da medicina popular de sua região.

Apesar dos relatos da memória afetiva, dos gostos e da medicina popular se sobressaírem, eles não foram os únicos. Também presenciamos o estranhamento causado pelas associações feitas às louças de barro. Um homem (bem mais novo que os entrevistados anteriores) foi à feira em busca de uma leiteira de barro. Mostramos as opções que tínhamos e ele se mostrou um tanto confuso na escolha. Mas não por não saber qual peça levar, sua dúvida era se dava para cozinhar com as louças de barro no fogão a gás. Explicamos que só seria necessário o fogo, mas no seu imaginário havia uma forte associação do barro ao fogão à

lenha e, mesmo levando a peça, ainda demonstrava um ar de insegurança alegando que faria o teste.

Figura 7 – Boleira de caco



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Figura 8 – Prato para torrar café e farinhas



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Figura 9 – Cuscuzeira



**Fonte:** Acervo pessoal (2020).

Isso se deve, provavelmente, pela presença massiva do barro há tantos anos na cultura sertaneja, vinculado a usos e costumes que estão sendo modificados e a própria alegoria que lhe atribui o título de “tradição” como sinônimo de imobilidade. A boleira de caco (figura 7) e o prato de torrar café e farinhas (figura 8) carregam registros dessas mudanças, e a cuscuzeira (figura 9) traz um contraponto à cultura do barro como algo estancado. A primeira serve para um bolo específico feito à base de farinha de trigo, leite, ovos, açúcar e frito no óleo. Ela foi substituída pela frigideira de aço ou alumínio que é uma peça multiuso, mas ainda vende

porque está diretamente atrelada ao bolo e à memória que ele traz. A torradeira serve aos processos que antigamente eram realizados em casa para a obtenção do café, da farinha de mandioca e da farinha de milho. Dona Lourdes explicou que se realizava o plantio e a colheita ou a compra dos grãos e tubérculos na feira e, posteriormente, a peça servia para uma das etapas da preparação para conservar e consumir os alimentos.

No presente, a indústria e as associações de agricultores manejam esses processos e vendem os produtos prontos e ensacados, principalmente, nos supermercados, tornando-os mais “práticos”. No entanto, a cuscuzeira de barro tornou-se viável às ações que lhe sucederam. O milho é uma das nossas bases alimentares e, anteriormente, o cuscuz era cozido no utensílio de barro envolto em um pano de prato no fogão à lenha. A cuscuzeira de alumínio trouxe peças como alternativa a isso e associou-se ao fogão a gás, passando a substituir a outra. Mas, uma cliente de dona Lourdes lhe encomendou uma cuscuzeira de barro com esse suporte e a tampa. Depois disso ela passou a produzi-la dessa forma e, conseqüentemente, as demandas pela cuscuzeira de barro subiram. Nesse sentido, o utensílio se reinventou a partir da própria ação que lhe impôs uma substituição.

As produções atuais das louças de barro do bairro São José formam um conjunto das criações de Marculina e suas ascendentes, herdadas e reformuladas por dona Lourdes, junto às peças que foram criadas posteriormente com suas filhas a partir das ideias e necessidades que foram surgindo. A concentração da produção era direcionada a utensílios mais “rústicos”, de uso doméstico nas gerações de sua avó e de sua mãe e, a partir dela, foi se deslocando para peças bem acabadas, com maior preocupação na preparação do barro e de uso decorativo. O bule de barro não recebe mais café, ele foi apropriado pelas estantes como representação folclórica das artimanhas do tempo. Mas, os vasos, as esculturas e incensários vão confundindo esse imaginário. Dessa forma, dona Lourdes se apodera das significações que acolheram o barro no passado e se apropria das demandas que ele suscita no presente. Suas táticas consistem em colher essas possibilidades. Em outras palavras, ela diz: “tem que renovar, que toda a vida a mesma coisa enjôa.”

No mais, constatamos expressões de encantamento que foram refletidas na fala de Joana Darc (55 anos), quando indagada sobre a escolha da peça, respondeu com excitação que não sabia explicar, mas tinha uma grande admiração por “essas coisas rústicas” e iria presentear alguém com uma panela. A entrevistada é de Brasília e jamais teve contato com peças de barro no seu cotidiano, mas disse “eu gosto muito, acho lindo louças de barro”, retratando as relações tão distintas que as pessoas mantêm com essa arte.



As entrevistas foram consequentes da observação das reações ou expressões verbalizadas pelos consumidores diante das louças. Olhos de carinho ou perplexidade como quando acessam memórias importantes e revivem sensações muito íntimas por meio de um objeto. Entre as pessoas mais velhas, as falas sempre destacam que “comida na panela de barro tem um gosto melhor”, ou estão associadas às vivências em família e, em especial, às figuras maternas; já entre as mais novas, uma influência das experiências que ouviram de seus antepassados. Dentro dessas e outras possibilidades, o encantamento que as peças trazem.

Sobre essa forte associação à comida, pela junção do sabor, da nutrição e do acolhimento, “o gosto não é de fato uma realidade subjetiva e incomunicável, mas coletiva e comunicada. É uma experiência de cultura que nos é transmitida desde o nascimento, juntamente com outras variáveis que contribuem para definir os ‘valores’ de uma sociedade.” (MONTANARI, 2008, p. 96). Portanto, quando falam que a comida fica melhor quando cozida na panela de barro, não estão se referindo somente ao gosto que esse objeto traz ao alimento, é também uma associação ao que a louça remete para suas memórias; enquanto que o encanto se atribui através dos seus processos de criação e técnicas manuais. A transformação do barro nas peças comunica diferentes expressões e recebe a mediação das loiceiras que personificam essas técnicas, é a “tecnologia do encanto fundada no encanto da tecnologia”. Portanto, a “magia” em torno das peças consiste na transmutação do material pela intervenção humana que é uma capacidade, por vezes, incompreendida por aqueles que observam. (GELL, 2005, p. 41).

No que diz respeito às observações, elas foram motivadas ao questionar por que as pessoas ainda insistem em consumir louças de barro que são tidas como um elemento que retrata “as coisas de antigamente”, dentro de uma sociedade que vive as escolhas das “coisas de hoje” que alimentam a modernidade e em muitos aspectos têm se tornado contramão a esse artesanato. O que nos foi transmitido é que tradição e modernidade são termos que não andam juntos, mas convivem, e embora a modernização pareça uma sobreposição direta ao tradicional, esses termos se relacionam de forma muito mais complexa dentro de uma análise sociológica. A modernidade conserva um caráter contraditório em que, por vezes, configura uma velha promessa e, em outras, um eterno porvir, interpretando uma capacidade de reinvenção constante para minar as decadências de suas proposições.

No que se refere às tradições, também é preciso apontar seu caráter performativo. Trata-se de alegorias construídas que podem apontar as práticas e costumes de determinados grupos sociais movidos pela herança entre gerações ou encenar longevidade. No primeiro capítulo, há evidências do discurso tradicional inventado pelas elites em torno da educação

para legitimizar suas atuações na cidade. Esta se difere das discussões que são atribuídas a grupos como as loiceiras do bairro São José, através do artesanato. Esses exemplos não são comparativos, mas demonstram como “tradição” pode abarcar tantos sentidos.

Embora os folcloristas tenham descritos grupos populares com certa melancolia e anunciado a tragédia para as práticas desses povos ao contato com as cidades e suas lógicas, as tradições revelaram que existem não porque são estanques, como uma representação cristalizada do passado, ou porque a modernidade é permissiva em lhe ceder um espaço. Elas se movimentam, desenvolvem e se apropriam de tecnologias que garantem e reafirmam sua existência, ou seja, “nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade.” (CANCLINI, 2019, p. 239). Com isso, não negamos os privilégios concedidos à modernidade por reforçar o sistema capitalista e menos ainda a precariedade em que boa parte desses grupos está por não se encaixarem nele, inviabilizando suas práticas e visões de mundo. Com isso, propomos pensar esses termos em interações conflitantes, contraditórias e híbridas, ambas vigentes no presente.

### **CAPÍTULO 3:**

## **“O TEMPO DO BARRO”: HERANÇAS E REINVENÇÕES NA TRANSFORMAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA**

A relação que o grupo de loiceiras do bairro São José estabelece com suas criações atravessa uma temporalidade que comunica uma forma de se compreender no mundo e, conseqüentemente, na arte. O tempo é um instrumento primordial para organizar a vida em torno das funções e dos sentidos que movem o cotidiano. Essa visão confronta as concepções que separam o “artesanato” de uma percepção artística sob o argumento de que as produções dos artesãos estão restritas ao caráter utilitário, ingênuo ou “primitivo”; que suas manifestações não dialogam sobre arte porque essas práticas não alcançam a erudição das questões estilísticas e simbólicas ligadas às especificidades conceituais das “belas artes”, como esperam os estudiosos e críticos desse campo. (GEERTZ, 1997, p. 146-147). O desdém pelas expressões produzidas por camadas populares traz classificações pejorativas por estarem permeadas por uma relação de alteridade, contudo:

Se olharmos para a arte como um processo de construção de mundos – e não mais como um fenômeno a ser distinguido do artefato, ou como uma esfera do fazer associada ao extraordinário, que, para manter sua aura de sacralidade, precisa ser separada do cotidiano – a relação cognitiva é alterada. Ao inverter figura e fundo, revela-se outra figura, outro fundo. (LAGROU, 2002, p. 20).

Os saberes populares não são espontâneos e muito menos estáticos, embora alguns deles estejam vinculados a uma herança longínqua, dentro da prática de cada artesão há um longo percurso que caracteriza um conhecimento técnico e sensível sobre suas obras. Estão em movimento ao dialogarem constantemente com o trabalho que realizam e isso está diretamente atrelado às condições em que se organizam ao assimilarem as ações sistêmicas da sociedade. Essas questões produzem simbologias e concepções artísticas específicas que narram uma forma de viver.

Ao pensar as relações e interferências da modernidade sobre o artesanato, face aos processos de modernização no ocidente, compreendemos que assim como diversos setores sociais, a arte experimentou alguns deslocamentos em relação aos sentidos de criação e reprodução. Walter Benjamin (2019), através da discussão de reprodutibilidade técnica da arte, descreve essas transposições dentro do capital como um “abalo violento a tradição” ao interpretar a criação artística com autenticidade como uma “quintessência”, marcada pela presença no aqui e agora e os processos históricos e materiais que a acompanham. Se antes

todas as obras eram reproduzíveis, mas não carregavam os mesmos valores simbólicos e essenciais da originalidade, agora é possível maquinar e transpor repetições que seguem parâmetros totalmente diferentes, os valores artísticos estão em transformação.

A partir desse processo de “reproduzibilidade técnica”, a multiplicação de objetos pela dinâmica industrial passa a ser normatizada pela agilidade mecânica dentro de uma sociedade regida pelo tempo do consumo, o imediato. Durante o acompanhamento à produção de louças no bairro São José, notamos que há uma disparidade entre a temporalidade em que o grupo se organiza e a compreensão dos consumidores quanto a essas condições de trabalho, trazendo outro aspecto dessas relações. A falta de discernimento sobre o processo os leva a acreditar que ele pode ser instantâneo, em contrapartida existe um fascínio diante da qualidade das peças pelo barro se transmutar com tanta agência sob a mediação do conhecimento das artesãs. Algo que colocamos anteriormente, através de Gell (2005), como “tecnologia do encanto”.

Esse ponto é o caráter divergente entre os processos manuais e industriais, ou seja, essas “tensões” entre as “coisas de antigamente” e as “coisas de hoje”, colocadas anteriormente, suscitaram a necessidade de discutir o “tempo do barro” e seus procedimentos. O intuito é adentrar num ritmo de produção manual para compreender os elementos que circundam o manejo do barro ao trazer a ritualística de criação das louças de barro dentro das particularidades desse grupo familiar, sob o alcance das nossas visões e palavras.

Para a compreensão dessa categoria artesanal, se faz necessária a consciência de que dentro do processo de produção cada grupo desenvolve sua própria forma de saber/fazer dentro de um conjunto de experiências que estão relacionadas ao rito de passagem, ao local que ocupam e aos instrumentos de manejo, dentre tantas outras condições. É possível ter uma dimensão dessas diversidades quando pensamos, por exemplo, sobre o imaginário cariense de Dona Ciça do Barro Cru<sup>8</sup> no Ceará; as técnicas de confecção das Paneleiras de Goiabeiras<sup>9</sup> e as concepções de tradição, cultura e economia geradas por esse fazer no Espírito Santo; ou

---

<sup>8</sup> Seguindo a sua profissão de modelar e pintar o barro, Dona Ciça recriou em sua obra quase todo o universo cultural, cotidiano e místico dos romeiros. Essas realidades e imaginários, vindos de muitas misturas e sínteses (e misturas dessas sínteses, numa espécie de depuração alquímica), seriam o substrato que moviam as suas mãos no processo criativo de incontáveis formas e cores que saíam da sua alma, do seu inconsciente pessoal e coletivo, bem como da sua consciência clara sobre a vida. (CARIRY, 2019, p. 54).

<sup>9</sup> Assim como as técnicas de produção garantem a autenticidade da panela de barro, as Paneleiras que as executam são reconhecidas como genuínas; e essas só podem ser as “Paneleiras de Goiabeiras Velha”, pois dominam todas as etapas de produção, perpetuam a forma genuína de fabrico, isto é, os elementos tradicionais, e estão inscritas no “lugar de memória.” (MARQUES; CALOTI, 2013, p. 168-169).

pelo domínio e manuseio do barro pelo Povo do Candéal<sup>10</sup> na olaria e na arte dos utensílios em Minas Gerais. Trabalhos tão distantes fisicamente, historicamente e culturalmente se unem em torno do barro, distinguindo suas vivências, espaços, percepções de mundo e heranças antepassadas.

Ao se fixar em um lugar, as artesãs do barro buscam suas ferramentas, matérias-primas de trabalho e, a partir dessas condições, constroem ou aprimoram as técnicas pertencentes ao grupo. Contudo, se o espaço modifica suas lógicas, elas vão aperfeiçoando o que aprenderam conforme suas demandas. Como foi dito no capítulo anterior, as tradições não são estáticas, elas são, sobretudo, produto de uma resistência das pessoas que vivem seu próprio tempo.

O título de loiceira, especificamente neste caso, foi passado de geração para geração, seguindo a linhagem materna como força geradora do saber. Dona Lourdes foi iniciada como loiceira por sua mãe e começou a “mexer com barro”, através da ludicidade, criando caxixis e bonecos, mas lembra como a infância foi extremamente pobre e as dificuldades atribuídas às mulheres negras e periféricas. Suas brincadeiras já caracterizavam as projeções do ofício que levaria adiante, conciliado ao roçado. Ao mesmo tempo em que se via dentro de um rito de passagem, envolvendo a poética dos saberes das mulheres que vieram antes dela, a artesã integrava um contexto escasso de oportunidades ou políticas públicas, em meados da década de 70, dentro de um governo repressivo. Portanto, ao produzir sua arte, dona Lourdes desafia a modernidade e é provocada por ela ao lidar com os paradoxos e os sentidos ao manter seu trabalho.

Sua mãe, após o abandono do marido, uniu toda a família em torno da confecção das peças e da agricultura, até falecer. Posteriormente, dona Lourdes, ao lado do seu companheiro Zaga, também o fez. Levou adiante o saber assumindo a louça como a atividade cultural e econômica de parte do sustento, e o plantio de feijão e milho como base alimentar na agricultura de subsistência. Seu Zaga tinha um emprego formal em tempo integral até dois anos atrás, mas “botava a roça” e ajudava o quanto podia nas louças. Suas cinco filhas foram iniciadas como loiceiras, mas depois de um tempo passaram a lhe dar apenas suporte, diante da precariedade relatada anteriormente, sobre as demandas impostas pelo capitalismo. As

---

<sup>10</sup> Com barro se fazem objetos como panelas, potes e pratos, constroem-se fogão à lenha, bancas de potes e diferentes tipos de fornos que atendem a necessidades diversas e específicas, conforme assinalado no capítulo precedente. Na Ollaria, do barro também são feitos tijolos com os quais se erguem paredes e telhas para cobertura das casas, que também têm nessa matéria a feitura do piso. (LIMA, 2006, p. 63).

netas não tiveram iniciação, houve uma quebra no ciclo de saberes, mas elas convivem com o trabalho que narra a herança da avó todos os dias.

Dona Lourdes fala com seu ar cômico e um tanto melancólico, “quando eu fechar o paletó, isso aqui tudo acaba”, apontando para as prateleiras cheias de louça e fazendo alusão a sua morte, e junto a isso a tradição que herdou. Sua família não pensa em dar continuidade ao ofício, ela é a mediação entre o grupo e a prática, mas afirma que ainda pretende viver muito. Ela conta que já gostou bastante do seu trabalho, contudo, o cansaço físico, a idade, todos os esforços e a quantidade de promessas não cumpridas de organizações ou entidades governamentais lhe fizeram perder “o gosto”, mas que a essa altura não pode mudar de profissão, porque “mexer com barro” é a única coisa que sabe fazer. Entretanto, revela que gostaria que suas filhas dessem continuidade, mesmo que fosse apenas pelas encomendas. Embora reconheça todas as dificuldades enfrentadas em mais de 40 anos como loiceira, ela também justifica outros sentidos da existência através da arte. Quando mencionou, “Olhe, se uma pessoa chega aqui e elogia meu trabalho, pra mim isso é mais gratificante do que uma compra de mau gosto”, nos mostrou uma percepção sobre seu trabalho que excede a necessidade de comercializar, embora também exista.

Manejar o barro, modelar um sopro de vida não é só a única coisa que ela sabe fazer, mas algo que faz muito bem e está diretamente ligado as suas raízes, cosmologias e cotidiano. Representa a afetividade por sua mãe e a linhagem de mulheres anteriores a ela, sua força criativa para atravessar os dias e o sentimento de coletividade em torno de sua família, bem como o sustento dela. Apesar do jeito que nos parece rude e arredio pela pouca prosa aos contatos superficiais, dona Lourdes é uma mulher muito afetiva, espirituosa e cheia de respostas certas às perguntas que ainda nem chegaram quando a proximidade desarma as durezas que lhe servem como proteção. É o “não dito” presente na prática que transita durante todo o processo.

### **“Lidar com o barro é que nem lidar com gente”: A gestação das louças do bairro São José**

Enquanto nativo, o barro só se comunica com aquilo que é de sua natureza. Então, quando as loiceiras o colhem do chão, elas precisam ensiná-lo a linguagem de suas mãos para que o diálogo entre ambos possa se firmar. A propósito, trata-se de uma troca, pois neste processo o barro vai acordando a experiência de suas artesãs pela prática de como devem

manejá-lo. A vida se dissolve a todos os preceitos que a matéria-prima impõe, só é possível ser loiceira quando o barro atravessa a intimidade do corpo e se funde a própria pele.

A gestação das peças se inicia ainda na busca, mesmo que habitualmente tenhamos o equívoco de pensar que a extração é realizada em qualquer barreiro e, logo em seguida, a louça é confeccionada; dentre a coleta e a modelagem existem diversos processos. Na verdade, esse interposto é em que se firma grande parte da troca de aprendizagem entre o barro e as artesãs e que revela um trabalho minucioso, pois loiceiras são, sobretudo, alquimistas. Inclusive, alguns grupos consideravam sagrada a atividade de coleta e modelagem do barro, pois mantinha uma ligação direta com uma divindade “Conhecida também como Mãe Terra, Avó da argila, Senhora da argila e dos potes de barro, a padroeira da cerâmica era considerada uma benfeitora já que a humanidade lhe devia não apenas a matéria-prima, mas as técnicas e a arte de decorar potes.” (ALMEIDA, 2010, p. 27).

Através de Lévi-Strauss (1985), nos aproximamos de alguns mitos de povos nativos da América do Sul que reconhecem essa divindade mítica por uma figura arquetípica ciumenta e um tanto aborrecida. Dentro disso, justificam-se os rituais e oferendas realizadas por comunidades indígenas na colheita do barro para que a “senhora da argila ou cerâmica” não o escondesse ou quebrasse as peças na queima, face ao sentimento de ira. A partir das vivências dentro do grupo familiar de loiceiras do bairro São José, é notável que essa narrativa construída em torno da cerâmica (dentre tantos outros elementos que mantêm a particularidade de cada etnia) provavelmente se deve ao fato de que o barro de louça, especificamente, não está exposto e, mesmo quando encontrado, não há qualquer garantia de que terá resistência ao fogo. Portanto, essa é uma das questões que liga a matéria-prima, a técnica e o espaço regidos entre as intervenções místicas dessa deusa. Certa vez, Walter Benjamin (1987) escreveu que a marca do narrador se exprime em sua narrativa, assim como a mão do oleiro na argila do vaso. Partindo disso, consideramos que a trajetória entre o acúmulo de conhecimento partilhado por cada grupo de artesãos, aliado às experiências que desenvolvem a cada geração, é capaz de narrar essas diversidades em suas produções.

Estar em proximidade com o barro utilizado para a criação das peças é estratégico para as loiceiras. Além de ter o material de trabalho acessível, o conhecimento sobre a matéria-prima condiciona as técnicas de manejo do grupo desde a preparação até a queima das louças. Dona Lourdes aprendeu a encontrar o barro específico para a louça através dos ensinamentos de sua mãe, no tempo em que os barreiros ainda estavam expostos nas imediações do bairro São José. Ou seja, sempre que precisa descobri-lo, sua matriz é evocada. Ela mostrou que a matéria-prima provavelmente está no chão onde a extremidade é rachada e pedregosa.

Figura 10 – Identificação do barro de louça



**Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Depois do reconhecimento superficial é necessário cavar, porque ele habita junto às raízes das plantas, é úmido, fúlgido e tem uma “liga” que possibilita a modelagem. Nesta etapa, as loiceiras do bairro São José lidam tanto com o mistério que naturalmente ocorre em torno da matéria-prima, quanto às apreensões que crescem devido à escassez dela na cidade em processo de expansão.



Figura 11 – Barro cavado



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Como o barro que sua mãe e ela, posteriormente, utilizaram por muito tempo está sendo coberto pelos loteamentos, dona Lourdes, seu Zaga e as filhas fazem um trabalho de garimpo para dar continuidade ao artesanato. Mas nem todo barro de louça é compatível para as técnicas que eles utilizam na confecção das peças. Um exemplo foi uma tentativa de utilizar o barro dos Rufinos<sup>11</sup>, uma comunidade quilombola da cidade de Pombal-PB que também realiza a prática. Dona Lourdes foi visitá-los, trouxe a matéria-prima de lá, mas todas as peças quebraram na queima. Ela acredita que a questão é que eles utilizam outros procedimentos na criação de suas peças e foram pensados especificamente a partir da ligação com esse barro. Este também é um caso em que os saberes sobre uma mesma categoria artesanal diferem e se transfiguram como um elemento específico de cada grupo.

Quando o barro é colhido, a etapa seguinte é a espera que ele fique seco e, dependendo da temperatura, isso demora pelo menos 15 dias para que esteja em condições de ser pisado. Seu Zaga utiliza um martelo enorme de madeira para quebrá-lo até que se torne uma terra fina que, posteriormente, será peneirada por dona Lourdes geralmente às quintas-feiras, enquanto

<sup>11</sup> “Viver do barro e dos frutos que o barro dá não é apenas uma atividade comercial, mas a manutenção da própria identidade ‘Rufino’ que modela o cotidiano nas pessoas deste lugar. Suas formas de pensar, de ver o mundo por imagens projetadas pela comunidade e de saber que sendo ‘Rufinos’ há um ideal a ser perseguido: continuar ‘Rufino’ desde sempre.” (RUFINO, 2018, p. 39).

a queima acontece. Essa etapa não era realizada pela sua mãe, as peças eram mais rústicas e reservadas ao repertório das necessidades domésticas da época. Os potes, panelas, bacias, moringas, assim como as louças que já foram massivamente substituídas por produtos de plástico e alumínio, embora ainda sejam muito consumidas.

Figura 12 – Pisando o barro



**Fonte:** Acervo do instagram @loiceiras\_bsj\_cj\_pb (s/d).

Também não havia tantos acabamentos como o grupo realiza atualmente, passaram a ser uma prática quando a artesã recebeu um curso de aprimoramento das técnicas de preparo do barro e percebeu que essa etapa reduzia o risco de as peças quebrarem na queima e melhorava a estética.

A peneira utilizada no processo é extremamente fina para barrar até as menores pedras, as raízes e impurezas que vêm junto ao barro. A poeira que sobe forma uma camada densa no ar como um redemoinho dentro do galpão, inunda o corpo, é possível senti-lo preso à garganta e circulando sobre os pulmões.

Figura 13 – Peneirando o barro



**Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Ao final o “xerém” que fica na peneira ainda tem muito barro, mas está agarrado à matéria que precisa ser descartada. Para evitar o desperdício, dona Lourdes coloca a peneira na boca de um balde e joga água por cima até que restem apenas as impurezas. Aos poucos, o barro molhado se acentua e é com essa água que o barro seco será molhado no dia seguinte.

Mãos ao barro! Esse é um momento de muita sensibilidade dentro do preparo. Assim como molhar fécula de mandioca ou farinha de milho, apenas a experiência das mãos reconhece o ponto exato. Em cima de um saco de estopa é feita uma cova com o barro seco, dentro dela é jogada a água com o barro molhado. A primeira fusão parece tranquila, mas, quando a matéria vai aderindo o líquido, ela assume um temperamento rude, desenvolvendo quase que uma resistência à artesã. É preciso ser forte como uma loiceira para educá-lo ao ponto de ele permitir a modelagem, é preciso que ele entenda sua função para as louças. Existe uma consistência exata, um ponto que o barro só comunica às mãos que lhe dedicam à vida.

Dentro desse processo, dona Lourdes realiza uma mistura que interfere na cor das louças. Diferente das Paneleiras de Goiabeiras que tingem suas peças ao final do processo em “açoite”, com tanino extraído do manguezal, o processo de coloração das loiceiras do bairro São José se inicia ainda na preparação do barro. Seu Zaga encontrou um barro de coloração mais escura que apresenta certa resistência à queima, mas as peças a partir dele ficam com uma cor muito pálida. Ao molhar, a artesã adiciona esse barro escuro ao barro avermelhado, juntos se fortificam e através dessa mistura ela obtém a tonalidade das suas peças.

Figura 14 – Molhando o barro



**Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Também são utilizadas outras técnicas para manejar a tintura da louça, ao queimar duas vezes para obter a cor preta, ou pintar com uma tinta sintética específica para argila, sendo que essa última não se aplica às peças que receberão alimentos. A estética é uma questão pensada durante todo o processo, desde a preparação do barro até a queima e, isso, repito, envolve as heranças, concepções e critérios da formação de cada artesão.

Logo cedo, entre o som do rádio e o cheiro de café, a modelagem das peças se inicia. O silêncio pela manhã é preenchido pelas músicas, previsões astrais e notícias do programa George Sandro. A mudez durante boa parte da criação caracteriza uma comunicação íntima com a peça, porque cada temperatura indica uma necessidade diferente e essas necessidades são “ditas” pelo próprio barro. No Sertão, entre a primavera e o verão, o tempo corre junto às loiceiras, porque as peças secam mais rápido devido à quentura. Essa condição acelera todos os acabamentos e, conseqüentemente, a produção se torna mais “previsível”. Entretanto, ao final do verão com a chegada do outono até o inverno, a temperatura se modifica totalmente, sendo caracterizada por um tempo frio e chuvoso. Essas estações se tornam mais promissoras para a agricultura e a confecção das louças divaga na umidade, conseqüentemente, muitos grupos de loiceiras desenvolvem uma relação paralela com o plantio.

No domingo, dona Lourdes já inicia a estrutura de algumas peças, pois na confecção das louças o “atraso” precede o aperreio. O tempo do barro em nada condiz à função do controle, é um diálogo sobre o manejo do fluxo natural das coisas. A partir disso, as



estratégias são construídas para adentrar nas lógicas de demanda comercial, por exemplo, entre as louças, as bacias, panelas, jarros e potes são as prioridades, porque demoram mais tempo para secar e compreendem a maior demanda na venda da feira. A artesã se senta no chão, toma o barro nas mãos e, em algumas horas, está cercada pelo primeiro molde de suas criações. Agora assume a responsabilidade da travessia entre as condições do imprevisível e os anseios até à queima.

Na segunda-feira, a confecção se intensifica muitas vezes antes mesmo do nascer do sol, pois se espera que as louças iniciadas no dia anterior já estejam sólidas ao ponto de iniciar os acabamentos. Enquanto algumas peças vão secando, dona Lourdes vai se movimentando rapidamente para outras que estejam prontas para dar continuidade. Ela alisa as bordas das bacias com um pedaço de couro para que fiquem lisas e rentes.

Figura 15 – Acabamento nas bordas das bacias



Fonte: Acervo do instagram @loiceiras\_bsj\_cj\_pb (s/d).

Completa os jarros e as moringas, colocando uma tira de barro por cima da estrutura e modela com um sabugo de milho, como o faz sempre que precisa unificar os pedaços da matéria-prima em uma peça e retira o excesso do fundo das panelas e bacias até que estejam muito finas com um pedaço de cabaça, fruto de uma trepadeira do Sertão.

Figura 16 – Sabugo e cabaça, instrumentos de trabalho



**Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Alisa com uma faca um pote para retirar o excesso e, posteriormente, passa as costas de um pente para dar a forma desejada. Esses são alguns dos seus instrumentos e acabamentos que se repetem várias vezes, dependendo das condições climáticas e da especificidade da peça.

Além disso, intercala tudo com os serviços domésticos e o cuidado às netas e ao neto que passam parte do dia por lá, enquanto os pais e as mães trabalham. Como o galpão está diretamente ligado à cozinha da casa, o trabalho e a vida pessoal se confundem, ou se fundem durante o dia inteiro. Às 10h o rádio lhe avisa que é tarde, precisa colocar as panelas no fogo para o almoço. Dona Lourdes transita entre as duas atividades até o meio-dia, quando a comida é servida e, após se alimentar, sente a respiração por alguns minutos até regressar às louças. À tarde as frestas do telhado do galpão iluminam as paredes manchadas pelo barro, formando um filtro alaranjado que se condensa com a quentura e as músicas de Diana, Roberto Carlos e Odair José, tocadas pelo programa “brega vip”. Aos poucos, as luzes vão cessando enquanto o trabalho ocorre de forma assídua, é mais ou menos o que ocorre durante a segunda, a terça e a quarta.

Figura 17 – Faca e pente, instrumentos de trabalho



Fonte: Acervo pessoal (2019).

À “boca da noite”, dona Lourdes vai desacelerando enquanto suas filhas chegam do trabalho. Quando ainda há muito serviço, sentam-se em torno da mãe e das peças e a ajudam. Nesse horário, o músico Luiz Gonzaga acompanha a produção junto ao pôr do sol tocando no rádio até às 18h, quando anuncia a hora do anjo. Esse também acaba sendo um momento em que a família se reúne para conversar sobre o dia. Apesar de dona Lourdes segurar boa parte da produção, suas filhas são essenciais, pois elas desenvolveram habilidades diferentes no manejo com o barro. Enquanto ela domina a feitura, Sueide, Neném e Carla desenham na louça; Novinha e Carla fazem as peças vazadas; e Carla é a única que produz esculturas e sua habilidade se reinventa criando as peças decorativas, como os vasos com formatos de corpos, incensários e arranjos com flores de barro.

“Dar o brilho” é como se chama o último acabamento e parece um “capricho” de dona Lourdes, pois dá muito trabalho e isso o torna redundante, segundo suas filhas, já que as peças ficam boas e vendem independente dele. Mas ela não pensa dessa forma, pois o vê como um detalhe importante na identidade das suas louças. O processo só pode ser realizado num ponto preciso da secagem e consiste em passar uma pedra lisa e, posteriormente, um pedacinho de plástico em toda a extensão da peça que “misteriosamente” se torna brilhante.

Figura 18 – "Dando o brilho"



**Fonte:** Acervo pessoal (2019).

É preciso dispor de muita força nos braços, os dedos adormecem durante o procedimento e se torna ainda mais complicado quando a temperatura baixa, porque as peças secam lentas e gradativamente das bordas para o fundo. Quando não estão prontas, o barro se solta, quando passam do ponto ficam cinzentas. Apesar disso, a artesã tem muita estima pela conservação da “tecnologia encantada” das louças fúlgidas, cuja prática é realizada por todo o grupo e se torna o momento de maior interação coletiva.

Na quinta-feira é a finalização dos detalhes para iniciar a queima, se tudo for como previsto. Às vezes, o tempo prega “peças” e as coisas mudam conforme as demandas aparecem. Depois de um tempo, as visitas de acompanhamento não eram mais marcadas pelo relógio e sim pela observação das condições climáticas. Dona Lourdes dizia assim: “se pela manhã tiver ensolarado aí você vem porque vai ter a queima, mas se amanhecer nublado aí provavelmente só à tarde”, e a lógica se aplicava durante todos os outros dias e procedimentos. Ela foi educando nossa percepção para compreender também o tempo do barro.

A queima concretiza as peças e impede a deterioração pelo contato com a água, portanto, é imprescindível aos utensílios. Mas existem inúmeras formas de fazê-la, como o Povo do Candeal que a realizava a céu aberto e sem forno, ou, mesmo não a fazer, como dona Ciça que se consolidou como artista pelas criações de barro cru. No bairro São José a queima



é totalmente dependente de seu Zaga, pois ele é responsável por conseguir a lenha, acender e alimentar o fogo.

Figura 19 – A queima



**Fonte:** Acervo do Projeto de Extensão em História Local (2017).

Esse processo dura pelo menos 8 horas, precisa de vigília constante e o espaço fechado destinado ao forno pode chegar a medir até 80°C na primavera. A produção só é desenformada no outro dia, quando seu Zaga faz o traslado das peças do forno para a loja em um carrinho de mão. Essa é a louça que irá para a feira ao sábado.

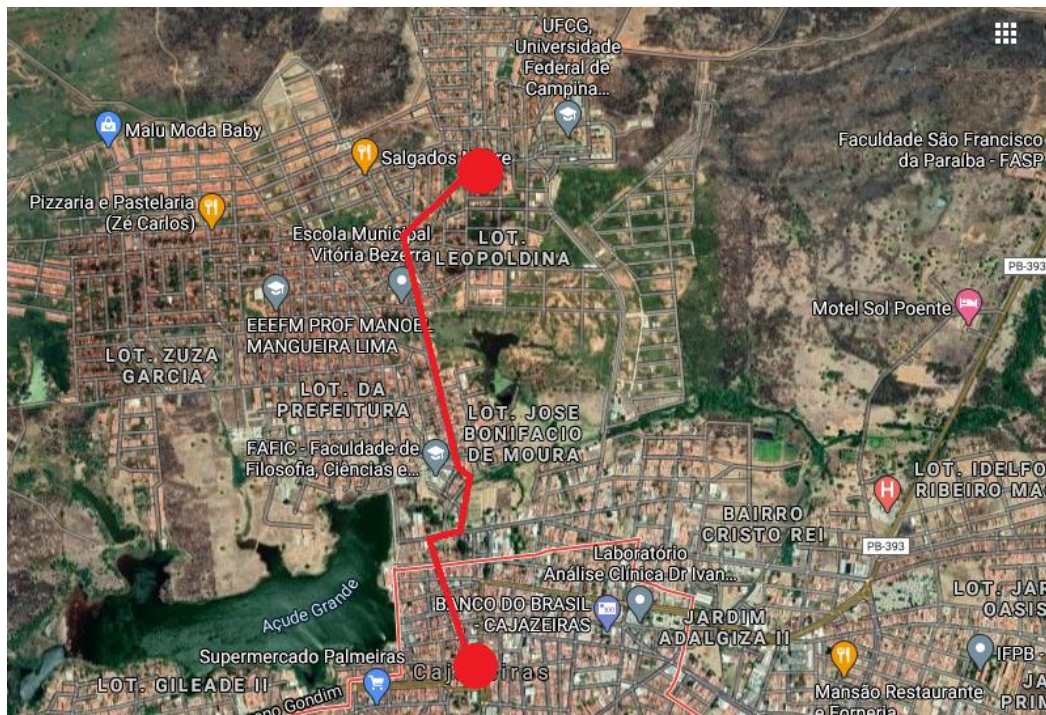
Sexta-feira pela manhã, enquanto ele realiza essa atividade, é justamente quando dona Lourdes está molhando o barro e depois precisa deixá-lo repousar por um tempo até a próxima produção. Portanto, sexta à tarde é o único momento em que a matéria-prima descansa e permite que os artesãos também o façam. É quando podem arrastar as cadeiras até a calçada e ocupar a rua junto aos vizinhos. Por isso, quando os clientes vão até a casa de dona Lourdes e lhe encomendam louças dizendo que buscarão no dia seguinte, ela ri, antes de dizer que o parto das peças é bem demorado, pois “lidar com o barro é que nem lidar com gente”.

## Das ladeiras do alto ao centro da cidade

Aos sábados, o centro torna-se multicolorido e inquieto. Zonas rurais, periferia, centro e cidades circunvizinhas se misturam em torno das trocas, compras, vendas, pelo direito de ocupar os espaços e perambular pelas ruas. À primeira vista parece que tudo é muito bagunçado e aleatório, mas com uma frequência assídua é possível perceber que neste ambiente tudo está no seu devido lugar. É que na feira aprendemos a utilizar todos os sentidos. É um dia em que o próprio povo organiza uma zona temporária e acessível dentro de uma política de subsistência.

Neste dia, às 05h, dona Lourdes e seu Zaga colocam a produção semanal das louças em cima de uma carroça e descem do bairro São José, periferia do alto, para o centro de Cajazeiras. Mesmo assim, a movimentação do comércio só aumenta às 08h junto à abertura das lojas e a chegada dos “carros de linha”. Mas para os feirantes as vendas começam ainda na madrugada, por isso sábado também é dia de acordar cedo!

Figura 20 – Percurso do bairro São José ao centro



Fonte: Google Maps (2020).

A exposição das peças é montada ao ar livre na beirada de uma calçada, sem qualquer cobertura. O lugar que um feirante ocupa tem alguns critérios estabelecidos, um deles é o tempo de permanência na feira e a hereditariedade. Dona Lourdes já mudou de lugar, mas ainda ocupa a mesma rua que sua mãe ocupava quando vendia louças há décadas.

Figura 21 – Exposição das peças na feira



Fonte: Acervo pessoal (2020).

A artesã se apropria de uma sombra do outro lado da rua, senta-se em um tamborete que traz de sua casa, toma café e fuma enquanto espera os clientes. Os lucros dependem de muitos fatores, mas na feira também se estabelecem as condições do imprevisível. Há uma noção mínima de que no início do mês as pessoas têm mais dinheiro e, possivelmente, comprarão mais, ao passo que ao final estarão sem condições para consumir. Mas não há qualquer garantia de que as vendas sejam boas ou ruins, é preciso ir e se dispor a lidar com faturas e as frustrações.

A princípio nos parecia estranho que as louças não tivessem um preço fixado no produto, pois pela lógica mercadológica atual facilita a comunicação visual do cliente, mas na feira as simbologias são bem diferentes. Existe a lógica do “o maior e o menor preço” em que as peças não são catalogadas com o valor, pois dona Lourdes pode negociá-las, mesmo mantendo uma base fixa do melhor valor de sua peça. Neste ambiente é possível comprar diretamente com o próprio produtor, por isso quando as feiras estão com pequenas movimentações as negociações são maiores, já que os artesãos necessitam do lucro semanal. Quando as vendas estão boas, é possível escolher um preço mais justo para seu trabalho. Mesmo assim o valor das peças é muito acessível, pois dona Lourdes disse que as pessoas não compram coisas caras e, assim como ela, também “pechincham” na hora de comprar.

A pechincha geralmente só é possível na feira livre quando há uma comunicação direta com o produtor, é uma forma de negociação em que ambas as partes consigam se beneficiar. Outra política nesse sentido é a fidelidade do cliente, quem compra peças,



constantemente, sempre levará desconto. Além disso, dona Lourdes ouve atentamente pela procura, é uma tecnologia de reinvenção do seu trabalho. Ela diz que quando alguém chega pedindo uma peça que ela não tem, essa peça será feita e levada para a próxima feira e quando as encomendas trazem boas ideias (como a adaptação da cuscuzeira), elas também serão incorporadas às próximas produções.

Figura 22 – Clientes observando as peças na feira



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Existem também as simbologias associadas diretamente às louças de barro, por fazerem parte do cotidiano da população há tanto tempo. Como foi dito no capítulo anterior, as peças tradicionais ainda ocupam a maior demanda dentro da feira, como as panelas, bacias, moringas e os potes pelo laço afetivo que retêm as memórias, embora haja tantas opções para substituí-las. Em relação aos potes, especificamente, há um “teste de qualidade” que é realizado pelos clientes batendo duas vezes no fundo da peça, se o som ecoar grave é porque o pote é bom, mas se o som for agudo, infelizmente está rachado. Há quem diga que é uma superstição, mas pela sabedoria popular, fazê-lo tem muito sentido.

Às 9h já é possível ter uma margem sobre como será a feira, pois a partir disso o fluxo vai diminuindo gradativamente. O sol vai transformando o calçamento num caldeirão fervente e rouba todas as sombras, refletindo o brilho das louças. Quase sempre o resultado indica que não foi tão bom, pois já tiveram melhores, mas também não foi tão ruim, pois já houve piores. É uma forma de permanecer no meio termo e alimentar a vontade de atravessar a cidade na semana seguinte.

Ao “pingo da mêi dia” já se esvaiu todo o movimento, seu Zaga volta com a carroça junto da filha Suênia para empacotar e guardar todas as peças que restaram. É quando a zona temporária se desfaz e o espaço de todos volta a ser o centro, quando todas as simbologias e místicas populares acompanham quem as fazem e voltam a sê-las dentro do mesmo lugar no próximo sábado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa buscou, por meio da crítica à história local hegemônica, traçar outros paralelos possíveis acolhendo um dos grupos de artesãs de Cajazeiras, as loiceiras do bairro São José. Esse confronto nos apontou o caráter da história como um resgate e sua função de encobrimento dos conflitos de interesse através daquilo que deve ser esquecido, em detrimento do que deve ser lembrado constantemente. Em contrapartida possibilitou a construção de uma narrativa que atenta ao cotidiano e ao habitar, indica as astúcias de quem, por meio de suas próprias vivências, também percebe e constrói os sentidos da cidade.

Através da cultura do barro em Cajazeiras, exploramos aspectos da expansão territorial urbana e outras mudanças que estão atreladas a esse processo, como os modos de habitar, o interior das habitações e os costumes pela cultura alimentar, medicina popular e o consumo. Por meio das dicotomias que nos foram comunicadas como as “coisas de hoje” e as “coisas de antigamente”, refletimos sobre a coexistência de ambas em uma relação de forças, conflitos, apropriações e pluralidade conceitual. Enquanto a “tradição” se legitima utilizando a trajetória passada, a “modernidade” se alia às promessas do futuro. Contudo, são atuações que possibilitam essas existências para o presente.

Dentro das “coisas de hoje”, encontrou-se a necessidade de modernizar a vida e o consumo, alinhando as escolhas sociais às propostas de um sistema econômico e político vigente. Sobre as “coisas de antigamente”, pairava uma memória afetiva que opera os hábitos cotidianos de outrora ou significada pelo encantamento de habilidades manuais e artísticas. Porém, esses elementos que pareceram tão bem estabelecidos em definições e temporalidades, ao se apropriarem da cidade, revelaram suas complexidades e contradições a essas “normas”. Nesse panorama, as loiceiras do bairro São José carregam consigo uma legitimidade para suas práticas, pois não são forças abstratas que sustentam esse trabalho, mas os sentidos que foram herdados, apropriados ou construídos como um meio de expressão e sobrevivência. Vimos que as astúcias de sustentação dessa tradição no presente estão nos artifícios de suas reinvenções.

Pelas mãos das artesãs corre a arte que conta suas subjetividades, as técnicas transmitidas e reconstruídas e o tempo específico que rege suas vidas. A temporalidade é um preceito à natureza do barro e quando as loiceiras o colhem precisam compreendê-lo para criar caricaturas e formas através de suas concepções. Embora seja um processo encantador, os tempos da subsistência são outros e essas disparidades produzem as dores do ofício.

Portanto, a ritualística do processo de construção de peças das loiceiras do bairro São José nos mostrou que é preciso conciliar a necessidade de criar por resistência e para a existência.

Entre as dinâmicas de “mexer com o barro” dentro das transições urbanas e perder o “gosto” pela falta de valorização, os pequenos prazeres de rememorar as heranças, de uma produção saindo inteira do forno e uma feira boa, são divididos por um longo silêncio que costura os sentimentos de indignação, os desgastes físicos e a sensações de quem lida com o imprevisível há muito tempo.

Este trabalho não tem a pretensão de abarcar todos os aspectos dessa prática, muito menos esgotar as possibilidades para esse grupo. Mas esperamos que, através dele, tenhamos proporcionado uma maior compreensão sobre os processos artísticos artesanais da cultura do barro em Cajazeiras e algumas das questões que essa prática alcança. Tentamos apreender por meio das palavras os sentimentos dicotômicos que movem as loiceiras dentro do ofício, as movimentações que pairam o galpão durante o dia inteiro como local do trabalho e vivências interseccionadas pelo manejo com o barro, como essas práticas refletem a cidade e o que provocam nos passantes da feira livre.

Por meio dessas discussões buscamos atravessar história, política e fatores econômicos como ações integradas aos atos culturais; entender que cultura não é um fazer isolado das questões sociais e as problemáticas inerentes. Apontaram-nos um cotidiano de outrora em que as vivências se constroem de forma diferente, mas que essas “artes de fazer” ainda reverberam com as práticas vigentes, compondo as experiências de habitar e, conseqüentemente, fazer história. Por isso, as questões culturais envolvem muito mais que manifestações de determinados grupos e o que elas simbolizam como um legado em práticas espontâneas e estáticas, mas como suas práticas são ressignificadas pelo meio e a forma como repercutem sobre ele.

Este trabalho também é um ensejo de que outras caminhadas pela cidade se convertam em narrativas possíveis que marcam contrapontos à hegemonia, que essas comunicações possam verter experiências diversas por esses e outros espaços de Cajazeiras e a complexidade de viver no seu interior. A elaboração dessa história não substitui e nem anula as distinções que circulam por esse e outros espaços da cidade, mas convive com elas. Portanto, esta ainda pode ser a “terra de padre Rolim”, mas não só.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. O teatro do poder e contrateatro do campesinato paraibano: Negociação, táticas e resistências. (1935-1945). **Saeculum: Revista de História**, João Pessoa, n. 26, p. 205-220, jan./jun. 2012.
- ALMEIDA, Flávia de Leme. **Mulheres recipientes**: Recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ARUANDA. Direção: Linduarte Noronha. Paraíba, 1960. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9uATt--ua0Y>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. **Revista de História Regional** 10(1), Verão, p. 95-129, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2019.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, v. 1, p. 197-221, 1987.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
- CARIRY, Rosemberg. **Dona Ciça**: O barro das maravilhas. Fortaleza-CE: Interarte Editora, 2019.
- CARVALHO, Elen. **Os pés que dão o ritmo da história do coco**. Recife, 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/15/os-pes-que-dao-o-ritmo-da-historia-do-coco>. Acesso em: 06 mar. 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- CEBALLOS, Viviane Gomes de. Vestígios de uma memória: O Instituto Histórico de Cajazeiras como lugar de produção de memórias e da história da cidade. *In*: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] Associação Nacional São Paulo: USP, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300060248\\_ARQUIVO\\_Vestigiosdeuma memoria.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300060248_ARQUIVO_Vestigiosdeuma memoria.pdf). Acesso em: 04 dez. 2020.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.



DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro**: A origem do “mito da Modernidade”. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. O texto em silêncio. *In*: FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Ver a cidade**: Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988. p. 7-19.

GADELHA, Glorinha. **Bendito o fruto**. Gravadora: Copacabana discos, 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vaviS4a34u8>. Acesso em: 28 out. 2020.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. *In*: GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 142-181.

GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 6, v. 1, n. 8, p. 41-63, jul. 2005.

KELLER, Paulo F. **Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia – GT 034: Etnografias do capitalismo. Natal-RN, 2014.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes visuais. **Revista Proa**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 1, p. 01-26, 2002.

LEIBANTE, Thiago. **Trabalho informal e acumulação capitalista**: ¿autonomia ou precarização? XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIMA, Ricardo Gomes. **O povo do Candéal**: sentidos e percursos da louça de barro. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MARIANO, Serioja R. C. Culturas políticas, administração e redes familiares na Paraíba (1825-1840). **Saeculum**: Revista de História, João Pessoa, n. 24, p. 11-24, jan./jun. 2011.

MARQUES, Marcelo de Souza; CALOTI, Vinicius de Aguiar. As Paneleiras de Goiabeiras e a dinâmica da Cultura do Barro. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXVI, p. 163-185, 2013.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa. **História Local**: Contribuições para pensar, fazer e ensinar. João Pessoa: UFPB, 2015.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac SP, 2008.

NASCIMENTO, Andréa Pereira do. **“Cajazeiras, a cidade que ensinou a Paraíba a ler”**: as contribuições da história de vida de professoras católicas. 2018. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – UFCG, Cajazeiras, 2018.

NEVES, Joana. História local e construção da identidade social. **Saeculum**: Revista de História, João Pessoa, n. 3, p. 13-27, jan./dez. 1997.

O SONHO de Inacim. Direção: Eliézer Rolim. Paraíba, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7cziftDiGg&t=320s>. Acesso em: 05 abr. 2019.

PREFEITURA Municipal de Cajazeiras. **O município:** dados do município. 2020. Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 15 ago. 2019.

RAMOS, Fábio Pestana. Alimentação. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 95-118.

ROLIM, Francisco Sales Cartaxo. **Antônio Joaquim do Couto Cartaxo e a formação de Cajazeiras**. Cajazeiras: Arribaça, 2019.

RUFINO, Thiago Batista. **A formação da comunidade quilombola remanescente “Os Rufinos” no município de Pombal-PB (2011-2018)**. 2018. TCC (Licenciatura em História) – UFCG, Cajazeiras, 2018.

SANTANA, Andressa Martins. **No sábado eu vou pra feira:** Memórias e resistência cultural em Cajazeiras (1970-2016). 2017. TCC (Licenciatura em História) – UFCG, Cajazeiras, 2017.

SCHAAN, Denise Pahl. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. **HABITUS**, Goiânia, v. 5, n.1, p. 99-117, jan./jun. 2007.

SILVA, Maria do Socorro Soares Costa. **Memória:** Práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras em Cajazeiras – Paraíba. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPB, João Pessoa, 2010.

SOUSA, Klêdson Pinheiro. **A expansão urbana de Cajazeiras – PB entre os anos de 2009-2015**. 2016. TCC (Licenciatura em Geografia) – UFCG, Cajazeiras, 2016.

SOUSA, Mauricélia Francisca de. **Negociação, resistência e liberdade:** Relações entre senhores e escravos na vila de Cajazeiras dos anos de 1864-1871. 2014. TCC (Licenciatura em História) – UFCG, Cajazeiras, 2014.

UHLE, Ana Rita. **Monumentos celebrativos:** aproximação entre arte e história (1925-1963). 2013. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, Campinas, 2013.

## **APÊNDICE A – Diários de acompanhamento da criação das louças do bairro São José**

O objetivo do acompanhamento ao trabalho das loiceiras do bairro São José foi perceber as diferentes linguagens que circulam junto à produção de louças no cotidiano das loiceiras do bairro São José, para construção das fontes de pesquisa e aproximação com o saber do grupo regido pela artesã dona Lourdes. Além de tentar entender na prática algumas etapas do processo para auxiliá-la no período das visitas. O tempo estipulado ficaria em torno de duas semanas, mas devido à abertura e aproximação que desenvolvemos, construímos outras dinâmicas e as visitas foram ocorrendo livremente no decorrer da pesquisa.

### **PRIMEIRO DIA – 16/01/2019**

Não era a primeira vez que eu visitava o galpão de dona Lourdes, no período em que realizamos o projeto de extensão no qual ela foi uma das colaboradoras, tive o prazer de conhecê-la e entender um pouco do seu trabalho. Mas dessa vez as visitas irão se configurar de uma forma diferente, tenho a possibilidade de acompanhá-la por vários dias seguidos e compreender na prática todas as questões levantadas por ela em algumas das conversas que tivemos. Além disso, esse processo trata-se da construção de outra pesquisa, mesmo utilizando elementos e discussões trazidas pelo projeto.

Na terça-feira, às 9h fui caminhando até o bairro São José, localizado há apenas alguns metros da UFCG. Na entrada do bairro está a igreja do padroeiro São José Operário, seguindo uma ladeira extremamente íngreme acompanhada por casinhas que seguem juntas a descida. Chegando ao Duda Bar, entrando à primeira esquina vou de encontro à rua de dona Lourdes. Viela estreita e muito arborizada, casas sem muros e cheias de plantas, quem vigia e protege simbolicamente as portas são as “espadas de São Jorge” e “Comigo ninguém pode”. As calçadas estão sempre cheias de cadeiras de balanço e conversas entre vizinhos. Crianças brincam soltas correndo pela rua inteira, homens jogam sinuca no bar, uma mulher costura na sala de portas abertas aproveitando a luz solar para clarear a vista. Logo após sua casa uma “bodega”, nome referente às antigas “conveniências” sertanejas. A população é muito ativa em relação à ocupação do espaço comunitário e utilizam disso também como forma de proteção. Muitas vezes já ouvi rumores de que é um lugar perigoso na cidade, por índices de furtos e ataques. A maior parte da população do bairro São José é pobre e negra e certamente representam muito perigo àqueles que não concordam com a distribuição de renda e marginalizam essas condições.

Cheguei à porta da sala, todas as netas estavam reunidas brincando e me chamaram para entrar. Disseram que sua vó estava aos fundos e me indicaram o caminho. Depois da sala há um corredor enorme que vai até a cozinha e a área de serviço que tem uma entrada estratégica para o galpão. Ele também mantém uma interligação com a loja que fica ao lado da casa, assim toda a família e trabalho convivem intimamente.

Ao chegar, ouvi o rádio ligado enchendo o galpão com o som do programa do George Sandro, pelas notícias, previsões astrais, resumo das novelas, curiosidades e a hora certa. Dona Lourdes não usa internet, o rádio é uma forma de distração e informação enquanto trabalha. Quando me viu puxou uma cadeira, me ofereceu café e foi logo avisando que eu havia dado uma viagem perdida porque as peças não tinham secado por causa da chuva da noite anterior e o nublado que se sucedeu pela manhã, portanto não tinha serviço para mim. Ela passou a pedra no fundo da panela e o barro veio junto, então explicou: “Olha aí, só presta pra alisar de pedra quando já tá bem sequinho, quando tá assim não dá o brilho”. Já aprendi uma coisa, apesar de saber através do projeto que existia um tempo próprio em relação à preparação do barro, descobri que todas as etapas da confecção dependem completamente de fatores naturais, como a temperatura. Não é possível criar uma peça ao tempo disponível por dona Lourdes, ela tem que se desdobrar para cumprir suas metas respeitando a natureza do barro.

Sentei-me junto a ela observando a confecção de bacias, estava dando o acabamento para retirar o excesso de barro. O fundo também demora um tempo para secar até passar pelo próximo processo de retirada, pois são vários. Enquanto algumas peças vão secando, dona Lourdes vai rapidamente se movimentando para as outras que estão no ponto para o acabamento, ela alisa as bordas das tigelas com o couro, completa um jarro colocando uma tira de barro por cima da boca e modelando ao restante da peça com um sabugo, alisa de faca um pote e ainda intercala com os serviços domésticos. O trabalho não para, ela se determina a enfrentar até mesmo os fatores naturais para completar a produção do dia.

De repente ela se virou para mim e disse “Se não dá pra fazer isso, venha fazer as peças”. Fiquei nervosa porque nunca tinha tocado no barro pronto para a modelagem. Entre o processo íamos conversando e ela disse que eu podia tentar aprender os outros acabamentos. Minha primeira experiência foi para alisar um jarro de faca, isso retira o excesso de barro do fundo externo e dá o formato de cada peça, mas não soube como fazer, tive medo de deformar. Ela completou o acabamento que eu parei e eu fiz o outro que é realizado logo em seguida deste, alisar com as costas de um pente para retirar a aspereza. Esse é um dos melhores processos, consegui fazer bem, porém consumindo muito mais tempo do que ela.

Suas mãos são rápidas, fazem tudo com muita destreza e agenciam, e com uma leveza que nem parece tão pesado e difícil quanto realmente é. Depois disso chegou uma cliente para comprar uma peça e logo após ela foi fazer o almoço, sempre voltando para dar o acabamento lá naquelas bacias que eu observei o primeiro passo quando cheguei. É um ritmo muito intenso de produção.

Com um tempo aparece Carla, a filha de dona Lourdes que cria principalmente com as peças decorativas e esculturas. Ela estava fazendo casinhas que servem como decoração para a parede, eram peças de encomenda. Nisso aproveitei para perguntar para dona Lourdes se a mãe dela trabalhava fazendo alguma peça decorativa. Ela afirmou que não, que sua mãe só fazia as peças de uso doméstico, como potes, panelas e bacias, utensílios muito utilizados na época. Percebe-se que esse saber recebe as intervenções a cada geração, uma das estratégias de resistência para que o trabalho prossiga é desenvolver novas peças para suprir a demanda atual.

Passei a manhã por lá, ela me disse que a única coisa que tinha para fazer hoje era o fundo das tigelas, e apenas ela fazia porque os clientes gostam que as peças sejam muito finas. Portanto, ao meio-dia encerrei as observações para deixá-la trabalhar mais à vontade e me comprometi a voltar mais cedo no dia seguinte, já que teria peças que eu poderia ajudar e outros procedimentos para conhecer.

## **SEGUNDO DIA – 16/01/2019**

No segundo dia desci a ladeira do bairro São José às 08h da manhã e cheguei ao galpão uma hora mais cedo que no dia anterior. Rádio ligado, cheiro de café, dona Lourdes estava sentada no chão colocando as orelhas e os rabos nos cofrinhos/porquinhos, ela disse que na feira anterior todos os que ela fez foram vendidos. Seu marido, seu Zaga, estava lá alisando as bacias de pente, o mesmo procedimento que realizei ontem. Antigamente o único suporte que ele dava em relação às louças era a busca do barro, pois tinha um emprego formal em tempo integral. Recentemente foi demitido e passou a trabalhar mais com a esposa, mas sua saúde debilitada o impede de fazer muitos esforços.

Perguntei para dona Lourdes se a louça havia secado e se tinha algo em que eu pudesse ajudá-la. Ela foi logo puxando a cadeira, me deu uma bacia, uma pedra arredondada, um pedacinho de plástico duro que ela chama de “pazinha” e me disse que passasse uma e posteriormente a outra na bacia para dar brilho, fazendo uma demonstração. Comecei a fazer o trabalho e logo vi que apesar de parecer leve, demanda muita força nos braços e nas mãos.

A minha primeira peça não ficou como deveria, era necessário passar a pazinha com muita força para obter mais brilho, o resultado é incrível. Depois de pegar o jeito dei o brilho em cinco bacias sequenciais. Ao ver a produção todas as etapas parecem mais fáceis, só que na prática elas demandam muito esforço, tempo e dedicação. Além do próprio tempo do barro que determina quando a peça estará apta para o próximo acabamento. Dona Lourdes me recomendou que parasse um pouco e disse que não gostava dessa fase de acabamento porque as mãos logo ficavam dormentes. Senti essa dormência nos dedos e dor nos braços. Esse é o último acabamento, depois disso a peça descansa um tempo até o momento propício para queima que geralmente ocorre às quintas-feiras, se tudo for como o previsto.

Enquanto eu fazia esse processo, dona Lourdes estava dando acabamento em outras bacias com a cuia feita de cabaça e o pedaço de couro, assim como ontem. Essa etapa serve para dar o formato ideal que as peças necessitam ter, retirando o excesso do barro que fica no fundo e melhorando as bordas que muitas vezes entortam por ainda estarem muito moles para o acabamento. Esse processo é repetido pelo menos três vezes em cada peça, até ela endurecer e estar pronta para a próxima etapa que consiste em alisar a peça com a faca para afinar, e posteriormente, alisar com as costas de um pente. Esse último processo é feito até duas vezes e a peça precisa estar bem mais dura que no processo anterior para não rachar. Para saber quando é o momento propício para dar o brilho é só passar a pedra na superfície, se o barro soltar, ela ainda não está seca o bastante. Há um ponto perfeito para esse acabamento, se secar demais a peça fica cinzenta ao invés de receber a camada de brilho. Tudo isso representa uma corrida no tempo para dona Lourdes que se desdobra intercalando o acabamento em todas as peças, algumas vezes sozinha.

Ao meio-dia voltei para casa porque dona Lourdes me disse que só teria as bacias para dar o acabamento de cuia e teria que esperar as outras secarem para que só pelo final da tarde fosse possível dar o último acabamento. Fiquei de voltar quando as peças já tivessem secas para ajudá-la novamente no acabamento, porém quando estava saindo de casa começou a chover. Quando a chuva passou fui lá para saber se ainda havia algo em que eu pudesse ajudar ou observar, mas o marido e as filhas já tinham se juntado no galpão para dar o brilho em todas as peças que secaram e as outras ficariam para o dia seguinte. Neste dia presenciei para além da produção, a ligação entre o barro e a coletividade no trabalho da família ao final da tarde, quando todos se uniram em torno do trabalho enquanto conversam, tomam café, partilham experiências e acontecimentos ocorridos ao longo do dia. Dona Lourdes já estava exausta e quase encerrando o serviço, portanto combinamos a próxima visita para o dia seguinte, pela manhã.

### TERCEIRO DIA – 17/01/2019

No terceiro dia cheguei às 09h, dona Lourdes estava com um cara resolvendo o problema de uma máquina que ganhou a algum tempo da Faculdade Santa Maria. Ela contou que com essa máquina diminuiria muito o tempo e esforço de preparação do barro, porém ela solta muita poeira e causa incômodo aos vizinhos, é necessário construir um compartimento para resolver essa questão. Quando ela utiliza, contou: “Bichinha, quando eu ligo essa máquina sobe uma poeira pra dentro de casa, pra todo canto. Uma pessoa entra aqui não consegue nem ver quem tá dentro, nem a gente consegue ver quem tá fora, aí acaba indo pra rua. Quem é que vai gostar? Se fosse eu num gostava”. Justamente pela ocupação dos habitantes na rua, é necessário pensar coletivamente. Até mesmo os processos manuais precisam de cuidados, seu Zaga precisa pisar o barro extremamente cedo, com a máquina funcionando adequadamente esse serviço poderia ser feito a qualquer momento do dia. Outro problema que dona Lourdes vem enfrentando no galpão são as frestas no teto, porque quando chove as peças que estão secando molham e derretem.

Perguntei se ela conhecia outros métodos, além do manual e dessa máquina para fazer a preparação do barro. A artesã me contou que no Maranhão tinha visto uma coisa incrível. Um cara de lá trabalhava na preparação e ele tinha uma máquina que colocava o barro dentro e ele já saía pronto: “Bichinha, nunca tinha visto uma coisa daquela, era incrível, daquele jeito ali é bom demais.”

Todas as peças já estavam quase finalizadas, pois a semana inteira é programada para que a louça esteja seca para a queima na quinta-feira, porém choveu no dia anterior e estava nublado. Dona Lourdes disse que se as peças não estiverem duras suficientemente para ir ao forno, elas quebram e a produção da semana inteira é perdida. Porém, se secarem muito as peças também quebram a partir da fornada. Algumas já estavam quase prontas, outras ficariam para a queima da semana seguinte, ela me contou que há uma solução. Quando as peças já estão secas o suficiente elas são envolvidas em um saco plástico, isso impede que sequem muito mais do que devem, evitando a perda da peça.

Enquanto resolvia esse problema ela dava o último acabamento em algumas tampas e eu fui ajudando nisso. Enquanto fazíamos, ela me perguntou algumas coisas da minha vida e fomos conversando sobre estudos. Dona Lourdes me contou que não pôde estudar, seu pai dizia que “estudo de pobre era a roça” e por isso fez de tudo para as filhas tivessem esse direito para conseguirem uma vida melhor.

Às 11h tive que ir embora, pois passaria na universidade para pegar alguns livros. Voltei pelo final da tarde e a queima estava acontecendo, geralmente começa pela manhã, mas por causa dos atrasos consequentes da temperatura, iniciou às 13h. O forno é extremamente quente, mas não mostra toda a sua queimadura em dias chuvosos. Dona Lourdes relata que em tempos mais quentes do Sertão, o forno chega a medir 80° C. Passei um tempo observando enquanto Seu Zaga cortava a lenha para alimentar o fogo, é outra função atribuída ao marido. A queima dura entre 7 a 8 horas, mas a produção só é desenformada no dia seguinte.

Dona Lourdes ainda trabalhava no acabamento de umas peças que ficariam apenas para a semana que vem, utilizando a técnica do plástico. Enquanto fazia, sua neta Luiza observava com curiosidade o trabalho e quando fui questioná-la sobre sua vontade de trabalhar com o barro ela timidamente balançou a cabeça respondendo que não queria. As filhas ainda participam da produção, as netas não. Dizem que elas estão fechando o ciclo dos saberes desse grupo por ser um ofício muito desgastante para a avó, mas passam o dia inteiro por lá, pois estão em período de férias e as mães trabalham. Transitam pouco pelo galpão, brincam entre a sala e a calçada.

Seu Zaga também estava martelando o barro “bruto”, peguei no barro e pensei que já estava bom o bastante para pisar, mas dona Lourdes disse que ele precisa estar muito mais seco do que aquilo e as marteladas eram para desfazer as bolas de barro para que ele pudesse secar mais rápido. Mas o barro da semana seguinte já estava pisado e peneirado desde a semana passada, faltava apenas molhar. Esse processo dona Lourdes fazia na sexta-feira de madrugada e disse que eu não precisava ir, pois era “muito simples”. Acatei sua decisão, porque minhas idas e participações nas atividades dependiam de sua aprovação. Despedi-me e combinamos o próximo encontro para a feira no sábado em que eu faria a observação do fluxo de vendas.

#### **QUARTO DIA – 19/01/2019**

Hoje é sábado, dia de feira livre pelo centro comercial da cidade de Cajazeiras. As ruas recebem pessoas de outros bairros, dos sítios e das cidades circunvizinhas e até mesmo de outras regiões. O encontro se dá tanto para consumir, quanto para vender, no caso dos produtores. Como sou de uma dessas cidades próximas, desde criança ouço falar sobre Cajazeiras como uma referência para compras, inclusive existem transportes que fazem linha de diversos lugares para o acesso à cidade.



Em conversas com amigos cajazeirenses e por meio de uma pesquisa que fiz com amigas para a disciplina “História e Cidade”, compreende-se que a feira livre de Cajazeiras foi se desenvolvendo juntamente com o processo de construção e povoamento da cidade. Essa história se confunde com o desenvolvimento local de várias outras cidades da província Paraíba, como Santa Luzia, pois se configurou como uma atividade lucrativa tanto para produtores, quanto para consumidores em períodos de grandes dificuldades econômicas na região. Desde então, a feira resiste por várias décadas carregando suas próprias simbologias e linguagens.

Estava mais ansiosa ainda para compreender o funcionamento desse espaço fora do lugar de consumo. Cheguei ao centro, passei na feira de frutas, lugar que particularmente gosto muito de transitar. Os produtores ficam espalhados em espaços estratégicos e pré-estabelecidos, dona Lourdes fica em uma rua próxima a Praça João Pessoa. Ela disse que a feira começa pela madrugada, mas combinamos a minha ida às 8h, horário que o fluxo se intensifica. Sua venda fica em frente à Narciso, uma loja de produtos de cama, mesa e banho.

O dia estava parado, nublado e uma temperatura sufocante que se perdurou pela manhã inteira. Lúcia, irmã de dona Lourdes, também estava expondo à venda suas peças, juntas são as únicas loiceiras que restam na cidade. Por incrível que pareça elas utilizam o mesmo processo que aprenderam com a mãe para realizar a produção, porém cada uma desenvolve suas peças com uma estética diferente. Lúcia costuma enfeitar bastante a louça em alto relevo, já dona Lourdes se preocupa muito mais com o acabamento e mesmo vendendo peças com a mesma funcionalidade, os detalhes também são diferentes.

Assim que cheguei uma sogra estava levando sua nora para escolher uma panela de barro, comecei a observar dona Lourdes nas vendas para, posteriormente, conseguir ajudá-la e ouvir o que os consumidores falavam em relação ao artesanato. Parte dos compradores mora em Cajazeiras ou pela região e a louça desperta desde o sentimento de nostalgia, espanto pela beleza das peças, desejo de experimentar a comida pela panela de barro no fogo a carvão ou lenha, mas também há desinformação sobre o processo e, conseqüentemente, desvalorização do artesanato.

Um homem parou a moto em frente à feira e perguntou quanto custava o cofrinho de porquinho, ao obter a resposta logo retrucou “mas isso é só barro”, desconsiderando uma semana inteira de trabalho intenso nas peças. Dona Lourdes se irritou, disse que barro é a matéria que se busca no barreiro, depois disso tem que fazer a peça e ter muitas despesas para que ela chegue até a feira.

Outro homem chegou e perguntou o preço do pote, queria um desconto exorbitante com o mesmo argumento de que o produto era fabricado com barro. Depois de uma conversa sobre a produção da peça o cliente comprou o pote e pediu desculpa pela grosseria. Ele disse que ia colocar água para dar banho no filho, pois sua mãe fazia o mesmo.

Depois de um tempo Carla chegou e ela saiu para resolver alguns problemas no centro, nós ficamos responsáveis pela venda. Um idoso se aproximou dos potes e observou durante um bom tempo, disse que ia construir uma “cantareira” em sua casa e solicitar uma encomenda de dois potes grandes. Quando questionamos o que seria “cantareira” ele afirmou que era um suporte de madeira para colocar potes e se utilizava antigamente, era uma das poucas coisas que tinha em sua casa quando morava com os pais: “Só tinha o fogão a lenha, a cantareira, a mesa e a cama de dormir.”

Apesar das peças de decoração encantar os clientes, elas são vendidas em maior quantidade através das encomendas. O que mais se vende na feira são os produtos de uso tradicional, principalmente as panelas, em seguida são os potes, as cuias que servem para colocar vários tipos de alimento, os copinhos, as moringas. Uma moça que veio comprar uma panela disse que sempre ouviu falar que comida na panela de barro era bem melhor, mas não lembrava porque só tinha comido quando era criança, agora queria testar novamente.

Chegou uma família de Brasília que estava visitando a Paraíba, o homem ficou encantado com as peças, mas disse que elas quebrariam na viagem, então Carla ensinou um método para carregar a louça percorrendo uma distância muito longa sem que as peças quebrassem e conseguimos vender um pote com o suporte e a tampa.

A feira ocorre ao ar livre, próximo à calçada da loja, começou a chover e corremos para salvar as caixas que embalam a louça ao fim da feira. Todas as etapas da louça contêm seus desafios, mas o maior de todos possivelmente seja na hora de guardar. O final da feira se dá ao “pingo da mêi dia”, expressão utilizada aqui no Sertão para descrever o momento mais quente do dia. Para ajudar nessa etapa chegou Seu Zaga, Suênia e o marido.

Por baixo de um sol escaldante as peças são encaixotadas com cuidado para não quebrar no meio do caminho. Ao todo foram umas 15 caixas que depois de embaladas são colocadas em cima de uma carroça e levadas ao depósito que dona Lourdes aluga juntamente com alguns artesãos para guardar as peças e facilitar a locomoção de lá até o local da feira livre, já que seu galpão com a loja fica extremamente longe do centro e seria muito difícil se locomover com o estoque e a produção semanal todo sábado.

Dona Lourdes voltou falando que havia sido chamada para conversar sobre uma iniciativa do governo falada há muito tempo sobre conseguir um local coberto para os

artesãos da cidade não precisarem sofrer tanto com a exposição ao sol e outros fatores, porém nada é feito, são promessas da política partidária.

Depois de toda essa jornada a feira termina e ela me disse que o dia foi razoável em relação à margem de lucros e movimento, porque já existiram dias melhores e também muito piores que esse de hoje. Combinamos que na segunda-feira eu chegaria ao galpão à tardinha porque já teria trabalho me esperando e nos despedimos.

### **QUINTO DIA – 21/01/2019**

Na segunda-feira o dia se prolongou extremamente abafado, o sol parecia que não queria se pôr. Mesmo assim às 16h30 da tarde, eu estava no bairro São José. Chegando lá, Maria (a tia adotiva) estava sentada na porta, lhe cumprimentei e perguntei por dona Lourdes, mesmo sabendo que há essa hora ela estava concentrada em sua produção. Ao entrar no galpão, inclusive me espantei ao ver que já havia mais de 15 peças modeladas para secar e dar os primeiros acabamentos. Perguntei se toda aquela produção era da segunda-feira, ela disse que não, que tinha começado no domingo mesmo, porque se não as peças não iam secar e a queima não poderia ser realizada na quinta-feira. Semana passada ela me disse que ia viajar e no domingo não ia trabalhar de forma alguma, mas o trabalho parece não se desvincular de sua vida pessoal. A viagem foi curta e após chegar ela já deu início à jornada de produção da semana.

O barro que seu Zaga estava martelando há dias ainda estava secando para ser pisado. Dona Lourdes demonstrou muita preocupação com a temperatura, pois além de todas as dificuldades que já sofre durante a produção das peças, teria que lidar com os atrasos que a fariam trabalhar ainda mais.

Assim que cheguei, ela estava colocando as alças das muitas panelas que ainda estavam molhadas e precisando de vários acabamentos iniciais. Tentei ajudar no acabamento das alças, como sempre ela me disse que eu ia “sujar” demais as mãos por pouco serviço, que não precisava, mas quando eu saía de lá sem barro pelo corpo parecia que algo havia faltado. Enquanto fiz as alças de uma panela, ela fez as alças em cinco com muita agilidade e precisão. Alguns detalhes são bem mais difíceis de fazer e exigem maior trabalho, porém ela disse que faz aquilo que mais agrada aos clientes.

Enquanto a temperatura não melhora, vi dona Lourdes lidando com outra dificuldade na confecção. Se a louça modelada não seca para o próximo acabamento, ela racha até se

desfazer, isso demanda ainda mais esforço, pois infelizmente irá aumentar o número de acabamentos em uma mesma peça.

Curiosa pela forma como suas netas reagem ao trabalho perguntei se elas participavam da produção de alguma forma, ou demonstravam qualquer interesse em participar. Dona Lourdes explicou que quando está com paciência deixa que elas brinquem como o barro, embora saiba que irão sujar tudo, mas elas não ajudam na produção das louças. As filhas ainda foram inseridas na aprendizagem do saber desde cedo, embora atualmente tenham seus empregos ajudem sempre que podem, mas com as netas foi diferente. Ela disse que quando “fechar o paletó” isso tudo acaba.

Hoje observei até o final do expediente, ela trabalhou até às 18h, mesmo com afirmando que tem duas hérnias de disco e seu corpo pedindo cautela. Quando ela parou combinamos a volta no dia seguinte para o mesmo horário, pois seria o momento em que teriam peças para dar o acabamento que eu aprendi, me despedi.

#### **SEXTO DIA – 22/01/2019**

Na terça-feira o dia estava um pouco menos quente, novamente às 16h30 desci a ladeira do bairro São José. Cheguei à casa de dona Lourdes e suas netas estavam todas reunidas brincando, ouvindo música, me informaram que ela estava no galpão, daí eu entrei. Ao chegar dei boa tarde e já fui perguntando se as peças haviam secado, ela disse que “mais ou menos”. Seu Zaga estava dando o último acabamento nas panelas só pelas bordas porque o fundo ainda não tinha secado. Nalda, a vizinha de dona Lourdes também estava lá ajudando no último acabamento, fumando um boró e tomando café. Juntei-me a eles e fui alisar as panelas de pedra e de pá. Peguei as duas maiores panelas e fui tomando café enquanto fazia, durei em torno de 2hrs para terminá-las, não me canso de dizer que é um serviço árduo embora não pareça. As mãos ficam dormentes e os braços doem de tanto esforço, principalmente porque a maior parte das pás já não serve mais e precisam ser passadas exaustivamente nas peças para conseguir o brilho, fui tendo mais consciência do que estava fazendo. Também alisei com as costas de um pente, já essa etapa é bem mais tranquila.

Um pouco mais tarde chegam três filhas de dona Lourdes, duas delas também se envolveram na produção. Carla estava colocando o bico dos bules, Neném no segundo acabamento das jarras. O rádio ligado ao som de Luiz Gonzaga tocava “fulô da maravilha” no embalo da confecção. A quantidade de peças produzidas duplicou de um dia para o outro, num dia foram produzidas muitas panelas, potes e jarras. No outro, muitos pratos, bules,

cuias, e as travessas que quase sempre quebram na queima por, hipoteticamente, serem muito finas no fundo e não resistirem bem ao calor. Porém foram encomendadas há duas semanas pela dona de um restaurante e dona Lourdes mantém um zelo enorme aos seus clientes. É cada vez mais comum à abertura de restaurantes com propostas de comidas “típicas” cozidas e servidas nas louças de barro e isso gera muitas encomendas.

Deu 19h e todas ainda estavam muito envolvidas com o trabalho, mas era o momento de eu ir embora. Combinamos que se chovesse eu só iria de tardezinha, pois a queima seria sexta, se não, a queima daria certo ainda na quinta às 13h.

### **SÉTIMO DIA – 24/01/2019**

Na quinta-feira o dia amanheceu ensolarado, nem resquício de chuva pela madrugada, parecia propício para lidar com o barro dentro do limite proposto durante a semana. Pelo que combinei ontem com dona Lourdes sobre pensar o horário a partir da observação do tempo, senti que deveria passar por lá pela manhã para ter certeza se a louça secou. Desci a ladeira do bairro São José às 10h, dobrei no Duda Bar e entrei pela rua estreita de plantas. Ao chegar à sala a neta Sofia me alertou: “ela tá lá, bem lá no fundo, onde faz o barro”. Fui entrando, passei pela cozinha e ao chegar à área de serviço já lhe encontrei sorrindo, o peso havia se desfeito por alguns instantes. A queima ia ocorrer no prazo delimitado para o merecido descanso de sexta-feira. Ao entrar no galpão estavam Novinha e Carla conversando enquanto Carla fazia estrelas em uma peça que ficaria vazada, os céus de barro, candelabros com estrelas e luas.

Dona Lourdes me ofereceu uma cadeira e perguntou se eu queria trabalhar, disse que sim e ela foi logo me entregando às tampas das travessas que alisamos de pente ontem, para hoje dar o brilho. Apostamos com todo otimismo que estas não quebrariam e a encomenda seria entregue para o restaurante. As filhas, o marido e eu nos juntamos para dar esse acabamento nas últimas peças que deveriam ficar prontas para a queima. Enquanto isso dona Lourdes ligou o torno, e em questão de minutos modelou várias cuias.

Sobre o torno ela me contou que foi em Pernambuco e viu artesãos trabalhando com muita agilidade nas peças, daí veio um cara de lá e deu uma oficina para elas. A técnica ajudaria a acelerar a confecção, mas não é fácil não, ela contou que de todas as pessoas que participaram da oficina só ela conseguiu aprender a manusear o torno especificamente na modelagem de peças pequenas, pois não consegue ter o controle dele nas peças grandes. Também não conseguiu aprender a deixá-las prontas, ela constrói a estrutura da peça através

do torno e faz o acabamento na mão, como as demais peças. Porém, adianta bastante o serviço.

Como já havia dito, quando a temperatura não favorece as artesãs trabalham muito mais, pois precisam dar os primeiros acabamentos por exaustivas vezes nas mesmas peças. Pois é, durante a confecção fomos conversando e Carla disse que ontem elas foram dormir só após as 23h, porque se retirassem o fundo das peças que ainda estavam molhadas, secariam um pouco mais rápido. Quando perguntei que horas dona Lourdes havia iniciado, ela falou “foi às 4h da manhã”, somando o horário contabilizamos 19 horas de trabalho sem descanso, nem horário para refeições, porque ela nem comeu durante o dia todo. Em um emprego normal a carga horária diária soma 8 horas, isso quer dizer que a artesã trabalhou em carga dobrada para adequar sua produção à lógica capitalista. Perguntei o motivo do jejum e ela me explicou que se comer “esmorece”, prefere trabalhar direto até concluir.

Terminamos o acabamento nas últimas peças e deu o horário de almoço, hoje ela poderia se permitir a ter suas refeições, pois à tarde só teria que peneirar o barro e terminar as cuias do torno. Fui embora e combinamos o retorno às 16h, mas o sol estava tão quente e a temperatura tão abafada que só consegui chegar ao galpão às 17h.

A queima começou no início da tarde, o quarto onde fica o forno estava em uma temperatura insuportável, mesmo assim seu Zaga tem que ficar alimentando o fogo com a lenha para que não apague. Encontrei dona Lourdes no chão dando o acabamento do pente nas peças que havia feito mais cedo no torno. Perguntei se ela queria ajuda, muito rápida nas respostas me disse “ainda pergunta se macaco quer banana?” pela primeira vez ela havia se permitido aceitar minha ajuda tão expressivamente e deixar que eu me “sujasse” de barro. Estava exausta! Disse que já havia feito muita coisa sozinha e me mostrou o preparo do barro já peneirado, com o “xerém” molhado e separado das impurezas (preciso ver o processo acontecendo para entender melhor, mas infelizmente ainda não consegui por respeitar os horários que combinamos).

Nos últimos dias tenho encontrado Nalda (a vizinha) por lá à tarde, ela fuma um cigarro de palha, toma café e às vezes ajuda, às vezes só conversa, conversa muito, sabe de tudo o que acontece na rua. Desta vez ela parecia estar interessada só em conversar e espairecer.

Comecei a alisar as cuias de pente, daí dona Lourdes interrompeu para me oferecer bolo com café, disse que deixasse as peças para depois que a gente comesse. Sentamos juntas em um momento raro de respiros e descansos. Quando voltamos ao trabalho ela tornou a reclamar porque eu me sentei no chão, ao lado dela. Ela sempre diz que “só as loiceiras de

verdade sentam no chão, porque suja a roupa”. Tento acostumá-la que as minhas roupas podem entrar em contato com o barro, não há qualquer problema. Mas sabe qual é a questão? Penso: eu não sou loiceira, o barro não inunda a minha vida há mais de 40 anos, nem é minha atividade de sobrevivência, muito menos está totalmente ligado à minha casa. Pesquisar sobre o trabalho com o barro e ser loiceira têm léguas de distância e ela delimita esses espaços, é parte de sua identidade.

De repente estávamos apenas nós duas no galpão e as muitas cuias nos rendeu uma conversa. Ela me falou sobre alguns problemas enfrentados na família por doenças e outras dificuldades, sobre a vida difícil depois que perdeu sua mãe aos 22 anos de idade e a responsabilidade de cuidar de todos os demais irmãos menores de idade. Falou também dos netos e a rotina da casa com eles, da sua irmã que morreu de repente e deixou uma grande lacuna na família e no trabalho, pois adorava viajar para as feiras e exposições em outros estados. Por último sobre a tia adotiva que estava envelhecendo e tendo contínuas mudanças de humor. Sua situação era delicada com tantas preocupações diárias. Como havia muitas coisas para fazer ao mesmo tempo, reafirmei para dona Lourdes que poderia ajudá-la acabando o restante das peças. Ela saiu para banhar o neto, observou a queima com o marido, mas voltou rapidamente, porque jamais pararia ao saber que ainda restava algo a fazer.

Eu gosto dos acabamentos que aprendi a fazer e comentei isso com ela, concluímos que é bom porque eu não tenho obrigações com o barro, para mim torna-se uma atividade mais leve. Mesmo acompanhando e percebendo toda a carga de trabalho que é exigida pelo barro, não sinto como ela, mas compreendi o sentimento paradoxal entre ter um saber, gostar dele, mas adequá-lo as suas necessidades primeiras, ao sustento, o cansaço e a pobreza vão sugando essa poética da arte.

Terminamos os acabamentos e o semblante era de muito cansaço, as últimas brasas da queima estavam acesas, as crianças tomando banho, a janta sendo feita e era o momento de se recolher. Organizando o galpão tivemos uma conversa com o vizinho agricultor sobre o inverno, a plantação das roças, as pragas, os venenos e, sobretudo, a escassez do barro que é uma preocupação constante. Dona Lourdes falou que algumas pessoas já vieram lhe indicar localidades possíveis para a procura, mas até então não tinha encontrado nada. Seu marido sai todo domingo de madrugada para um sítio próximo na procura da matéria prima, porém encontra muito pouco, ela queria conseguir uma maior quantidade de barro para ter segurança de sua produção por algum tempo.

Ontem dona Lourdes me disse que a parte mais pesada de lidar com barro é o preparo, já me disse outras vezes, mas eu não tinha ideia do peso que ela atribuiu àquilo por não ter

acompanhado ativamente o restante da produção. Sendo assim pedi autorização para a observação da preparação e expliquei sobre a minha curiosidade de ver todo o processo e da possibilidade de ampliação das informações para a pesquisa, ela consentiu. Combinamos às 6h30, pois todas as etapas da preparação geralmente são realizadas bem cedo.

O barro “bruto” foi pisado ontem de madrugada, peneirado hoje no início da tarde e será molhado amanhã, por isso acompanharei primeiro a última etapa e depois as demais que tiver oportunidade nesse período de observação, já que preciso acertar todos os detalhes com ela. Saí de lá aflita por não sair da minha cabeça a quantidade de horas que aquela mulher trabalhou durante a semana para manejar as ações naturais do tempo, num ciclo de resistência de mais de 40 anos dedicados ao seu saber. No campo de vivência da pesquisa, sinto que é inevitável não fazer uma observação sensível sobre as dificuldades enfrentadas na prática.

#### **OITAVO DIA – 25/01/2019**

O sol da sexta-feira amanheceu com leves raios, como se ainda não tivesse decidido entre o ensolarado e o nublado, durante a manhã e pela madrugada não choveu. Ontem à noite depois que fui embora do galpão se manteve uma combinação entre quente e abafado, então dona Lourdes deve ter dado o brilho ainda à noitinha nas cuias que alisamos de pente à tarde. Ela disse que as bordas estariam prontas e na sexta ficaria apenas o fundo para acabar, pois nesse tempo é a parte que demora sempre um pouco mais para secar. É a mesma problemática que falei sobre o medo da falta de controle sobre a temperatura e o ritmo de confecção. Ao invés de fazer tudo de uma vez só, algo que gastaria menos tempo e esforço, as artesãs trabalham dividindo o mesmo acabamento para dois dias, se as bordas secarem mais que nos fundos dificulta o alcance na melhor no brilho da peça. Para dona Lourdes a louça tem que agradar aos clientes, pois eles que irão consumi-la, por isso ela dá sempre o melhor de si para atingir o maior nível de qualidade em cada peça. Além disso, essa atenção demonstra o cuidado e a técnica para manter a qualidade e a estética de sua arte.

Desci a ladeira do bairro São José às 6h20 da manhã, o rádio já estava ligado em algumas casas, a bodega aberta e algumas pessoas de pé perambulando pela rua, varrendo a porta da calçada. Sempre que chego à porta da casa está aberta, mas dessa vez estava muito cedo, apenas a janelinha estava entreaberta. No Sertão do qual tenho experiência, isso mostra que as pessoas da casa já acordaram, mas ainda estão organizando o café da manhã e a vida para iniciar as atividades do dia.



Na sala a televisão estava ligada, as netas estavam deitadas em redes vendo desenho animado, elas não só passam o dia como também dormem por lá frequentemente. Seu Zaga me viu, me convidou para entrar, dona Lourdes tinha extrapolado no dia anterior como relatou seu marido, justamente para o acabamento que mencionei e ainda estava dormindo. Entrei e fiquei quietinha no galpão, em hipótese alguma incomodaria seu sono, porém às 6h40 ela estava de pé. Acordou muito bem humorada, me deu bom dia e perguntou se ela que estava atrasada ou eu que tinha me adiantado. Eu ri e disse que ontem me atrasei e hoje me adiantei, eu que estava atrapalhada com os horários. Foi lavar o rosto, entrou na cozinha e voltou com duas xícaras de café falando que os pães ainda não haviam chegado.

O rádio foi ligado bem baixinho, pelo código de ética na casa em relação ao respeito com os vizinhos. O trabalho também é pensado de uma forma que não os incomode. O barro estava peneirado em cima de um saco de estopa, a outra parte estava de molho no balde que caracteriza aquele processo de “molhar o xerém da peneira” para aproveitar tudo àquilo que ficou entre as impurezas na peneira. Dona Lourdes mistura o barro molhado com o barro seco e mais outro barro de coloração escura que também faz a louça, mas deixa a peça de uma cor mais clara que a cor tradicional de sua louça após a queima. Ao me mostrar uma peça, ela disse que essa cor é feia esteticamente, por isso prefere misturar com o barro de coloração mais avermelhada para obter a cor que julga melhor para suas peças. Sim, a cor também é um traço pensado para sua louça desde a preparação da matéria prima. Geralmente ela usa a cor tradicional, mas alguns clientes encomendam as peças pretas, então há duas opções: Queimar a peça duas vezes (principalmente no caso das peças que receberão alimentos) ou tingir com tinta específica para barro.

Foi feita uma cova no meio do barro peneirado e seco, dentro dona Lourdes foi jogando o barro molhado. Inicialmente demonstrou resistência quando pedi para ajudá-la no processo, pois eu teria que me “sujar” muito, mas, mesmo assim, insisti e disse que me lavaria depois sem nenhum problema. Argumentei essa necessidade a partir do que ela sempre fala em relação às pessoas precisarem sentir todo o processo do barro para compreender quão pesado adequar esse saber em fonte de renda para manter a família.

Fomos afundando o barro seco no barro molhado, e a primeira fusão parece tranquila, porém quando o barro vai aderindo o líquido ele se torna extremamente pesado, se revolta contra a artesã. É preciso ter força suficiente para educá-lo ao ponto dele se permitir ser modelado, é preciso que ele entenda sua função enquanto matéria prima para as louças. Não dá para ficar nem grosso demais, nem fino demais, existe uma consistência exata, um ponto que ela alcança com muita destreza, apesar de não transparecer todo o esforço físico que

precisa utilizar na “educação” do barro. Eu amassei, amassei, amassei, mas não consegui obter o ponto certo em nenhum momento. Após adquirir a consistência exata, o barro é arremessado em outro saco de estopa, mas não é o último processo. Esse barro que se torna uma massa para modelar precisa descansar por mais ou menos 3 horas, dependendo da temperatura natural, claro. Depois disso é dividido em vários pedaços equivalentes ao tamanho de um tijolo, envolvido em sacos plásticos e guardado para repousar até o início da produção, que muitas vezes se inicia já no domingo.

Enquanto estávamos com a mão no barro, seu Zaga desenformava a produção queimada ontem, colocando as peças no carrinho de mão e levando para a lojinha que fica na frente do galpão. Amanhã eles serão transportados para a venda na feira livre, uma próxima etapa a ser enfrentada até saber se o lucro será bom.

Dona Lourdes me mostrou as travessas que foram as encomendas da semana, pois há um mistério em torno do ponto certo delas, inclusive geram uma demanda muito grande de pedidos, mas quase nunca resistem à queima. Semana passada ela fez três, duas delas resistiram, essa semana fez seis e todas quebraram, incluindo as tampas. O intuito era fazer quinze para suprir uma demanda solicitada há 15 dias para uma mulher que está abrindo um restaurante. Essa produção quebrada custou tempo, esforço e matéria prima que já está muito escassa, mas ela cismou que irá fazer novamente, pois não aceita deixar os clientes insatisfeitos. Ela contou que sua mãe só enformava de 15 em 15 dias, pois deixava juntar uma produção maior, mas as peças de hoje em dia não suportam mais esperar tanto tempo até a queima. Fiquei curiosa para saber o motivo, ela falou que não sabia ao certo o que acontecia com o barro de hoje, mas ele era mais fraco, mesmo assim disse que sua mãe também utilizava a técnica de envolver as peças em um saco plástico para impedir que secassem excessivamente e como produziam muito mais, sempre ficava alguma louça pra queimar.

Terminado o serviço fui limpar as mãos e pedi às cuias que estavam com metade do acabamento pronto para concluí-las. Ela chamou as netas para carregarem a louça do quarto até o galpão, me entregaram todas e eu iniciei o trabalho enquanto dona Lourdes preparava o lanche dela e das meninas. Quando terminou, veio juntar-se a mim, ela jamais me deixaria fazer o trabalho só. Concluímos o serviço das últimas peças, mas elas só serão queimadas na semana que vem. Ela produz o quanto pode mesmo que não consiga queimar em uma única semana, aquelas que ficarem já serão um adianto na produção da semana seguinte, outras vezes ela queima junto às peças de sua irmã Lúcia na sexta-feira.

Depois disso ela foi organizar o galpão, estava jogando fora algumas peças defeituosas, recolhi duas para reutilizar como cinzeiro, mas ela me disse que não prestavam,

pois estavam quebradas. Falei que seria melhor dar um sentido a elas do que jogar no lixo, por isso queria levar e ela meio assim, mas aceitou. Desde o projeto percebi que ela tem tanto zelo com seu trabalho que não gosta de dar peças quebradas ou defeituosas, pois elas não atingiram a qualidade suficiente que ela tanto preza, faz parte das convicções em torno da sua arte.

Na volta para casa lembrei o relato que ela fez ontem sobre a dificuldade de encontrar barro. Antigamente ela me disse que sua mãe buscava a matéria prima no bairro Sol nascente, mas que hoje foram construídas muitas casas por cima do local. Quando estava descendo uma ladeira encontrei um torrão de barro, achei muito similar ao que vi lá no galpão. Trouxe para casa e amanhã vou mostrá-la na feira, para saber se é ou não é barro de louça.

### **NONO DIA - 26/01/2019**

Hoje é dia de feira, fui ao centro novamente às 8h, o horário em que todos os comércios da cidade abrem e as pessoas de cidades circunvizinhas chegam pelos transportes de linha. A feira livre inicia antes, ainda pela madrugada, como tradicionalmente ocorre e por isso dona Lourdes precisa acordar às 3h da madrugada para preparar tudo com antecedência e ir ao depósito transportar as coisas e organizá-las na feira com seu marido. Antigamente sua filha Sueide que fazia esse trabalho, mas ela teve uma gravidez de risco, daí dona Lourdes teve que tomar conta tanto da confecção, quanto da venda na feira.

Na semana passada observei o fluxo de pessoas, o que diziam quando compravam e suas reações diante das peças. Conferi que a louça mais vendida na feira é de uso tradicional para a cozinha sertaneja, por isso nessa semana resolvi anotar todos os produtos que seriam vendidos para saber quais peças específicas teriam uma maior demanda.

Assim que cheguei, dona Lourdes estava em uma conversa muito calorosa com uma mulher, quando me viu acenou para mim que estava do outro lado e riu. Atravessou a rua com sua amiga e eu fiquei lá ouvindo as duas conversarem, falavam sobre a vida, os problemas e as situações ocorridas recentemente. Chegou um cliente e eu fiquei sozinha com essa mulher, ela me disse que já foi vizinha lá no bairro São José, falou sobre seu apreço e admiração pela “Cumade Lurde” e suas experiências na cozinha com a louça de barro. Nesse diálogo acabei aprendendo sobre a funcionalidade de algumas peças, dentre elas a boleira de caco, ela disse “Não queima de jeito nenhum minha fia e fica tão gostoso”. Apesar de conhecer o tradicional bolinho de caco, eu não sabia que havia uma peça de barro exclusivamente para ele. Acabei ficando curiosa para saber se tinha alguma outra específica que eu não conhecesse. Tinha

também a cuscuzeira de barro, eu não a reconhecia porque ela é totalmente diferente da cuscuzeira de alumínio, o fundo é arredondado e a parte de cima parece uma corneta, não tem aquela divisória furada para subir o vapor, ao invés disso usava-se um pano de prato.

Levando em consideração o fluxo da semana passada, nesta semana a feira estava bem menos movimentada, e pensei que talvez isso não me desse uma margem de anotações sobre as peças vendidas. Mas aos poucos clientes chegavam, olhavam, perguntavam o preço timidamente e alguns ainda compravam. Dona Lourdes me disse que isso era normal, pois no final do mês a feira fica menos movimentada, as pessoas estão sem dinheiro. No início é bem melhor, e lembrou “antigamente quando os aposentados recebiam o salário a feira era bem boa, hoje eles não recebem quase nada por causa dos empréstimos”.

A diminuição da clientela nos fez ter tempo de sobra para conversar, ela está bem mais aberta aos diálogos sobre sua condição de trabalho, diferente de quando conversávamos durante o projeto. Falou-me que antigamente a rua inteira que atualmente fica com sua irmã era cheia de louceiras de um lado e de outro, eram umas 23 e hoje restam Lúcia e ela. Algumas largaram o trabalho pela dificuldade de exercer o ofício, outras morreram, algumas tinham problemas com alcoolismo e faziam o artesanato para sustento do vício. Os diálogos continuaram e ela foi me contando que morava numa zona rural de Mauriti - Ceará com a família até se mudarem para Cajazeiras – Paraíba em cima de um pau de arara junto de mais seis famílias. Inicialmente no sítio Terra Molhada onde trabalhavam na agricultura para o sustento da casa e sua mãe Marculina Isabel, mais conhecida como Maura, fazia louça de barro apenas para o autoconsumo.

Quando houve a mudança para o bairro São José iniciou-se a produção para a venda na feira, “minha mãe botava todo mundo pra fazer a louça”, disse dona Lourdes enquanto relatava as experiências da época. Ela contou que antigamente não se tinha prejuízos na fabricação das peças, pois toda a matéria prima podia ser recolhida muito próxima a sua casa. No alto atualmente existem muitos loteamentos e a área vem se expandindo rapidamente, mas dona Lourdes lembra que antes a região era coberta por mato e em diversas localidades havia barro para trabalhar com a louça, portanto não precisava se preocupar pela falta da matéria prima, muito menos pagar pela lenha utilizada para o forno na queima. Quando perguntei como sua mãe aprendeu o ofício, ela disse que isso veio da avó dela e assim sucessivamente.

Enquanto conversávamos as pessoas passavam tentando adivinhar quantas moedas caberia em um cofrinho em forma de porquinho, o maior palpite foi cinco mil reais. Semana passada uma mulher comprou 10 cumbuquinhas e encomendou mais 20 para a feira seguinte e

foi buscar. Dona Lourdes disse que ela é dona de um espetinho em outra cidade, vai utilizar as peças para colocar molhos e vinagretes.

Uma coisa interessante descoberta na lógica da venda na feira é “o maior e o menor preço”. As peças não são catalogadas com o valor, pois dona Lourdes pode negociá-las, mesmo mantendo uma base fixa do melhor valor de sua peça, neste ambiente é possível comprar diretamente com o produtor. Por isso quando as feiras estão com pequenas movimentações, as negociações conseqüentemente são maiores, já que os vendedores necessitam do lucro semanal. Quando as feiras estão melhores, é possível escolher um preço mais justo para seu trabalho. Mesmo assim o valor das peças é muito acessível, pois dona Lourdes disse que as pessoas não compram coisas caras e assim como ela também pechinham na hora de comprar. Outra política da feira é a fidelidade do cliente, quem compra muitas peças constantemente, sempre levará desconto.

Neste meio tempo chegaram suas filhas e uma das netas para acompanhá-la também. Novinha foi embora com pouco tempo, pois tinha um compromisso e Carla ficou enquanto dona Lourdes resolvia alguns problemas. Quase no final da feira elas precisaram se ausentar para se comunicar com uma cliente e dona Lourdes me deixou tomando conta das vendas. Ela foi me falando dos preços, e me ensinou como negociar suas peças, dizendo o valor fixo e o menor valor. Justo quando estava sob o controle chegou um homem para ver umas peças, quando perguntei sobre seu interesse ele disse que estava se decidindo, e foi logo avisando “mas eu não vou levar só uma não, faça um desconto”. Ele levou quatro cumбуquinhas para colocar o alimento dos pássaros e eu fiz a negociação como ela me ensinou que deveria.

Após a chegada da cliente procurada, a feira chegou ao fim, seu Zaga chegou com a carroça para encaixotar as louças enquanto dona Lourdes atendia a última freguesa. As peças compradas na feira foram: 1 pote pequeno, 1 pote grande, 1 vaso grande, 1 cofrinho de porquinho, 2 travessas pequenas, 1 caqueira (para plantar cactos), 1 bule, 1 panela grande, 2 panelas pequenas, 1 boleira de caco, 4 cuias, 4 vasilhos pequenos. Todas as peças de uso tradicional da casa para cozinhar e plantar, no caso do bule, para ornamentação, pois hoje existem cafeteiras muito práticas para fazer café, mas as pessoas acham o bule de barro esteticamente muito lindo.

Apesar da diminuição do consumo das peças pelo menor poder aquisitivo das pessoas no final do mês foi possível observar que a maior parte das peças adquiridas é de consumo tradicional para a casa e as peças de decoração estão mais associadas ao plantio, como as caqueiras e os vasilhos. Portanto, apesar da expansão do mercado do alumínio, os sertanejos ainda persistem em utilizar as peças de barro em sua cozinha, possivelmente guiados pelos

saberes e práticas dos seus familiares. A hipótese é que há uma hereditariedade tanto na transmissão do saber para produzir as peças, quanto para o fortalecimento do seu consumo. Na próxima feira será realizado um estudo para entender melhor essa questão.

Mas há muitas outras coisas que se pode perceber nesse trabalho pelas observações que fiz na feira, um dos mecanismos de renovação das peças consiste em ouvir atentamente aquilo que os clientes pedem. Quando dona Lourdes não tem aquilo que eles solicitam, no sábado seguinte ela já leva a peça, perguntei se a observação conferia, ela disse “é, pode ser que o cliente passe de novo atrás da peça aí eu já tenho”. Além disso, torna-se uma forma de entender o que está sendo mais utilizado.

Ah, sobre o torrãozinho de barro que encontrei ontem no caminho para casa, bem, dona Lourdes colocou que parece muito com o barro de fazer louça, mas não é. Ele tinha muitas pedrinhas e a matéria prima para as peças é bem mais lisa e um pouco brilhosa. Nisso aprendi um pouco mais sobre a identificação do barro específico para a modelagem.

### **DÉCIMO DIA – 28/01/2019**

Hoje a visita foi à tarde, era umas 16h quando sai de casa correndo, pelas nuvens carregadas e a ventania estava bonito para chover. Esses dias sem chuva, a louça seca, mas a temperatura abafada torna o dia quase insuportável pela tarde. Quando fui levei um cacto para dona Lourdes, já que ela disse que tinha dificuldade para o cuidado de plantas mais sensíveis.

Cheguei ao galpão e logo encontrei ela sentada no chão cercada de 9 panelas, 2 potes e 2 bacias grandes, conclui que a próxima feira cai no início do mês de fevereiro e ela se apressa na produção mais requisitada pelos clientes. Todas essas peças estavam sendo acabadas de forma intercalada e exaustiva. Coloca-se a alça nas panelas, enquanto elas secam, passa o pente para modelar a boca dos potes, as bacias já estavam prontas para o último brilho. O rádio estava desligado, pois a rádio estava fora do ar. Parecia que faltava algo, já que em todos os outros dias os programas preenchiam o espaço.

Encontrei Carla no balcão, ela estava fazendo um sapo gigante de barro, daqueles que são usados em decoração de jardins. O cara que fez a encomenda trouxe o modelo de um que já estava bem deteriorado para que ela fizesse um novo igualzinho. Sempre que vejo a produzindo percebo o quanto o trabalho com o barro tem possibilidades.

Apesar de conversarmos muito em momentos específicos, como na feira, na produção às vezes é diferente, existem instantes que são mais suscetíveis para o silêncio. As loiceiras se concentram em uma espécie de comunicação compreendendo exatamente aquilo que as peças

necessitam. Dona Lourdes estava modelando a boca do pote e viu que uma das panelas estava rachando, isso acontece quando a peça não seca como deveria, rapidamente ela deve voltar para dar mais um acabamento na panela para que ela não se rompa completamente, esses sinais são coisas que as louças “dizem”. Por essas e outras que ela fala que na produção de louças “lidar com o barro é que nem lidar com gente”.

Depois de um bom tempo o rádio voltou a funcionar nos dando um susto, como de costume Luiz Gonzaga domina as estações sertanejas no fim de tarde. Mais ou menos na hora do anjo (às 18h) dona Lourdes conseguiu finalizar todos os acabamentos e finalmente poderia parar a produção. Ela contou que estava trabalhando desde as 4h da manhã, mas tinha se atrasado um pouco com as panelas. Isso tudo soma quase 14 horas de jornada de trabalho.

### **DÉCIMO PRIMEIRO DIA – 29//01/2019**

Ontem quando saí dona Lourdes me disse que todas as peças que estavam sendo modeladas naquele momento estariam prontas para dar brilho hoje à tarde, por isso me adiantei e às 15h30 fui para sua casa. Quando cheguei ao galpão peguei o programa “brega vip” no rádio, um momento em que os radialistas interagem com a comunidade recebendo ligações dos ouvintes para pedir ou oferecer sucessos do brega para pessoas queridas ou para ouvi-los.

Ela estava sentada no chão rodeada de novas peças, 8 travessas e suas tampas, daquelas que quase sempre quebram na queima, muitas bacias, panelas pequenas, caqueiras (bacias para plantar cactos). Na mesa Carla fazia os jarros decorativos e dava o acabamento no sapinho de jardim feito por encomenda. Numa cadeira estava seu Zaga e na outra a Nalda, ambos dando o último acabamento nas peças secas. Juntei-me a eles para “dar o brilho”, pois todas as peças que vi ontem estavam prontas para isso, havia muito trabalho. Das 9 panelas que estavam recebendo as alças ontem, 4 delas passaram pelo meu acabamento, acho que foi o máximo que já consegui em um só dia.

Estava concentrada e, de fato, a peça te envolve mesmo num diálogo. Dona Lourdes começou a rir do meu silêncio, disse que eu fazia muito bem esse acabamento e que estava pensando em me contratar. Carla falou que quando a pesquisa acabasse eu seria profissional em dar o brilho nas louças.

O diálogo que me envolvi me levou a perceber o ponto exato em que a peça pede esse acabamento, todas as peças “falam” suas necessidades, mas é preciso um tempão de experiência para entender. Inicialmente tive muita dificuldade para perceber o que a peça

“pedia”, dona Lourdes bate o olho e já interpreta tudo. Explico: Peguei uma panela muito grande e quando fui alisar de pedra percebi que as bordas estavam muito secas, a metade relativamente seca e o fundo molhado. Quando fui passar a pá para enfim dar o brilho, nas bordas obtive muita dificuldade, no meio estava perfeito e o fundo ainda não permitia fazê-lo. Ou seja, relativamente seco é o ponto certo para esse acabamento, mas a peça não seca por igual, portanto é preciso que o processo seja feito pela metade para ser concluído depois e quando a temperatura esfria esse processo é ainda mais difícil.

Chegou o momento de Luiz Gonzaga na rádio, também chegou Sueide para ajudar no brilho e Novinha para vazar uma peça com estrelas. Por um momento tinha muita gente, por isso conserva-se a ideia de existir uma associação formal ali, algo que de fato já existiu, mas no momento é uma família em trabalho coletivo. As filhas trabalham o dia todo, mas quando chegam se dispõem a ajudar a mãe por um tempinho até irem embora para suas casas, apenas Sueide trabalha para a mãe.

Por lá tudo acontece no tempo do barro, depois da hora do anjo a produção foi diminuindo até acabar, novamente dona Lourdes teve uma jornada excessiva.

### **DÉCIMO SEGUNDO DIA – 30/01/2019**

Hoje choveu pela madrugada só que o dia não se manteve nublado, mas a produção da louça estava bem adiantada então isso não deve ter alterado tanto o processo. Cheguei ao galpão às 16h20, no finalzinho do brega vip, Nalda disse que apareci em boa hora. Estava ela, seu Zaga e até dona Lourdes alisando o restante das peças que iam para a queima, juntei-me a eles. A artesã me falou que não era bom trabalhar dia de domingo, mas quando trabalhava conseguia adiantar bastante o serviço e as peças secavam a tempo.

Hoje tínhamos combinado que eu veria seu Zaga pisando o barro, mas ele não teve tempo, pois teve que ir ao sítio buscar a lenha para a queima de amanhã. Mas dona Lourdes me deu uma demonstração, ela me mostrou a lona que era colocada o barro em cima e o instrumento, similar a um martelo só que muito grande e feito com madeira. Nisso ele é pisado até ficar bem fino, no ponto para peneirar.

O trabalho hoje foi concluído mais cedo, antes das 18h dona Lourdes já estava arrumando o galpão e disse que ficariam só algumas tampas que ainda estavam molhadas para alisar a noite antes de dormir, enquanto eles estivessem assistindo a novela. Eles dormirão cedo, pois terão de iniciar a queima às 03h da madrugada, ela precisa dar uma resposta para a



mulher que encomendou as travessas. Se elas resistirem à queima, ela já terá todas as peças da encomenda, caso não, disse que não tentará fazê-las novamente.

Combinamos minha ida amanhã cedo para a observação do barro sendo peneirado, que é a segunda etapa de preparação da matéria prima para a obtenção do barro moldável.

### **DÉCIMO TERCEIRO DIA – 31/01/2019**

Hoje eu saí de casa às 07h20 como combinado com dona Lourdes e fiz um trajeto diferente para chegar ao bairro São José. Entrei um pouco mais embaixo em um atalho na esquina de um bar que fica na avenida do alto. Essa parte do bairro ainda está em estrada de terra e um trecho ainda remete muito a vida no campo. Umás duas casas têm seus terreiros enormes com criação de galinhas, muitas árvores e poucos vestígios daquilo que consideramos “urbano”. Ao dobrar já estava em um calçamento, dobrando novamente já entrei a rua cheia de plantas onde fica a casa da artesã. Próximo à calçada dona Maria e uma vizinha conversavam sobre a chuva da madrugada anterior e como o tempo estava bonito para chover novamente, ambas estavam varrendo os pés de suas calçadas.

Entre na casa e as pessoas estavam tomando o café da manhã, menos dona Lourdes que já estava pronta para iniciar suas atividades. Logo que cheguei, nós já fomos para o galpão onde estava um saco de estopa cheio de barro pisado para peneirar.

O barro é peneirado com uma tela extremamente fina para impedir que passem raízes, pedaços de folhas e pedras para o barro que será destinado à louça. Enquanto peneirava dona Lourdes falou que sua mãe não fazia essa etapa, “fazia principalmente potes, panelas, bacias e quartinhas, dificilmente fazia outros tipos de peças”, essas aí eram as mais requisitadas no uso doméstico da época e tinham poucos acabamentos tanto na preparação, quanto na produção. Perguntei por que era prejudicial não peneirar, já que sua mãe não fazia. Ela respondeu que a peça fica mais grosseira, igual ao pote que ainda se conserva sem muitos acabamentos e caso uma das louças pegasse uma raiz, ela quebrava na queima.

Dona Lourdes contou que em 2001 houve um curso de um dia ofertado por uma mulher de Campina Grande. Ela pediu que levasse o barro peneirado para a oficina, mas ao chegar lá a primeira coisa que perguntou foi o procedimento utilizado para peneirar. A mulher do curso falou que ela nunca mais peneirasse o barro seco, pois a poeira fina entraria em seus pulmões e lhe causaria sérios problemas de saúde em longo prazo. Desde lá até aqui ela continua peneirando o barro seco uma vez por semana. Perguntei se ela me deixava fazer parte do processo, mas não teve acordo, não estava disposta a me deixar fazer, disse que era

muita poeira para mim. Mesmo assim fiquei por perto, a poeira é forte, trava a garganta e quando fui lavar minhas narinas saiu um punhado de barro.

Após a separação do barro fino, o que fica na peneira é chamado de “xerém”. Nesse xerém ainda existe muito barro para se trabalhar, porém misturado com várias impurezas. Portanto se faz um segundo processo, neste ela usa dois baldes grandes cheios de água, em um deles ela coloca o xerém, na boca do outro fica a tela fina, daí ela vai jogando a mistura de um no outro. Por fim, apenas as impurezas ficam na tela e no outro balde o restante do barro que se despreendeu. Esse barro que está na água do balde será utilizado para molhar o barro que foi peneirado seco. Na mistura se obtém a matéria prima na consistência exata para o manuseio no trabalho.

Estava tudo indo muito bem, até que acidentalmente a tela virou no balde com as impurezas, então ela teve que refazer o processo. Sem contar que a tarde o processo seria feito novamente só que desta vez com outro barro que foi encontrado em uma localidade diferente que parecia de louça, mas era fraco, pois no teste a peça quebrou na queima, também era mais claro que o barro avermelhado então seria fundido com o outro para ficar mais resistente, além de manter a cor das peças como dona Lourdes prefere.

Após a observação do processo eu fui embora, ela saiu e foi me deixar até a porta, coisa que raramente tem tempo para fazer. Enquanto estávamos na calçada ela me contou que seu Zaga estava com colesterol alto, duas hérnias de disco e eles estavam extremamente cansados de fazer o serviço totalmente manual. Contou também sobre a dificuldade da busca pelo barro, pois em algumas propriedades os donos não deixavam cavar para a retirada da matéria prima, nem mesmo vendiam. Outra questão que dificultou a produção foi à licença maternidade de sua filha Sueide, pois ela quem ia para a feira e ficava por lá, mas ela disse que “quando Deus fecha uma porta, ele abre outra” e assim as coisas vão caminhando.

Combinamos o próximo encontro para a feira, pois na sexta seria o dia de molhar o barro, processo que já acompanhei na semana passada e nisso ela não concordou em ter ajuda.

#### **DÉCIMO QUARTO DIA – 02/02/2019**

Hoje é dia de feira no início do mês e fiquei pensando se o poder aquisitivo das pessoas tinha aumentado. Passei pela feira de frutas às 08h, geralmente essa parte recebe o maior fluxo de consumidores e produtores rurais, mas não vi tanta diferença considerando a feira passada. Fui de encontro à dona Lourdes, ela estava lá sentada no seu tamborete reclamando do calor excessivo e as vendas muito baixas. Pedi-me que ficasse na feira para

que ela fosse dar um pulinho em casa e pegar uma encomenda que esqueceu em casa e o cliente ia passar pra pegar. Na oportunidade veio uma mulher me pedir para ver as moringas, acabou levando uma, não disse nada, mas o semblante era de muito encanto em relação à peça.

A partir das observações das feiras passadas montei um questionário simples para entrevistar algumas pessoas. É muito difícil dialogar para além da venda porque as pessoas geralmente passam com muita pressa para transitar por outros espaços da feira, outras simplesmente não aceitam participar. Quando dona Lourdes chegou eu fui observando as pessoas que poderiam ter um pouco mais de tempo e disposição, acabei encontrando seu Francisco José que estava acompanhado por uma mulher e suas filhas que vieram de Antonino no Ceará. Elas disseram que estavam a passeio e vieram à feira comprar várias coisas, portanto não tinham muito tempo, mas seu Francisco rapidamente adquiriu uma panela e ficou esperando que ela escolhesse o que compraria. Aproveitei para perguntar se poderia entrevistá-lo para minha pesquisa do TCC, daí ele falou “mas é rapidinho?” confirmei que sim e iniciamos, Ele me contou que mora no Sítio Poços distrito de Cajazeiras. Perguntei sobre a finalidade da peça escolhida, se conhecia o trabalho de dona Lourdes e com que frequência costuma ir à feira. Bem, descobri que o senhorzinho simpático de 59 anos frequenta a feira há 51 anos: “Eu comecei a vir pra feira com minha mãe quando tinha 8 anos de idade. A gente vinha por dentro a pé comendo juá, naquele tempo só gente rica tinha transporte”. Sobre a finalidade da peça, me falou que era um presente para sua esposa: “Pra ela cozinhar feijão, o alimento fica saudável. A panela de barro é livre dessas coisas de hoje”. Ele disse também que atesta a qualidade da louça de dona Lourdes, que lhe vê há muitos anos na feira e que já comprou outras louças dela. Depois disso ele se despediu muito alegre e saiu correndo para completar o percurso na feira.

Depois de um tempo chegou um homem que falava muito ligeiro e logo se via que tinha lábia de comerciante para negociações. Cícero Jamacarú, 45 anos veio comprar uma panela de barro “pra cozinhar fava e comer tomando cana”. Ele também aceitou a entrevista, disse que morava em Missão Velha – CE, no sítio Jamacarú e estava na feira comercializando bananas. Perguntei o motivo de a fava ter que ser cozinhada especialmente na panela de barro: “Ahhh, porque fica mais gostoso, né? Lembra também nossos pais, minha mãe ainda cozinha na panela de barro e lá no sítio as pessoas usam muito”. Pedi para que ele me explicasse com que finalidade as pessoas utilizam tanto a panela de barro na sua localidade e ele disse que especialmente nessa época o pessoal usa muito para fazer óleo de pequi, pois está na safra: “Compro as panelas aí o povo chega lá em casa e carrega as panelas aí eu tenho que comprar

sempre outra. As panelas dela eu conheço, mas só compro panela mesmo”. Apesar do uso frequente das panelas de barro em Jamacará e de existir produção por lá, Cícero explicou que elas não são tão bem feitas como essas e por isso ele aproveita pra comprar em Cajazeiras quando se desloca para a feira. Além disso, uma questão destacada em Cícero é que ele é produtor/consumidor, assume outro traço existente na feira. Produzir para vender na feira e com o lucro, suprir-se de outras mercadorias existentes no próprio local. Assim como a própria dona Lourdes que vende as peças de barro e compra frutas.

Apareceu outra cajazeirense moradora de Brasília, era Joana Darc, 55 anos. Ela comprou uma panela e uma moringa, quando perguntei o que faria com as peças: “Vou levar para presentear uma amiga, eu gosto muito de louça de barro, acho lindo”. Ela confessou que não conhecia a feira, muito menos as peças de dona Lourdes, tinha sido levada para Brasília ainda recém-nascida, daí agora tinha vindo fazer uma visita à sua cidade natal. Completou a entrevista dizendo: “Eu amo muito essas coisas rústicas, mas não sei te dizer o porquê”. Ela riu e nos despedimos.

Memorizei um caso que não pude entrevistar, mas achei interessante. Um homem chegou buscando por uma leiteira, mostrei a peça e ele disse “Mas isso serve pra usar no fogão a gás?” e eu afirmei que sim, inclusive utilizo uma panela de barro para fazer chá. Ele ficou desconfiado, perguntou várias vezes se eu tinha certeza, mesmo assim comprou e disse que ia testar. Antes que pudéssemos conversar um pouco mais ele disse que estava atrasado e precisava ir embora. No tempo em que as panelas de barro eram muito utilizadas na cozinha sertaneja, os alimentos eram preparados em fogão à lenha. Isso consequentemente deve ter persistido no imaginário das pessoas que associam uma coisa diretamente a outra.

Apesar de ser início do mês a feira não estava muito boa, vieram pouquíssimos compradores e dona Lourdes já estava em um desânimo que a fez guardar as peças antes mesmo do meio-dia: “Olhe, se eu soubesse quando a feira ia ser ruim eu nem vinha, quando a gente terminar de pagar as despesas da semana não vai ter quase nem lucro”. Quando Carla chegou, quase as 11h já estávamos encaixotando algumas coisas. Algumas poucas pessoas ainda passaram para comprar uma peça ou fazer encomenda, mas prosseguimos guardando tudo até seu Zaga, Suênia e o marido chegarem para encaixotar o resto e levar ao depósito, a feira para nós acabou um pouquinho mais cedo.

No domingo geralmente é iniciada a produção, mas dona Lourdes inicia ao seu próprio tempo, por isso combinávamos sempre para as segundas-feiras pelos horários certos. Porém, ela me chamou dessa vez para cavar o barro e me ensinar como procurá-lo. As 07h da manhã acertamos um ponto que ficaria mais fácil, ela passaria para me buscar e iríamos até o local que ficava nas imediações do Bairro Sol Nascente. Fomos parar em uma propriedade bem distante com pouquíssimas casas, mas muitos terrenos demarcados para loteamento. Adentramos um terreno coberto por mato, ela me mostrou que o barro de louça é aquele que racha nas extremidades, geralmente forma-se um barreiro por cima, quando está molhado é meio liguento, quando está seco é extremamente duro. Durante a minha infância no sítio vi barro de louça inúmeras vezes e não sabia reconhecê-lo.

Quando encontramos o barreiro certo, a picareta foi utilizada para cavar, pois só o barro que fica coberto é que serve para a louça. Quando ela cavou, foi me mostrando como a matéria prima específica é lisinha, não tem pedras, embora tenha muitas raízes e também tem um brilho. Associei aquele mesmo brilho que a peça recebe no último acabamento. Depois de cavar o barro é colocado dentro de um saco de estopa, em casa fica exposto no galpão para secar porque ele é extremamente úmido. Às vezes demora semanas até que esteja pronto para finalmente pisar, peneirar e molhar.

### **DÉCIMO SEXTO DIA – 13/02/2019**

Já tinha encerrado as observações e estava arrumando a mudança para voltar à minha cidade. Fui surpreendida por dona Lourdes dizendo que estava com saudades e me chamando para outra experiência com o barro. Durante todo esse tempo que lhe acompanhei nunca tinha tentado fazer uma peça. Sempre observei atentamente, mas pensei que não fosse conseguir fazê-la. Minha mãe fez uma encomenda e ela disse que queria que eu a ajudasse na tentativa de fazer as flores de barro. Dona Lourdes confessou que não sabia, até já havia tentado, mas o negócio dela era fazer as peças de uso tradicional mesmo.

Carla é responsável pelas peças decorativas, mas enquanto ela não chegava para me ensinar eu fui tentando fazer, inicialmente achei bem difícil de manusear, mas a matéria prima, mas fui melhorando. Dona Lourdes me aprovou como florista e foi mostrar para suas filhas o que eu tinha conseguido fazer. Pelo êxito nas peças, nos propomos um novo desafio, ela faria um jarro para a base e eu tentaria moldar um rosto nele, então escolhi fazer um Moai e também consegui.

Nesse dia conversamos sobre o sentido de coletividade nesse trabalho, existem muitas especificidades. Por exemplo, Dona Lourdes sabe fazer panelas potes, mas quem ornamenta as peças com desenhos de flores, os riscados, são suas filhas Neném, Sueide e Carla. Ela faz o corpo e a cuia pequena da cabeça do vaso, mas quem monta, desenha e dá os últimos acabamentos é Carla. Assim acontece com todas as peças decorativas, uma monta a base, a outra finaliza. Cada uma tem um saber que é específico e fundamental para o desenvolvimento da louça. Dona Lourdes aprimorou os acabamentos a partir da base que tinha com o saber de sua mãe, as filhas pegaram a base do saber dela para fazer as peças decorativas e ornamentadas.

## **DIÁRIOS LIVRES**

**18/03/2019 – SEGUNDA-FEIRA**

Às 07h desci a ladeira do bairro São José depois de algumas semanas, fui de surpresa, pois já temos uma relação que me permite visitá-la sem as cerimônias que interrompem sua produção. Maria estava na calçada e nos cumprimentamos, ela falou que dona Lourdes estava no galpão. Perguntei como estava e ela disse “Do mesmo jeito, nem piorei e nem melhorei”, daí em diante passamos duas horas seguidas conversando.

Ela me contou os casos recentes ocorridos na feira. Um homem de São Paulo veio a passeio em Cajazeiras e tinha comprado mais de 300 reais em diversas louças de barro para levar. Apareceu também um cliente de Sousa que disse que estava comprando para revender, pois não atestava a qualidade das peças vendidas em sua cidade. Contou também que na semana passada uma mulher encomendou uma peça de fazer queijo, parecia um vaso só que com quatro furos no fundo.

Enquanto ela ia me contando as novidades estava fazendo algumas panelas, me disse que ontem fez alguns potes, mas não teve forças para continuá-los, então cobriu para colocar a boca hoje. Ajeitando os potes, lavando a louça, voltando e intercalando com o almoço, aquele mesmo ritmo de fazer os trabalhos domésticos junto aos trabalhos com o barro.

Seu marido Zaga estava na roça, ela disse que ele brocou, limpou e estava plantando. Gostaria de ajudá-lo, porém não tinha tempo. Estava torcendo para que a plantação não pegasse praga: “No ano passado num ficou um pé de feijão bichinha, tudo bonecado, só tivemos prejuízo”. Continuamos o diálogo falando sobre o poder das plantas medicinais e a indústria farmacêutica: “Antigamente o povo se tratava tudo com remédio de mato, tinha uma

planta que tinha uma raiz preta, o povo colocava essa raiz dentro do pote pra beber a água dela e não adoecer”. Ela contou casos recentes de pessoas jovens que morreram de câncer e a influência do veneno na comida, além do cozimento nas panelas de alumínio: “Hoje quando uma pessoa tem câncer se descobre no início é fácil de tratar e vive muito ainda, antes quando tinha morria, mas era difícil ter porque o povo não comia tanta comida com veneno e cozinava tudo na panela de barro”.

Perguntei pela produção de peças decorativas, ela disse que Carla estava com a vida muito corrida na escola e fazendo cursos e treinamentos, ainda por cima tinha contraído uma gripe e isso tudo tem dificultado a produção dela. Nesse sentido, a produção está parada e as encomendas atrasadas.

Contei para ela que no sábado eu iria à feira ajudá-la com as vendas, ficou muito animada e disse: “Que chique bem”. Depois dessa conversa tive que me despedir, mas ainda transitamos pela lojinha e conversamos sobre algumas peças que estavam por lá e as histórias por trás delas. Algumas são de pessoas que vieram dar cursos, lembranças, umas foram encomendas da XSNH. Ao final ela foi me deixar na calçada e disse “vá com Deus e volte com ele no sábado pra gente vender bem muito na feira”.

### **23/03/2019 – SÁBADO DE FEIRA**

Cheguei à feira um pouco tarde por estar resolvendo algumas questões, mas a tempo de observar algumas situações. Dona Lourdes estava sentada na porta da loja Narciso e desanimada, ao lado estava sua filha Carla, ao outro sua neta Luiza. Apareci animada dando bom dia e perguntando das vendas, parecia que o dia não estava muito bom, a feira estava fraca ao ponto de as artesãs estarem com vontade de recolher as coisas antes do previsto.

Apesar disso vivi duas coisas que foram memoráveis naquele dia. Uma delas foi o teste do pote, a outra foi o surgimento da filha de uma antiga loiceira. Um homem adulto, com mais ou menos 40 anos se aproximou das peças e perguntou o preço do pote, dona Lourdes respondeu. Ele rapidamente pegou o pote que lhe interessava e deu uma batidinha, pagou, jogou a peça no ombro e foi embora. Lembrei que já vi essas batidinhas muitas vezes na feira e comentei com Carla sobre isso, ela disse que era porque se a batida fosse fraca era sinal que o pote estava quebrado, se fosse forte é porque o pote era bom, outra comunicação simbólica da feira.

Algum tempo depois aparece Fátima, 65 anos, filha de uma descendente de indígena loiceira. Ela se aproximou devagar para apreciar a louça e começou a conversar sobre sua

admiração pelas peças e as lembranças que lhe sucederam através delas. Residia no sítio com a família e ajudava a mãe a fazer peças por encomenda, pois “naquele tempo só se usava coisas de barro”. Ela também atentou para as doenças que são contraídas pelo alumínio, principalmente o câncer, como já havia conversado com dona Lourdes outro dia. É notório que a comida sem agrotóxicos e as louças sem resíduos formava uma população mais saudável e isso remete ao apego as panelas e potes de barro. Ela contou que sua mãe já tem mais de 90 anos e agora reside na cidade, já não se lembra de tantas coisas. Seu sonho era cursar medicina, mas a pobreza não garantiu os estudos, mais tarde acabou se formando em Filosofia, mas trabalhava como secretária de um consultório. Fátima precisou ir, mas me desejou sorte na pesquisa.

### **25/10/2019 – SEXTA-FEIRA**

Hoje fui visitar dona Lourdes, queria saber como ela estava na vida e no trabalho. Cheguei a sua casa cedinho, ela já estava varrendo a loja e galpão. Na sexta diz que é dia de “descanso”, mas usa como adiantado para realizar outras atividades. Conversamos um pouco sobre as questões diárias e as vendas e tomei um café. Ela disse que ia molhar o barro, me propus a ajudar e dessa vez não enfrentei tanta resistência. A técnica é muito parecida com a hidratação de massas de milho e tapioca, são os exemplos que já tenho prática, mas o barro pesa uma tonelada quando adere à água e é preciso aquela força pra misturar e bater. Dona Lourdes riu de mim nas primeiras vezes e todo o esforço físico revertido em expressões faciais de dor, suas mãos fazem aquilo brincando. É preciso encontrar um ponto ideal e este só com a experiência, mas insisti que dessa vez daria certo, “está melhorando”, ela disse.

Geralmente os artesãos misturam o barro através da pisada, questionei se ela não achava melhor dessa forma. Ela me contou que antigamente se molhava o barro com os pés, mas a etapa foi modificada para as mãos, pois ela suspeita que seu problema no joelho se deu por forçar muito a perna nesse processo.

Além disso, me contou que construiu um projeto para o FUMINC para realizar oficinas para as escolas e o dinheiro arrecadado será revertido para reformar a máquina que elas ganharam da Santa Maria, mas que não tem um sistema adequado para o trabalho. Com essa máquina funcionando elas diminuem a etapa de pisar o barro manualmente. Essa atividade é realizada por seu Zaga, mas ele está doente e os problemas de coluna tem impossibilitado o serviço que também é pesado.



### **28/12/2019 – SÁBADO DE FEIRA**

Fui à feira no sábado, cheguei por volta das 09h, o sol já estava pegando fogo e dona Lourdes estava sozinha nas vendas. Quando me viu, deu uma risada “não acredito que tu veio.” e de repente as inúmeros clientes chegaram. Potes, panelas, pratos, descontos. A frase que mais ouvi nesse dia foi “quem não chora não mama”. Há tempos não via uma feira tão movimentada, lucrativa e quente. Nossos “pinhaços” ferviam, mas dona Lourdes estava muito satisfeita com as vendas e me disse “venha mais vezes porque foi só você chegar que trouxe os clientes”. Também ouvi os mesmos discursos de sempre sobre a “carestia” e a ignorância das pessoas diante do processo de produção. Uma família veio e comprou inúmeras panelas enquanto a filha pequena não tirava o olho do porquinho de moedas e ao final Dona Lourdes lhe presenteou como um brinde pelas compras realizadas.

### **01/08/2020 – SÁBADO DE FEIRA**

Cheguei às 08h na feira, entre máscaras e olhares desconfiados dentro de uma das maiores crises sanitárias do mundo. Os apertos de mão, parte dos protocolos essenciais nos costumes calorosos dos sertanejos, neste momento, podem ser fatais. Dona Lourdes não me reconheceu de máscara, mas ficou muito surpresa com o nosso encontro. Ela passou três meses sem ir à feira cumprindo o isolamento social como medida preventiva, já que a mesma também se encontra em “zona de risco”. O vírus não cessou, mas as contas precisaram ser pagas e apesar do auxílio garantido pela secretaria de cultura, a demanda pelo sustento é muito maior. Durante esse tempo dona Lourdes falou que recebeu algumas encomendas e estas a salvaram nesse contexto tão complicado.

Conversamos sobre a situação toda, ela estava receosa, mas tomando todas as precauções necessárias. Disse-me que apesar de tudo as vendas não estão ruins, o gás aumentou muito devido a inflação e as pessoas têm buscado mais panelas de barro para cozinhar a lenha, e, de fato, foi uma das melhores feiras em que já estive em relação aos lucros. Em compensação, seu Zaga está muito doente e não pode mais trabalhar, então dona Lourdes precisa dar conta de toda a preparação do barro para a produção das peças, que antes tinha o auxílio do marido.

Dessa vez, especificamente, a produção estava permeada por novas criações de castiçais e incensários. Um dos clientes percebeu e comentou que tinha muita coisa nova desde a sua ida à feira e dona Lourdes respondeu “tem que renovar que toda a vida a mesma

coisa enjoa”. A artesã recebeu uma visita de uma mulher que mora próximo à Terra molhada, o sítio que ela residia antes de vir para o bairro São José. Informou-se sobre todos, pois há muito não anda por lá e perdeu contato com muitas pessoas. Essa mesma mulher é apaixonada por suas louças, já tem um pequeno estoque das peças de dona Lourdes que pintou com esmalte para personalizar, desta vez ia levando mais algumas para suas netas.

Atendi algumas pessoas, uma delas aproximou-se de mim e perguntou se eu já tinha assistido “Ghost: Do outro lado da vida”, aquele filme com Patrick Swayze. Pois é, ela disse que lembra muito dele quando vê as louças de barro, por causa daquela cena do casal modelando um vaso no torno. Já vi muitas pessoas lembrarem-se das suas mães, da infância, ou qualquer tipo de nostalgia pela louça alcançar um passado longínquo, mas é a primeira vez que me fazem referência a um filme.

Lúcia também estava por lá, lamentando a pandemia e tudo o que tinha acontecido nesse meio tempo, ela disse que está esperando que a situação melhore, pois pretende parar de trabalhar com as louças. Pretende deixar o bairro São José e voltar para a zona rural, “lá é mais frio, tem mais espaço pra criar bicho, cuidar de planta, viver sossegada”, diz ela.

A feira tem terminado mais cedo, às 11h dona Lourdes já começa a guardar as peças, talvez parte do protocolo de cuidados, já que a partir desse momento o movimento cai e só resta a insolação e o torpor.